



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Adriana Barbosa Guimarães

**O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (Lc 9,51-
19,46) e a cultura do encontro nas viagens de Francisco:
Uma epifania do Reino**

Mestrado em Teologia

São Paulo

2021



Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

Adriana Barbosa Guimarães

**O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (Lc 9,51-19,46) e a
cultura do encontro nas viagens de Francisco:
Uma epifania do Reino**

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof. Dr. Boris Agustin Nef Ulloa.

São Paulo

2021

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

E-mail: adribguimaraees.teologia@gmail.com

Ficha

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

G963 Guimarães, Adriana Barbosa
O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém
(Lc 9,51-19,46) e a cultura do encontro nas viagens
de Francisco: Uma epifania do Reino /
Adriana Barbosa Guimarães. -- São Paulo: [s.n.],
2021.
143p ; cm.

Orientador: Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Teologia.

1. Evangelho segundo Lucas. 2. Encontro. 3. Reino
de Deus. 4. Epifania. I. Ulloa, Prof. Dr. Boris
Agustín Nef. II. Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Teologia. III. Título.

CDD

Adriana Barbosa Guimarães

O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (Lc 9,51-19,46) e a
cultura do encontro nas viagens de Francisco:
uma epifania do Reino

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção do
título de MESTRE em Teologia Bíblica, sob a
orientação do Prof. Dr. Boris Agustín Nef Ulloa.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa – PUC-SP (Orientador)

Dr. Pe. Marcial Maçaneiro – PUC-PR

Prof. Dr. Matthias Grenzer – PUC-SP

Aos meus amados pais, Reginaldo (*in memoriam*) e Alcinda,

À minha amada irmã Rose,

Aos meus amados sobrinhos Cristiane, Margot e Victor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Previamente ao apoio da bolsa CAPES, este estudo contou com a ajuda de *bolsa parcial* da Adveniat, obra de solidariedade da Igreja Alemã com a América Latina.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e do chamado a segui-lo,

À minha mãe, exemplo de mulher forte e perseverante,

À minha família,

Ao Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa, pela valiosa orientação,

Aos professores da banca de qualificação: Prof. Dr. Matthias Grenzer e Prof. Dr. Pe. Donizete José Xavier, pelas sugestões,

Aos professores da banca de defesa, por acolherem o convite de participar deste momento conclusivo da pesquisa e de mais esta etapa de meu aprendizado,

A todos os professores e colaboradores da Faculdade de Teologia, pelo apoio,

A cada pessoa que confiou em mim e colaborou com a realização dessa pesquisa.

[...] O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo [...].

Francisco em *Evangelii Gaudium* 88

GUIMARÃES, Adriana Barbosa. *O encontro na viagem de Jesus rumo a Jerusalém (Lc 9,51-19,46) e a cultura do encontro nas viagens de Francisco: Uma epifania do Reino.*

RESUMO

O encontro é o meio privilegiado mediante o qual Deus revela a si mesmo e ao seu desígnio de salvação para o ser humano. Esta pesquisa propõe uma análise da dimensão epifânica do *encontro* como categoria teológica no texto da viagem de Jesus da Galileia a Jerusalém (Lc 9,5–19,46) e nas viagens apostólicas do Papa Francisco fora da Itália. Analisar o sentido teológico desta categoria na Sagrada Escritura e na vida da Igreja, para ser testemunhas do Cristo hoje, vem a ser uma contribuição, para a Igreja e a sociedade atuais, que experimentam de diversas formas a fragilidade das relações e dos laços humanos. Busca-se verificar a hipótese de o encontro ser epifania do Reino de Deus nos gestos e palavras de Jesus e, hoje, de modo especial, nos gestos e palavras de Francisco. O estudo lexicográfico do *encontro* no evangelho lucano, identifica verbos e expressões no texto grego que se referem a esta categoria em diversas nuances, amplia a sua compreensão e indica diversos gestos e atitudes que o precedem e acompanham. Uma particularidade do encontro como epifania do Reino na perspectiva lucana é a presença do conflito: ser epifania do Reino de Deus implica, também, ser sinal de contradição (cf. Lc 2,34). A manifestação do Reino de Deus requer uma transformação ou inversão da realidade que contradiz seu projeto de salvação, o que ocasiona “desencontros” com aqueles que se opõem. Por sua vez, na sequência, mediante a pesquisa bibliográfica, estuda-se a categoria encontro nas palavras e gestos do Papa Francisco, no viés da cultura do encontro, que ele convida a construir desde o início do seu pontificado. Identifica-se o dinamismo desta cultura e como Francisco a vivencia partindo de Cristo e indo ao encontro dos irmãos nas periferias do mundo para curar suas feridas, dar vida e gerar comunhão. A exemplo de Jesus, a Igreja peregrina e sinal de contradição, desde a ascensão do Senhor, continua em viagem para ser testemunha do Cristo Morto-Ressuscitado, partindo de Jerusalém até os confins da terra (cf. At 1,8). Hoje continua a responder ao chamado e envio de Jesus de a ir ao encontro do irmão, para ser sinal do Reino de Deus, que se manifesta de muitas formas, de modo especial na misericórdia e compaixão, evidenciadas na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37). Este pode ser considerado o grande ensinamento de Jesus sobre o encontro e Francisco propõe a figura deste samaritano como modelo a ser contemplado, um ícone iluminador para o desenvolvimento da fraternidade e amizade não apenas entre aqueles que compartilham a fé cristã, mas em toda a sociedade.

Palavras-chaves: encontro, epifania, Reino de Deus, evangelho segundo Lucas, sinal de contradição.

ABSTRACT

When we speak of “encounter”, we mean the privileged means by which God reveals himself and his plan of salvation to human beings. This research proposes an analysis of the epiphanic dimension of encounter as a theological category in the text of Jesus’ journey from Galilee to Jerusalem (Lk 9,5–19,46) and in Pope Francis’ apostolic journeys outside Italy. An analysis of the theological meaning of this category in Sacred Scripture and in the life of the Church, has something to contribute to the Church and society today, who experience in various ways the fragility of human relationships and ties, and seek to be modern-day witnesses of Christ. We seek to verify the hypothesis that an encounter is an epiphany of the Kingdom of God in the gestures and words of Jesus and, today, in a special way, in the gestures and words of Francis. The lexicographic study of the encounter in the Lucan gospel, identified verbs and expressions in the Greek text that refer to this category in different nuances, broadens its understanding and indicates various gestures and attitudes that precede and accompany it. A particularity of encounter as an epiphany of the Kingdom in the Lucan perspective is the presence of conflict: being an epiphany of the Kingdom of God also implies being a sign of contradiction (cf. Lk 2,34). The manifestation of the Kingdom of God requires a transformation or inversion of reality that contradicts his saving-plan, which causes “mis-encounters” with those who are opposed. Subsequently, through bibliographic research, the category of encounter is studied in the words and gestures of Pope Francis, from the perspective of the culture of encounter, which he has called for from the beginning of his pontificate. The study identifies the dynamism of this culture and how Francis experiences it starting from Christ and going to meet his brothers and sisters in the peripheries of the world to heal their wounds, give life and generate communion. Following Jesus’ example, the pilgrim Church, herself a sign of contradiction, has continued on a journey since the Lord’s ascension to be a witness of his Resurrection, departing from Jerusalem to the ends of the earth (cf. Acts 1,8). Today he continues to respond to Jesus’ call and command to go out and encounter others, to be a sign of the Kingdom of God, which manifests itself in many ways, especially in mercy and compassion, as evidenced in the parable of the good Samaritan (Lk 10,25-37). This can be considered the great teaching of Jesus about encounter, and Francis proposes the figure of this Samaritan as a model to be contemplated, an illuminating icon for the development of fraternity and friendship not only among those who share the Christian faith, but throughout society.

Keywords: encounter, epiphany, Kingdom of God, gospel according to Luke, sign of contradiction.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
SUMÁRIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
1 O RELATO DA VIAGEM A JERUSALÉM SEGUNDO LUCAS (9,51–19,46).....	16
1.1 Considerações gerais da obra e do evangelho lucanos	16
1.1.1 Unidade da obra lucana – Lc-At.....	17
1.1.1.1 Elementos redacionais	18
1.1.1.2 Elementos histórico-geográficos	18
1.1.2 Elementos teológicos lucanos	20
1.1.2.1 Jerusalém.....	20
1.1.2.2 A centralidade dos pobres	22
1.1.2.3 O perfil profético-messiânico de Jesus.....	25
1.2 O relato da viagem – Lc 9,51–19,46	30
1.2.1 Questões sobre a delimitação e a estrutura.....	31
1.2.1.1 Delimitação	31
1.2.1.2 Estrutura	33
1.2.2 O caminho de subida: o êxodo de Jesus	39
1.2.2.1 A viagem: estar a caminho	39
1.2.2.2 O discipulado: chamado e seguimento.....	42
1.2.2.3 Os gestos e as palavras do Messias-Profeta	43
2 O ENCONTRO COMO CATEGORIA TEOLÓGICA NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS	49
2.1 O encontro como categoria teológica.....	49
2.1.1 O encontro no dinamismo da Revelação de Deus	49
2.1.2 O encontro na reflexão teológica.....	51
2.2 Os termos gregos que significam a noção de encontro em Lc	54
2.2.1 Cinco verbos.....	54
2.2.2 Outros termos e expressões	58
2.3 Os Encontros e desencontros em Lc	65
2.3.1 Considerações preliminares.....	66
2.3.2 A multidão.....	69
2.3.3 Os discípulos	71
2.3.3.1 Os Doze.....	71

2.3.3.2 Outros discípulos mais próximos	74
2.3.4 Os opositores	78
2.3.4.1 As autoridades políticas	79
2.3.4.2 As autoridades religiosas	80
2.3.4.3 O demônio	82
3 O ENCONTRO NA VIAGEM DE JESUS (Lc 9,51–19,46) E NAS VIAGENS DE FRANCISCO.....	85
3.1 O <i>Encontro</i> na viagem de Jesus (Lc 9,51–19,46) – uma aproximação pragmática	85
3.1.1 Relação entre encontro, sinal e Reino	86
3.1.2 Sinal de Contradição: uma possível estratégia comunicativa.....	89
3.1.3 Encontro como sinal do Reino nas Palavras	92
3.1.4 Encontro como sinal do Reino nos gestos.....	95
3.2 A cultura do encontro: ser Igreja em saída.....	98
3.2.1 O que é a cultura do encontro.....	98
3.2.2 Dinamismo da Cultura do Encontro.....	101
3.2.2.1 Ponto de partida: ser encontrado por Cristo e encontrá-lo	102
3.2.2.2 O Lugar de Cristo e o lugar do discípulo missionário: o centro e a periferia....	104
3.2.2.3 Envio às periferias existenciais para “dar vida”	106
3.2.2.4 O encontro com Cristo provoca novos “encontros geradores de vida e comunhão”	108
3.3 Cultura do encontro como sinal profético nas palavras e gestos de Francisco.....	108
3.3.1 Os encontros de Francisco pelo mundo.....	110
3.3.2 O dinamismo da cultura do encontro no testemunho de Francisco.....	112
3.3.2.1 Ir ao encontro das feridas da Igreja	115
3.3.2.2 Ir ao encontro das feridas da sociedade.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida”, com um verso desta canção de Vinícius de Moraes, o Papa Francisco recorda em sua encíclica *Fratelli Tutti* (FT), que de muitas formas tem feito o pedido de que se desenvolva uma cultura do encontro, que permita a convivência e a relação com as diferenças de forma produtiva, tanto nas relações interpessoais mais próximas com familiares, amigos, colegas de trabalho, como naquelas mais estendidas que ocorrem entre culturas e nações (cf. FT 215-217).

A ciência teológica propõe uma reflexão metódica e crítica sobre o conteúdo da revelação, fonte e fundamento da vida e da ação da Igreja. Sua finalidade traduz-se em compreender e interpretar estes dados e experiências a fim de dialogar e iluminar as diversas dimensões da vida cristã e social. A partir do Concílio Vaticano II, o tema da Revelação começa a ser abordado sob uma nova perspectiva, na qual se sublinha o seu eixo fundamental: a autorrevelação de Deus que alcança sua plenitude na pessoa de Jesus. Compreende-se e propõe-se, assim, a Revelação não somente como um conteúdo doutrinal ou conjunto de verdades de fé, mas primordialmente como adesão e *encontro* com uma pessoa: Jesus de Nazaré, o Cristo. Em consonância com o espírito do Concílio, a Igreja procura se aproximar, dialogar e compreender a complexa realidade pós-moderna e, assim, estar atenta aos sinais dos tempos. Por isso, também acolhe o interesse contemporâneo pela pessoa, bem como a reflexão sobre a sua dignidade e seus direitos. Daí decorre a importância de que a teologia também preste a sua contribuição à reflexão sobre a pessoa humana como “ser em relação”, ser transcendente que é capaz de sair de si, ir ao encontro e de deixar-se encontrar. Dessa forma, uma das grandes heranças e, simultaneamente, convites do Concílio é salientar o caráter pessoal e relacional da Revelação judaico-cristã.

Aprofundar o sentido teológico da categoria encontro na Sagrada Escritura e na vida da Igreja, para ser testemunhas do Cristo hoje, vem a ser uma contribuição para a Igreja e a sociedade atuais, que experimentam de diversas formas a fragilidade das

relações e dos laços humanos¹. Nunca foi tão fácil interagir e se “relacionar” com diversas pessoas como no mundo globalizado e “conectado”. No entanto, até que ponto as pessoas que estão conectadas, pelo mundo digital, estão realmente “em relação” e “se encontram”? Essas relações são portadoras de significado e de sentido para a própria existência?

Esta pesquisa apresenta-se como continuidade do estudo iniciado no trabalho conclusivo da graduação (TCC) em teologia, naquela ocasião, sobre a categoria teológica *encontro* na vida pública de Jesus no Evangelho segundo Marcos. O objeto deste estudo é o *encontro* como categoria teológica e fundamental na revelação de Deus, mediante seus gestos e palavras, na pessoa de Jesus. De modo particular, o foco da presente pesquisa está na viagem de Jesus da Galileia a Jerusalém, narrada no evangelho segundo Lucas (9,51–19,46) e, posteriormente, no estudo da *cultura do encontro* nas viagens do Papa Francisco fora da Itália. O que significa que o Papa proponha a *cultura do encontro* como um dinamismo da evangelização, de desenvolvimento humano integral, de construção de uma autêntica fraternidade humana e amizade social?

Para empreender esse projeto, tem-se como objetivo geral analisar o “encontro” no texto da viagem a Jerusalém (Lc² 9,51–19,46) como categoria teológica, presente nas palavras e gestos de Jesus e identificar sua dimensão epifânica, isto é, o que manifestam e de que são sinal? A seguir, apresentam-se os objetivos específicos:

- 1) Identificar os *termos gregos* usados no evangelho lucano por meio dos quais se faz referência ao *encontro* e seus respectivos significados.
- 2) Analisar a dimensão epifânica do encontro nos discursos de Jesus, isto é, em suas *palavras*, ao instruir os discípulos no caminho para Jerusalém, texto da grande inserção lucana (9,51–19,46).
- 3) Analisar a dimensão epifânica do encontro na práxis de Jesus, isto é, nos seus gestos, durante o seu caminho para Jerusalém (9,51–19,46), para isso, identificar seus interlocutores, características de sua relação com eles.

¹ O sociólogo holandês, Zigmunt Bauman, dedicou a obra “Amor Líquido” a uma análise da fragilidade dos laços humanos nos relacionamentos pessoais, familiares e sociais em suas diversas formas (amizade, profissão etc.) em nossos dias. Caracteriza o homem hodierno como “homem sem vínculos” e indaga sobre como são suas relações.

² A partir deste ponto, todas as citações bíblicas no corpo do texto que não estiverem precedidas da abreviatura, referem-se ao evangelho segundo Lucas (Lc).

- 4) Analisar o dinamismo da cultura do encontro proposta pelo Papa Francisco em sua dimensão epifânica e verificá-la nas suas palavras e nos seus gestos.

A metodologia empregada foi a de pesquisa bibliográfica, especialmente de comentários bíblicos do evangelho segundo Lucas e teses doutorais que versam sobre a seção do relato da viagem ou sobre o encontro que serão especificadas a seguir, ao comentar cada capítulo.

No primeiro capítulo, o foco está na seção do relato da viagem de Jesus a Jerusalém. O objetivo deste capítulo é, na primeira parte, situar o relato da viagem de Jesus a Jerusalém (9,51–19,46) na obra lucana e, em seguida, destacar os elementos teológicos centrais do terceiro evangelho. Na segunda parte, são abordadas questões textuais, literárias e teológicas do relato do encontro: a delimitação, a estrutura e, por fim, o relato da viagem é abordado como êxodo de Jesus: Jesus é o Messias-Profeta que se põe a caminho, chama discípulos que o seguem nessa viagem e, ao longo do caminho, seus gestos e palavras são sinais da inauguração dos tempos messiânicos. O referencial teórico para este capítulo foram principalmente os estudos de Székely “Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’” (2018) e de Lockmann “O interlucano. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48” (2009).

No segundo capítulo, estuda-se o encontro como categoria teológica e, na sequência é feita uma análise lexicográfica dos termos gregos que se referem ao *encontro*. Trata-se do coração desta pesquisa, pois permitirá conhecer o que o texto bíblico compreende e testemunha sobre o *encontro* tanto nas palavras, quanto nos gestos de Jesus. O capítulo é concluído com a identificação dos grupos de pessoas com os quais Jesus se encontrou durante a viagem e as características desses encontros. É importante salientar que a metodologia seguida para a identificação dos termos gregos constou de três passos: 1) Identificação dos termos ou expressões gregos traduzidos para a língua portuguesa como *encontrar* ou *encontro*³; 2) Identificação dos termos ou expressões gregas que pudessem fazer referência à ideia de encontro ou a gestos que o precedem e que não são traduzidos por encontro/encontrar; 3) Consulta de dicionários exegéticos e teológico-bíblicos do NT, além dos léxicos do texto grego do NT.

³ O texto grego corresponde à Nestle-Aland 28 disponível no software Bible Works 10 e o texto em língua portuguesa ao texto da Bíblia de Jerusalém publicada pela Paulus (2002).

Finalmente, o terceiro capítulo oferece uma aproximação pragmática do encontro na viagem de Jesus e nas viagens do Papa Francisco. No que se refere ao relato da viagem de Jesus, optou-se por escolher duas perícopes em representação de suas palavras e gestos: a parábola do pobre Lázaro e do rico (16,19-31) e o encontro de Jesus com Zaqueu (19,1-10). A abordagem sobre as viagens de Francisco versa sobre o convite a desenvolver uma cultura do encontro. No capítulo III, foi mantida a metodologia da pesquisa bibliográfica especialmente na primeira parte. A segunda parte corresponde à ampliação e atualização de um artigo já publicado pela autora desta pesquisa e o professor orientador “Cultura do Encontro: Palavras e gestos de Francisco” (2019). Espera-se que este trabalho possa ser uma humilde contribuição para o anúncio do Reino do Deus que não se cansa de ir ao encontro de cada ser humano!

1 O RELATO DA VIAGEM A JERUSALÉM SEGUNDO LUCAS (9,51–19,46)

O objetivo deste capítulo será, na primeira parte, situar o relato da viagem de Jesus a Jerusalém (9,51–19,26) na obra lucana e em seguida, destacar alguns elementos teológicos do terceiro evangelho. Na segunda parte, o foco se dirigirá ao relato da viagem, pela abordagem de questões sobre a delimitação, a estrutura e, por fim, a caracterização da viagem como êxodo de Jesus. O comentário bíblico-teológico desta seção do evangelho lucano oferecerá os elementos de contexto dos encontros e desencontros de Jesus durante a viagem a Jerusalém que serão referenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

1.1 Considerações gerais da obra e do evangelho lucanos

Há consenso em reconhecer a autoria de Lucas e dos principais testemunhos antigos extrabíblicos pode-se deduzir, além da autoria, que era um sírio de Antioquia, que escrevera um evangelho derivado de Paulo, cuja redação pode ter sido na Acaia – Roma ou Bitínia. Do NT se deduz a profissão de médico e de que foi colaborador de Paulo⁴. Não há consenso enquanto a se Lucas pertenceu à segunda ou à terceira geração de cristãos.

Os estudiosos consideram a datação do evangelho como posterior ao ano 70 d.C., sendo mais provável entre os anos 80 e 90 d.C. A redação teria se dado no contexto histórico das guerras judaicas⁵, que culminaram com a tomada de Jerusalém pelos romanos e a destruição do Templo. Nos anos posteriores a estes acontecimentos, Lucas escreve em um ambiente de frustração por parte dos judeus e de cansaço por parte dos cristãos que haviam sido perseguidos e estavam desanimados pela demora da Parusia. Tal contexto dotou a experiência daqueles cristãos de uma carga teológica e histórica particulares. O evangelista escreve para uma comunidade missionária, composta principalmente por gentios, que se encontravam em um ambiente de hostilidades internas e externas: o questionamento sobre a fidelidade do Deus dos judeus que deixara seu templo ser destruído. O que esperar desse Deus? Lucas demonstra que Deus foi fiel e

⁴ Cf. KARRIS, R.J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.E.; FITZMEYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 217-218.

⁵ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 48.

cumprir em Jesus suas promessas e nelas inclui a todos os que haviam sido rejeitados: samaritanos, publicanos ricos, estrangeiros, pobres, mulheres, os pequeninos. O cumprimento das promessas de Deus em Jesus passa pela instituição dos Doze e se estende a todos, já que ele vem para buscar e encontrar os que estavam perdidos⁶. A comunidade parece necessitar romper com seu ritualismo farisaico, conservando aquilo que foi recebido pela tradição dos antigos e Jesus apresenta-se como o profeta que liberta da forma farisaica de compreender a lei⁷.

O prólogo identifica o destinatário do evangelho como Teófilo, que talvez fosse alguém da comunidade ou o nome que designava aos amigos de Deus⁸. Para conhecer o *Sitz im Leben* da comunidade lucana é necessário recorrer às fontes que trazem as questões vividas por ela. Essa igreja vivia a realidade da irrupção do Reino de Deus na pessoa de Jesus havia quarenta anos⁹. Provavelmente, Lucas pretendia “sacudir” àqueles que haviam se acomodado, por isso, traz uma nova narrativa, que vai além da tradição sinótica e faz emergir a figura do pobre como destinatário privilegiado da obra de salvação do Messias-Profeta Jesus (cf. 4,18). Segundo Lockmann, Lucas pretende reforçar o perfil messiânico-profético de Jesus, não evidenciado suficientemente nas tradições escritas disponíveis em seu tempo¹⁰. Jesus assume a postura de Messias-Profeta. Na esteira dos profetas, ele lamenta que Jerusalém não tenha reconhecido a visita de Deus e, por isso, preconiza a destruição da cidade (Lc 19,43-44) e do Templo (Lc 21,5-6)¹¹.

1.1.1 Unidade da obra lucana – Lc-At

Algo particular do terceiro evangelho é que é o único escrito do NT que possui “uma continuação com perspectivas próprias no aspecto literário, didático, apologético, geográfico, histórico e teológico”¹²: o livro dos Atos dos Apóstolos (At). A partir do séc.

⁶ Cf. KARRIS, R.J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.E.; FITZMEYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit.) Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 217-218.

⁷ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 58.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 58.

⁹ Cf. *Ibid.*, p. 56.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 56-58.

¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 47-48.

¹² FITZMEYER, J. A. El Evangelio Según Lucas. Madrid: Ed. Cristiandad, 1986, Tomo I, p. 22 apud LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 47.

XX, surgiram estudos que contemplavam Lc-At de forma unitária e não mais separadamente¹³.

1.1.1.1 Elementos redacionais

Os dois escritos têm semelhanças no vocabulário e estilo literário, iniciam com um prólogo com o mesmo destinatário – Teófilo, o segundo prólogo reconhece a existência de um primeiro livro e de fato os dois escritos formam uma obra¹⁴. Casalegno comenta também um elemento muito relevante para esta pesquisa:

[...] a insistência do evangelista em apresentar Jesus como profeta itinerante, sempre de viagem, aponta, como já notamos, para a narração dos Atos que destaca o incansável trabalho apostólico dos primeiros missionários, por meio dos quais o evangelho chega até Roma, que é o centro do Império Romano e o lugar onde o paganismo reina soberano. A própria ordenação dos dois livros lucanos tem também o objetivo de realçar que a força que anima e sustenta a missão da Igreja é o evento da morte e da ressurreição de Jesus¹⁵.

Jesus está sempre a caminho e, especificamente na seção da viagem da Galileia a Jerusalém, Jesus caminha para a sua páscoa: isto é para a sua paixão-morte-ressurreição, cujo destino final é ir para o Pai – ascensão/assunção (cf. 9,51; 24,50-51).

1.1.1.2 Elementos histórico-geográficos

O Templo e a cidade de Jerusalém eram os centros do poder político e religioso. No séc. I d.C., a cidade foi palco de revoltas populares, cujos desdobramentos, já mencionados, foram o cerco à cidade e sua destruição por parte dos romanos, por volta de 70 d.C. Os judeus sofreram perseguição, que se estendeu também aos cristãos. Tais acontecimentos marcaram a Igreja primitiva¹⁶.

¹³ Cf. ULLOA, B.A.N. **A Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-39)**: O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 21-23.

¹⁴ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 227-233. O autor destaca ainda outros elementos também importantes, a saber: 1) a inclusão pela expressão τὸ σωτήριόν – traduzido por “salvação”, que se refere a uma realidade concreta, a salvação em si, que ocorre no início do evangelho lucano (2,30; 3,6) e no final da obra lucana em At 28,28; 2) a “dobradiça”, que à correspondência entre os termos finais do evangelho e iniciais de At; 3) a semelhança da conclusão dos dois livros.

¹⁵ *Ibid.*, p. 228.

¹⁶ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 205-206.

No evangelho lucano, Jerusalém recebe um grande destaque, já que todo o relato se orienta a esta cidade que é o centro do judaísmo¹⁷. O evangelho inicia e conclui no Templo (cf. 1,8-9; 24,53). Após o prólogo, o relato lucano começa com a aparição do Anjo Gabriel a Zacarias no Templo de Jerusalém (1,5-25). A cidade apresenta-se como meta da última viagem de Jesus e, também, o lugar geográfico-teológico a partir do qual há uma nova expansão a ser desenvolvida na segunda parte da obra lucana: os Atos dos Apóstolos. Casalegno afirma:

No evangelho há, pois, um movimento centrípeto para Jerusalém e em Atos dos Apóstolos um movimento centrífugo a partir de Jerusalém. A cidade se torna, assim, o ponto de convergência de toda a narração do evangelho e o ponto de partida da missão que se desenvolve em Atos.

A geografia lucana está, pois, em função da teologia do autor, que procura destacar a centralidade de Jerusalém, lugar da morte e ressurreição de Jesus e âmbito de onde começa a evangelização da Igreja¹⁸.

Os últimos acontecimentos em Jerusalém evidenciam a conexão Lc-At. Veja-se a seguir os diversos elementos que se identificam no final de Lc e início de At:

Categorias	Lc	At
Menção à paixão e ressurreição de Jesus como o Cristo	24,46;	1,3a
Necessidade da exortação ao arrependimento dos pecados e conversão/Anúncio do Reino de Deus	24,47	1,3b
Universalidade da salvação	24,47	1,8
Jerusalém como lugar dos eventos decisivos da salvação/ponto de partida para a expansão do anúncio do querigma	24,47.49.53	1,4
Os discípulos como testemunhas do Cristo Morto e Ressuscitado	24,48	1,8
Compromisso de Jesus em enviar o Espírito prometido pelo Pai/ser revestidos com a força do alto	24,49	1,5.8
Cumprimento da assunção de Jesus	24,50-51	1,10-11

Jesus os conduz até Betânia onde é elevado aos céus à vista deles (24,50-52a) e os discípulos voltam para Jerusalém até que recebem a força do Alto, o Espírito Santo (24,52b-53; At 1,5.8; 2,1-13). Desde então, o anúncio do Reino parte de Jerusalém para os confins da terra (cf. At 1,8).

¹⁷ Cf. CASALEGNO, A. Lucas: **A caminho com Jesus missionário**: Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 228.

¹⁸ *Ibid.*, p. 231.

1.1.2 Elementos teológicos lucanos

1.1.2.1 Jerusalém¹⁹

No mundo bíblico, Jerusalém tem um papel fundamental. No entanto, o nome e a cidade são anteriores ao povo de Israel e remontam aos cananeus. Veja-se o que explica Schultz:

Los israelitas encontraron el nombre de Jerusalén como designación de la primitiva ciudad-estado cananea (cf. Jos 10,1) y lo hicieron suyo. Hasta tiempos muy recientes no se dilucidó la etimología de este nombre. La denominación cananea equivale a «fundación de Salem», es decir, de un dios que, según los textos ugaríticos, personificaba al crepúsculo vespertino. Tenía su santuario en la localidad que originariamente estaba sobre la colina de Sión. En la historia posterior Jerusalén vino a ser el nombre de todo el asentamiento, el cual se iba extendiendo cada vez más. Aun después de la conquista de la ciudad por David, sigue manteniéndose el nombre. Con todo, se encuentra también el calificativo de «ciudad de David», el cual sin embargo más tarde sólo se empleó para designar la parte antigua de la ciudad. A veces Sión, Jerusalén y ciudad de David son equivalentes, (cf. 2Sam 5,6ss; 1Re 8,1; 1Cr 11,4ss; 2Cr 5,2ss)²⁰.

Jerusalém, no AT é considerada de forma ambivalente: cidade da esperança e cidade perdida, idolátrica que precisará de purificação para tornar-se santa. Como cidade régia e capital política, a partir do traslado da arca da Aliança para o templo, Jerusalém torna-se um centro religioso e espiritual mesmo após a dissolução da unidade política. Torna-se a cidade santa (cf. Is 48,2; 52,1) e, especialmente nos anos do exílio (cf. Sl 137/136), em meio a diversas concepções (cf. Jr 34,38-40), forma-se a ideia de que Jerusalém será o ponto de convergência ao qual todos os povos acorrerão e o monte santo será casa de oração para todos os povos (cf. Jr 3,17; Is 56,7). Contudo, os profetas mostram uma visão diferente e denunciam o pecado e a idolatria de Jerusalém, manifesta no comportamento do povo e de seus governantes que não querem se converter e fazer penitência (cf. Jr 6,22-30; Is 32,9-13). Por isso, a cidade seria julgada (cf. Jr 4,3ss) e após sua purificação o Senhor a abençoará e ela será bênção para todo o mundo (cf. Is 2,2ss; 24,23; 40; Zc 8,15; Jl 4,17-21; Ez 47,1ss)²¹.

¹⁹ Este item está em continuidade com quanto já foi apresentado sobre Jerusalém ao destacar os elementos histórico-geográficos sobre a unidade da obra lucana.

²⁰ SCHULTZ, H. (Ἱερουσαλήμ) Jerusalén. In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento II**. 3 ed. Salamanca: Sígueme, 1990, 373.

²¹ Cf. SCHULTZ, H. (Ἱερουσαλήμ) Jerusalén. In: *Ibid.*, p. 374.

Por sua vez, no NT, Jerusalém é mencionada 138x²². Nos evangelhos ocorre 12x em Mt, 10x em Mc, 12x em Jo e 31x em Lc – sendo 4x na forma Ἱεροσόλυμα e 27x na forma Ἱερουσαλήμ. As ocorrências em Lc são praticamente o triplo das ocorrências nos demais evangelhos, o que indica a sua relevância para o evangelista. No entanto, o emprego do nome Jerusalém, tem especialmente em Lc e, mais ainda no relato da viagem, uma função teológica, baseada no pensamento teocrático de que Jerusalém é o centro do mundo. Por essa razão, Jesus teve que ir a Jerusalém, para cumprir sua missão no centro da fé veterotestamentária (cf. 9,31)²³. A cidade é o destino da última viagem de Jesus (9,51), a referência a ela marca o ritmo da caminhada em vários momentos (13,22; 17,11; 18,31; 19,28). Alguns autores propõem a perícope 13,31-35 como o centro da seção da viagem. Em Jerusalém, Jesus é rejeitado pelas instituições teocráticas – os sacerdotes e os escribas (cf. 22,52-71), que provocam a autoridade política a condenar Jesus à morte (cf. 23,1-25). Todavia, mesmo sendo rejeitado pelas autoridades religiosas, Jesus que aceita a morte na cruz como meio para a salvação do ser humano (cf. 22,25-20), é acolhido pelo Pai (cf. 9,51; 23,46; 24,50-51).

Em Jerusalém, no evangelho da infância, já surge o conflito como chave hermenêutica na contraposição entre os pobres e marginalizados, representados por aqueles que esperam a redenção de Israel e o grupo das autoridades religiosas. O velho Simeão profetiza que aquele menino (Jesus) seria “sinal de contradição” já que inverteria as situações e revelaria os segredos dos corações (cf. 2,34-35).

Como podemos ver, a irrupção do tempo salvífico vai ocupando a terra da Galileia, passando por Samaria e seguindo rumo a Jerusalém; de Jerusalém retomara o caminho de volta, Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra, ou seja, Lucas prepara a nova marcha profética e evangelizadora, realizada por Jesus, e que também se realizará pela Igreja (Atos 1.8). Para Jerusalém e a partir Jerusalém²⁴.

Às portas da cidade, o povo aclama Jesus que, por sua vez, aprova tal aclamação (cf. 19,39-40). Porém, os fariseus, enraizados em sua resistência, solicitam que Jesus repreenda os seus discípulos. Esse é um sinal prévio da rejeição que culmina com a sua

²² Caso não se indique exceção, as informações sobre o número de ocorrências dos termos gregos dos textos bíblicos correspondem à consulta no software Bible Works 10.

²³ Cf. SCHULTZ, H. (Ἱερουσαλήμ) Jerusalén. In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento II**. 3 ed. Salamanca: Sígueme, 1990, 374.

²⁴ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 176-177.

morte²⁵. Mesmo com a acolhida, Jesus lamenta que Jerusalém não reconheça a visita de Deus. Por isso, chora ao contemplar a cidade do Monte das Oliveiras e lamenta o porquê não se deixam salvar e não reconhecem o Reino já presente pela paz trazida pelo Messias. Em seguida, Jesus emite um juízo profético sobre a cidade, que, de fato, foi destruída em 70 d.C. (cf. 19,41-44). É o lugar da morte dos profetas, por isso Jesus poderia antever o desfecho de sua marcha (cf. 13,31-35)²⁶ e, assim, a cidade que rejeitara os profetas que lhe haviam sido enviados, permanece em sua rebeldia e não corresponde à eleição de Deus, não reconhece a visita de Deus na pessoa de Jesus²⁷. Na perspectiva teológica lucana, a cidade foi o lugar do fim da viagem histórica de Jesus e do início da missão da Igreja na vida e ação dos discípulos.

1.1.2.2 A centralidade dos pobres

No evangelho da infância, os pobres e os marginalizados são apresentados como sujeitos históricos nas pessoas de Jesus, José e Maria, os pastores, Zacarias e Isabel, Simeão e Ana²⁸. O cântico de Simeão anuncia a justiça e a redenção aos marginalizados. Lucas evidencia a presença dos pobres na atuação do ministério tanto de João Batista como no de Jesus.

Segundo Lockmann, o fato de Jesus iniciar seu ministério na Galileia é um sinal profético de denúncia: partir da periferia para o centro²⁹. A Galileia surge como um contraponto em relação a Jerusalém. A sinagoga de Nazaré na região da Galileia foi o cenário escolhido por Jesus para iniciar o anúncio da βασιλεία, isto é, do Reino de Deus. A Galileia era um território sob a autoridade de Herodes Antipas³⁰ até o ano de 39 d.C. e sofreu revoltas políticas por motivos econômicos, em especial, a exploração dos pobres, que dependiam da agricultura e forneciam suprimentos para as outras regiões. Era uma região rica, mas empobrecida pela cobrança dos impostos. Situava-se em local estratégico na rota comercial das caravanas que iam de Damasco à Cesareia Marítima³¹. Sua principal atividade econômica era o comércio. Local de muita diversidade cultural, já que havia

²⁵ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 189.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 204-205.

²⁷ Cf. *Ibid.*, p. 189-190.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 54.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 75.

³⁰ Tetrarca da Galileia de 4 a.C. a 39 d.C. e filho de Herodes, o Grande.

³¹ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 77.

acolhido as migrações gentílicas e os judeus que migraram atraídos pelas terras férteis³². Porém, a população rejeitava a dominação estrangeira imposta pelos romanos.

A presença de Jesus vai representando o começo do reino; já não há o que esperar, está chegando. À medida que os pobres vão sendo curados, resgatados em sua dignidade, aumenta as multidões em torno de Jesus. Com isto, o discurso de Jesus torna-se escândalo e ameaça³³.

O anúncio do ano jubilar foi o conteúdo do discurso de Jesus na sinagoga de Nazaré ao inaugurar seu ministério público. Tal anúncio tinha consequências políticas e sociais, já que denunciava as desigualdades e se opunha ao poder dos opressores políticos e religiosos. Um novo tempo foi anunciado, o ano da graça do Senhor e, com ele: uma nova criação pela unção do Espírito; uma nova ordem – o Reino de Deus e uma nova comunidade; cujo ideal é o anúncio da boa nova aos pobres, oferecendo-lhes uma resposta imediata e eterna, hoje e amanhã. O ano da graça do Senhor tem sua epifania na comunhão, na libertação dos escravos e na restauração do direito dos pobres³⁴. Casalegno chama a atenção para o destaque que a função de evangelizar os pobres, já que esta depende do verbo ungir – “me ungiu”, enquanto as demais funções – proclamar a liberdade aos cativos, a recuperação da vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos depende do verbo enviar – “me enviou” (cf. 4,18)³⁵. Os pobres, destinatários privilegiados da ação evangelizadora de Jesus, são todas aquelas pessoas desamparadas, “todos aqueles que vivem uma existência que não corresponde ao projeto de Deus em relação à vida humana tal como se apresenta”³⁶.

Segundo Lockmann, “nas bem-aventuranças de Lucas, Jesus passa de mestre a profeta”³⁷. O autor afirma, ainda, que as bem-aventuranças repercutem na viagem a Jerusalém e argumenta com três justificativas:

Primeiro, porque as bem-aventuranças em Lucas são uma contribuição teológico-literária típica de Lucas, e cooperam no esforço de entender a teologia de Lucas, e própria da redação do evangelho. Segundo, porque nelas a contraposição com os ais, exacerbam o contraste através do paralelismo, levando do gênero sapiencial que é típico das bem-aventuranças, para o profeta, quando se ouve as sentenças proféticas dos “ais”, demonstrando com

³² Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 76-77.

³³ *Ibid.*, p. 84.

³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 86-89. A abordagem do tema do ano jubilar continuará no subitem da marcha messiânico-profética.

³⁵ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 292.

³⁶ *Ibid.*, p. 293.

³⁷ LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 89.

clareza o perfil de Jesus como profeta. Terceiro, porque no centro das bem-aventuranças está o pobre, um dos eixos fundamentais do Evangelho de Lucas, também sublinhado no centro da tese que é o capítulo da Viagem a Jerusalém. O contraste entre pobre e rico é o objeto de alguns momentos, entre eles a parábola do rico e do Lázaro (Lc 16.19-31); nelas estão presentes o tema vital da vinda do reino, a esperada intervenção de Deus na história, através de um messias-profeta como preferiu Lucas³⁸.

Jesus proclama as bem-aventuranças com o olhar posto nos discípulos e declara que os pobres, os que não possuem nada ou muito pouco nesta terra são felizes porque possuem o Reino; os que estão vulneráveis pela fome serão saciados; aqueles que choram serão consolados, os que sofrem por causa do Filho do Homem experimentarão a alegria³⁹. Conclui Lockmann: “as bem-aventuranças preparam os discípulos, e a igreja de Lucas, para a rejeição e perseguição”⁴⁰.

Os pobres e os marginalizados são os sujeitos centrais no relato da viagem. O uso do termo pobre/pobres (πτωχός/πτωχοί) ocorre 9x em Lc e 4 delas no relato da viagem. Destes apenas 1 provém da fonte Mc. Em Mt, Mc e Jo aparece 5x em cada um. Nas bem-aventuranças, os pobres se referem a uma categoria socioeconômica e não apenas a pessoas que vivem a virtude da pobreza ou do desapego⁴¹. Porém, é importante afirmar que não se restringe à questão material, os pobres são todos aqueles que de alguma forma se encontram à margem, aqueles que estão fora da salvação, porque Jesus veio para encontrar e salvar o que estava perdido (cf. 19,10). Os pobres são sujeitos históricos⁴² e o Reino lhes pertence (cf. 6,20). Reino que se manifesta na pessoa de Jesus, em suas palavras e gestos, cumprimento das promessas de Deus (cf. Lc 6,20-26; 7,16-29; 9,14; At 2,42-47).

As bem-aventuranças, dirigidas aos pobres, representam, portanto, a declaração de que a pobreza, a miséria e o sofrimento são realidades negativas que devem desaparecer com a chegada do Reino, porque Deus é Deus, porque ele é justo, e é por excelência o libertador dos necessitados. Com efeito, Deus “não faz acepção de pessoas nem se deixa corromper com presentes, faz justiça ao órfão e à viúva, ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa” (Dt 10,17-18)⁴³.

³⁸ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 89.

³⁹ Vale recordar que na sequência narrativa, Lucas – diferente de Mt 5,1-12 – reforça as bem-aventuranças (6,20-23) mediante as advertências dos “ais” (6,24-26), em uma perspectiva invertida.

⁴⁰ LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 93.

⁴¹ Cf. CASALEGNO, A. Lucas: **A caminho com Jesus missionário**: Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 296-298.

⁴² Cf. LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 118.

⁴³ CASALEGNO, A. *op. cit.*, p. 300.

1.1.2.3 O perfil profético-messiânico de Jesus

Já no evangelho da infância ocorre também uma caracterização de figuras proféticas do AT com as figuras de João Batista e Jesus. Há um evidente paralelismo entre eles, desde o anúncio de sua concepção, nascimento, circuncisão, ministério e morte proféticas. O Batista exerce um ministério profético precursor e Jesus continua essa tradição⁴⁴. O evangelho lucano retoma o movimento profético, já que busca sintonizar o anúncio do Reino com as promessas do Senhor ao seu povo. O nascimento de Jesus assemelha-se ao dos patriarcas e profetas.

João Batista é uma figura chave nos quatro evangelhos como precursor de Jesus. Em Lucas, no entanto, há um diferencial. Ele é o que menos vincula o Batista à figura de Elias, porque vincula a figura de Elias mais à de Jesus⁴⁵. No entanto, conforme o ensinamento dos rabinos, a vinda do Messias seria precedida por um profeta precursor – um novo Elias – que exortaria ao arrependimento e conversão. Essa era a missão do precursor, preparar o caminho para o Messias⁴⁶. O Batista tinha um discurso forte e enérgico que projetava um certo tipo de profeta. Jesus adota outro estilo, no entanto, dá continuidade a temas iniciados por João, a saber: o convite ao arrependimento, o anúncio do juízo de Deus e a opção pelos pobres (3,8-9; 3,11//Is 1,23; Is 65,20-23; Jr 5,26-28; Ez 16,49; Am 5,11; Zc 7,10)⁴⁷.

Lucas oferece informações históricas e políticas, sobre as autoridades civis e religiosas que compõem o contexto no qual se desenvolvem os ministérios proféticos do Batista e de Jesus (cf. 3,1-2). Sendo que as autoridades terminam por conspirar contra as vidas de ambos (cf. 3,19-20; 9,7-9; 22,60; 23,25). No evangelho lucano, Jesus não é explicitamente batizado pelo Batista (cf. 3,21-22), já que este fora preso por ordem de Herodes, antes do início do ministério público de Jesus (cf. 3,20; 3,21-22). Quando finalmente, Jesus inicia a sua missão na Galileia, mais precisamente na sinagoga de Nazaré, ocorre uma vinculação entre a expectativa messiânica criada em torno a Ele (cf.

⁴⁴ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 59-62. Neste intervalo, Lockmann oferece descrições e exemplos dos enlaces com a tradição profética do AT.

⁴⁵ Cf. DUBOIS, J. D. **La figure D'Élie dans La Perspective Lucanienne**. Strasbourg: Revue d'histoire et philosophie religieuses (53/2), 1973, p. 159 Apud LOCKMANN, *op. cit.*, p. 69. Em Lucas, a figura de Elias é vinculado 1x ao Batista (1,17) e 4x a Jesus (4,25.26; 9,8; 9,19; 9,30.33).

⁴⁶ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 70.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 71-72.

3,15-18) e à figura profética que assume apresentando-se como o ungido do Senhor sobre quem repousa o seu Espírito e que proclama o ano da graça (cf. 4,14-30)⁴⁸.

Os compromissos que Jesus assume no discurso inaugural da sua missão na sinagoga de Nazaré (4,14-30) dão unidade redacional à referida perícopa. Há diversos elementos importantes: o resgate da tradição do ano jubilar, a escolha de uma sinagoga na Galileia para ser o lugar de início da sua missão, a presença do conflito como importante elemento na configuração da identidade profética gradualmente elaborada em Lc (cf. 4,24; 13,31.33)⁴⁹ e a autoproclamação de Jesus como Messias-Profeta (cf. 4,18).

No contexto do exílio da Babilônia, as sinagogas assumiram a função de manter viva a fé de Israel pela leitura das Escrituras. Nelas, os rabinos eram os formadores de consciência, os idealizadores ou “influenciadores”. Por isso, no meio do povo, os escribas e os fariseus eram mais fortes que a classe sacerdotal. O ministério de Jesus que se desenvolve nesse contexto adquire um sentido revolucionário⁵⁰, já que as pessoas reconhecem nele a autoridade de um rabino (cf. 4,31-32) de cuja boca saíam palavras cheias de graça (cf. 4,22)⁵¹. Além da graça, suas palavras desvelaram a resistência do povo ao reconhecer a ação de Deus na própria história, em um profeta da própria casa. Nazaré era a casa de Jesus, mas “nenhum profeta é bem recebido na sua pátria” (4,23), então, o povo passou da admiração à fúria e indignação e quase o precipitou do cimo da colina (cf. 4,22-30). O discurso de Jesus na sinagoga de Nazaré, no qual é apresentado como Mestre, Profeta e Messias, foi sua primeira ação pública segundo os registros lucanos⁵². Em pleno sábado, Jesus declara que a profecia de Isaías (61,1-2) se cumpre nele:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (4,18-19).

⁴⁸ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 54.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 72.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 76.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 79.

⁵² Cf. *Ibid.*, p. 80.

Isaías escrevera para o povo que havia saído do exílio e que vivia um novo êxodo e uma nova libertação⁵³. No “hoje” de Jesus, declara-se o cumprimento da promessa e da esperança do Reino que nele se faz presente e que tende à sua plenitude. Já tinha chegado o tempo da justiça, da graça e da realização das promessas messiânicas⁵⁴. Ao comparar o anúncio do Reino de Deus em Lucas com os outros sinóticos, Lockmann afirma:

[...] Lucas sai de sua própria criação, para fechar com suas fontes sinóticas. Lucas porém agrega elementos das suas fontes, e inclui a visita à Sinagoga em Nazaré, numa nova dimensão, colocando nela o anúncio do ano do jubileu, o que para ele, é sem dúvida a mesma coisa que anunciar o reino de Deus⁵⁵.

Devolver a esperança aos pobres é o sentido do jubileu e foi esse o anúncio profético de Jesus. A novidade do Reino que ele anuncia não era o restabelecimento da monarquia e a garantia dos direitos de Israel, mas sim, resgatar e dar mais vida aos pobres. O evangelho do Reino que Jesus anuncia e realiza com suas ações é a encarnação do jubileu (cf. Lc 7,18-23)⁵⁶.

Ao discorrer sobre as perícopes da confissão de Pedro (9,18-20) e da transfiguração (9,28-36), Lockmann afirma que se trata de dois reconhecimentos da identidade de Jesus como messias. Os discípulos, pela boca de Pedro, reconhecem que Jesus é mais que um profeta, quando aquele declara que Jesus é o “O Cristo de Deus” (9,20b). No relato da transfiguração, é a voz do Pai que do meio da nuvem declara que Jesus é o seu “Filho, o Eleito” e os exorta a que o escutem (9,35). A revelação do Pai nesta teofania é como um reconhecimento divino da declaração de Pedro. Segundo a tradição profética, o monte é o lugar da revelação de Deus. O Monte da Transfiguração é uma antecipação do Monte das Oliveiras⁵⁷. Jesus sobe ao monte como Moisés, cujo rosto resplandecia⁵⁸. Há nesse relato vários enlaces com o êxodo: a subida ao monte, o rosto resplandecente de Moisés e a nuvem que manifesta a glória de Deus: “A glória do

⁵³ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 80.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 81.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 82.

⁵⁶ Cf. *Ibid.* p. 82.

⁵⁷ Os elementos que acompanham a experiência desta teofania: a glória que os envolve, a voz e a nuvem (9,29-31,34-36).

⁵⁸ O livro de Atos dos Apóstolos atesta que Jesus é o profeta como Moisés que Deus suscitaria: “Então enviará ele o Cristo que vos foi destinado, Jesus, a quem o céu deve acolher até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de seus santos profetas. Moisés, na verdade, falou: O Senhor nosso Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta semelhante a mim; vós o ouvireis em tudo o que ele vos disser (At 3,20b-22).

Senhor⁵⁹ pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, o Senhor chamou Moisés do meio da nuvem” (Ex 24,16). Os discípulos foram testemunhas do encontro de Jesus com Moisés e Elias, que “falavam de sua partida que iria se consumir em Jerusalém” (9,31). Trata-se de sua paixão, morte e ressurreição, em definitiva, de sua páscoa e já apontam para o relato da viagem, quando Jesus toma resolutamente o caminho para Jerusalém⁶⁰.

Estas duas perícopes – confissão de Pedro e transfiguração – também estão intercaladas por: 1) o primeiro anúncio da Paixão (9,21-22); 2) as condições para seguir Jesus (9,23-26): negar-se a si mesmo, tomar a cruz de cada dia e não temer perder a vida; 3) o anúncio que Jesus faz da proximidade do Reino de Deus (9,27); o seu sofrimento e a intervenção de Deus com a vinda do Reino. Tudo indica que o Jesus lucano morrerá como profeta⁶¹.

Os gestos e palavras de Jesus ao longo do caminho fazem eco do perfil e feitos dos antigos profetas, como Elias, Moisés, Jeremias ou ainda faz referência a salmos messiânicos⁶². Lockmann assevera que o perfil profético-messiânico de Jesus é uma contribuição lucana para a cristologia da Igreja Primitiva⁶³. Além de apresentar o perfil do messias-profeta na pessoa de Jesus viajante e peregrino, Lucas constrói também a figura do messias celestial, o “Filho do Homem”, aquele que está sentado à direita do Todo-Poderoso (22,69). A expressão “Filho do Homem” ocorre 26x no terceiro evangelho, das quais 7 se encontram no ministério galileu, 6 na paixão e 13 no relato da viagem. Lockmann indica algumas contribuições relevantes em relação a este título em Lc, citando a Bultmann e a J. Jeremias⁶⁴.

(...) partindo do que Jesus disse acerca do ‘Filho do Homem’, Jesus não o imaginou sob um conceito messiânico do rei davídico, mas, sim, na figura celeste de Juiz e do salvador do qual fala a apocalíptica, isto não muda as

⁵⁹ Nesta dissertação se optou por substituir todas as menções ao tetragrama sagrado por “Senhor” por respeito à tradição judaica.

⁶⁰ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 93-100.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 97.

⁶² A caminhada de Jesus reflete perfil e momentos de diferentes figuras proféticas: servo do Senhor (2,32; Is 42,6; 49,6); servo sofredor (Is 53; 9,22); como Elias, profeta e curador (1Rs; 2Rs); como Moisés (Dt 18,15); Messias (Lc 4,21; 4,24 Is 61,1; Sl 2; 18; 20; 21; 28; 45; 61; 72; 84; 89; 101; 105; 110; 132; 144).

⁶³ Cf. LOCKMANN, P.T. *op. cit.*, p. 212.

⁶⁴ Cf. *Ibid.* p. 231-232.

coisas, porque Jesus não se apresentou como Juiz do Mundo nem como salvador sobrenatural⁶⁵.

O Filho do Homem é o único título utilizado por Jesus para designar a si mesmo, cuja autenticidade interessa seriamente. Por isso, o testemunho unânime dos quatro evangelhos confirma, Jesus se referindo a si mesmo como o “Filho do Homem”. O título “Filho do Homem” aparece 82 vezes nos evangelhos, 69 nos sinóticos, e 13 vezes em João; no entanto, tal título é desconhecido para a literatura grega. Mais clara que a análise filológica, é a análise baseada na história da tradição. Se dedicarmos agora nossa atenção à questão, se Jesus usou para si mesmo este título, a resposta será positiva, pois os Evangelhos e as bases da tradição sinótica e mesmo joanina estão de acordo de que Jesus falou do Filho do Homem na terceira pessoa, fazendo uma distinção simbólica entre si mesmo e o Filho do Homem⁶⁶.

Em Lc, a expressão escatológica “Filho do Homem” encontra-se: em 9,26 por primeira vez, quando se fala de sua vinda; em 11,30, Jesus declara que o Filho do Homem seria sinal para aquela geração e em 12,40 refere-se à súbita vinda do Filho do Homem, isto é, a vinda definitiva do Reino⁶⁷.

Por fim, é necessário reconhecer que o tema é extremamente extenso, a pretensão de Lockmann é deixar clara a superposição entre a figura de Jesus como o Profeta e Messias e como o Filho do Homem, posto que os sinais da presença e vinda do Filho do Homem são dados pelo Profeta e Messias Jesus⁶⁸.

⁶⁵ BULTMANN, R. **Teología del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1981, p. 67 *Apud* LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 232.

⁶⁶ JEREMIAS, J. **Teología del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 300 a 308 *Apud* LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 232.

⁶⁷ Cf. CONZELMANN, H. **El Centro del Tiempo** - La Teología de Lucas. Madrid: Fax, 1974, p. 176-177; PIXLEY, J. **El Reino de Dios**. Buenos Aires: La Aurora, 1977, p. 47 *Apud* LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 243.

⁶⁸ Cf. *Ibid*, p. 238.

1.2 O relato da viagem – Lc 9,51–19,46

Székely oferece uma valiosa pesquisa histórica sobre a teologia desta seção especificando a época patrística⁶⁹, a exegese medieval⁷⁰, a época da Reforma⁷¹, estudos bíblicos modernos⁷² até autores mais recentes⁷³. Em síntese afirma:

Até o começo do séc. XX, a tendência quase exclusiva da interpretação da viagem de Jesus para Jerusalém em Lc 9,51ss era apenas a histórica. Notamos com surpresa que na exegese patrística haja poucos sinais de interpretação teológica da viagem a Jerusalém. A interpretação histórica considera o relato da viagem como uma crônica, uma descrição cronológica e topográfica exata da última viagem de Jesus ou de algumas das viagens a Jerusalém, baseada em pesquisas que descrevem a viagem. (Tradução nossa)⁷⁴

Concorda com os que afirmam que é a partir do século XX que, sem negar a dimensão histórica do relato da viagem, por causa das várias imprecisões geográficas, a pretensão de Lucas seria simplificar o esquema geográfico de Lc e At, sem uma finalidade historiográfica, mas sim teológica.

O que deve ser destacado em primeiro lugar é que o relato da viagem não é uma crônica da última viagem de Jesus. A viagem representa uma etapa crucial da história da salvação e, portanto, tem um grande significado teológico. Esta é uma valiosa descoberta dos estudos bíblicos, altamente útil e louvável. É um belo exemplo de como a exegese crítica moderna pode descobrir um sentido profundo dos textos bíblicos. Desde a obra de Wette (1846), Reuß (1887) e outros, a posição primeiramente do caráter teológico do motivo da viagem tem sido continuamente discutida. Por enquanto, isto vem sendo aceito entre os exegetas e os interessados na Bíblia. Isto nos previne de buscar em vão respostas concernentes à cronologia e geografia exatas da última viagem de Jesus. E, muitas vezes, abre as portas e os olhos para mais pesquisas sobre o significado teológico da viagem. O que Lucas descobriu e o que ele tentou comunicar em relação a isso?⁷⁵ (Tradução nossa)

⁶⁹ Székely constata que na época patrística há uma carência de comentários completos e extensos de Lc. O único completo é o comentário de Ambrósio. Os principais interesses da época patrística referentes ao evangelho lucano foram a interpretação alegórica das parábolas, a explanação sobre aparentes contradições entre os sinóticos e o uso do evangelho para propósitos dogmáticos (cf. SZÉKELY, J. **Structure and Theology of the Lucan 'Itinerarium'**. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008, p. 6-15).

⁷⁰ Székely selecionou alguns dos trabalhos mais relevantes da exegese medieval e que tratam da estrutura de Lc, a saber: os comentários do Evangelho segundo Lucas de Boaventura e de Alberto Magno, a *Catena Aurea* Tomás de Aquino entre outros (cf. SZÉKELY, J. *op. cit.*, p. 15-25).

⁷¹ Székely adverte que considerará apenas obras representativas que tratam da estrutura de Lc, das quais destacam-se os trabalhos de Erasmo de Roterdã, Tomás Caetano, Calvino, João Maldonado, Hugo Grócio, Cornélio a Lapide, Johann A. Bengel, Agostinho Calmet, Rosenmuller, Schleiermacher, Wette. (cf. *Ibid.*, p. 28-29).

⁷² Neste tópico, Székely comenta as tentativas de interpretação histórica do relato da viagem como se este se tratasse de uma crônica dos eventos.

⁷³ SZÉKELY, J., *op. cit.*, p. 30-54.

⁷⁴ *Ibid.* p. 30.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 37.

1.2.1 Questões sobre a delimitação e a estrutura

Nesta parte do primeiro capítulo, pretende-se apresentar a delimitação adotada na presente pesquisa e, propor os estudos de Székely e Lockmann como um referencial sobre questões referentes à estrutura. Esta escolha foi feita por tratar-se de estudos mais recentes e específicos sobre o relato da viagem a Jerusalém, o que pode sugerir novas perspectivas.

1.2.1.1 Delimitação

Há consenso entre os estudiosos em considerar 9,51 como o início do relato da viagem a Jerusalém, contudo há diversas hipóteses sobre a conclusão desta seção. Segundo Székely, a falta de consenso entre os exegetas no que se refere à conclusão do relato gira em torno da discussão de a conclusão dar-se em 19,27/28 ou na entrada em Jerusalém até estar na cidade em 19,29-44/46/48⁷⁶.

Székely denomina o relato como “caminho da salvação” ou “itinerário lucano” e o delimita propondo seu início em 9,51 e sua conclusão em 19,28⁷⁷. Postula que há uma inclusão entre 9,51 e 19,28 e que em 19,29 Lucas emprega uma fórmula introdutória típica – *Καὶ ἐγένετο* –, introduz outro grande início de seção e forma uma inclusão entre 19,29–24,50⁷⁸. Em contrapartida, Lockmann delimita a seção em 9,51–19,48, já que para ele é imprescindível que o texto correspondente ao relato da viagem inclua a chegada de Jesus ao seu destino, isto é, a cidade santa de Jerusalém. Inclusive denomina a seção com o termo – interlucano, já que o relato da viagem concentra a maior parte do material redacional do evangelho lucano: a fonte L; ainda que Lucas volte em determinados momentos a depender das fontes sinóticas tradicionais: Mc e Q.

A escolha do termo interlucano, em detrimento da usual viagem a Jerusalém, deve-se ao fato de ser ali onde temos um corpo redacional, com ruptura clara com a unidade anterior, pois a expressão: “...manifestou no semblante a intrépida resolução de viajar-marchar (*πορευέσθαι*) a Jerusalém (Lc 9.51)”, junta-se com a chegada nas expressões: “... *Καὶ ὡς ἤγγισεν ἰδὼν τὴν πόλιν* - ...e quando ia chegando vendo a cidade (Lc 19.41)”. Entre partida para Jerusalém e chegada na cidade, há uma reconhecida unidade, onde está a maioria do material típico da fonte Lucas, material não encontrado no restante

⁷⁶ SZÉKELY, J. *Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’*. Budapest: Szent Jeronimos Katolikus, 2008, p. 96.

⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p. 95-99. Com Székely, alguns autores contemporâneos que aceitam a conclusão do relato da viagem como sendo em 19,28, são por exemplo: Marguerat (*Novo Testamento: história, escritura, teologia*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2012., p. 112-113) e Karris (*O Evangelho segundo Lucas* In: BROWN, R.E.; FITZMEYER, J.A.; MURPHY, R.Y. (Edit.) *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2011, p. 221-222).

⁷⁸ A inclusão se justificaria pelo emprego do verbo *πορεύομαι* e a referência a Jerusalém.

da tradição sinótica, o caso mais emblemático é a frequência do uso do πορεύομαι como ponto de partida de cada seção da viagem. Aqui Lucas é mais Lucas, por isso interlucano⁷⁹.

Casalegno é partidário dos que colocam o fim da viagem em 19,44, logo antes da entrada ao templo e considera exagero incluir o episódio da purificação do templo no relato da viagem⁸⁰. Como já indicado, sobre a questão da delimitação, a principal discussão se refere à conclusão do relato da viagem.

Para a delimitação, este estudo considera que o relato inicia em 9,51 e conclui em 19,46, quando Jesus finalmente está em Jerusalém. A perícope que antecede o início do relato da viagem (cf. 9,49-50), descreve uma discussão sobre a possibilidade de pessoas que não fazem parte do grupo estrito dos seguidores de Jesus estarem autorizadas a agir expulsando demônios em seu nome. Questionado pelo discípulo João, Jesus responde que não devem ser impedidos. Em 9,51, há mudança de tema, tempo e cenário. Jesus empreende resolutamente uma viagem a Jerusalém (tema), pois os “seus dias se completaram” (tempo) e coloca-se a caminho (espaço/cenário). Em 9,52 são mencionados novos personagens, os samaritanos.

Em 19,45-46, o autor comunica a seus leitores que Jesus chegou ao seu destino. Contudo, note-se que o nome da cidade é omitido, nem sequer se faz referência a ela em sentido genérico. Este detalhe salta aos olhos, pois é redacional lucano. Visto que na fonte marcana, afirma-se explicitamente que Jesus chegou a Jerusalém e entrou na cidade (cf. Mc 11,11). O mesmo ocorre com o relato mateano (cf. Mt 21,10). Por sua vez, em Lucas, declara-se: “... tendo entrado no Templo...” (19,45a). Assim, na narrativa em questão, Jesus finalmente chega ao seu destino, isto é, no templo, onde se conclui sua viagem.

Para quién conoce la geografía del entorno de Jerusalén está claro que entrar en el templo es entrar en la ciudad, ya que desde ese lado no es necesario atravesar la ciudad para entrar en el templo, sino que éste es el primer lugar con el que el peregrino se encuentra: la explanada del mismo. Por eso, ahí termina el viaje de Jesús. Lucas cambia en el v. 47 el tiempo de los verbos al imperfecto, lo cual quiere decir que, después de narrar la entrada en el templo, el autor empieza a narrar las ocupaciones habituales de Jesús, que ya está

⁷⁹ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 12.

⁸⁰ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 132.

instalado en Jerusalén para las actividades de sus últimos días: “Enseñaba en el templo..., buscaban matarle...”⁸¹.

Esse silêncio lucano frente à cidade, enfatiza o foco, portanto, o templo⁸². Claro que indiretamente, Jesus ao estar no templo, está no coração da cidade de Jerusalém. O templo é “o lugar da atuação de Jesus desde menino e ocupado por ele representa a presença de Deus⁸³. No templo foi acolhido e reconhecido por Simeão como luz das nações, salvação de Deus e sinal de contradição (cf. 2,29-35); ao templo se dirigia todos os anos com seus pais (2,41); lá foi encontrado por seus pais em meio aos doutores, porque devia estar na casa de seu Pai (2,46-49)⁸⁴. Desde que entra na cidade santa (cf. 19,45-46), o templo é o lugar onde está todos os dias para ensinar ao povo (cf. 19,47-48; 20,1; 21,1-4; 21,37-38; 22,52-53. Em definitiva, para Jesus o templo é a casa do Pai, lugar de encontro com Ele e com o povo que o busca.

A comparação do texto lucano da entrada de Jerusalém com os outros sinóticos evidencia a opção que Lucas fez em omitir a nome da cidade, que tanto mencionara ao longo do evangelho, especialmente durante o relato da viagem e, em seu lugar, colocar o templo como o lugar em que Jesus está de forma permanente. Ele apenas vai dormir ao relento no monte das Oliveiras e volta de madrugada ao Templo para ensinar o povo (cf. 21,37-38). Portanto, também pela mudança do tempo verbal para o imperfeito, a partir de 19,47 se evidencia o início de uma nova seção e uma nova temática, Jesus chegara ao destino de sua viagem (cf. 10,45-46) e, então, inicia o seu ministério em Jerusalém, basicamente no templo.

1.2.1.2 Estrutura

Székely propõe que para compreender a mente de Lucas é importante analisar as fórmulas introdutórias das perícopes e as conexões de palavras-chave e alusões⁸⁵. Serviu-

⁸¹ DILLMANN, R.; PAZ, C.A.M. **Comentario al Evangelio de Lucas**. Un comentario para la actividad pastoral. Madrid: Verbo Divino, 2006, p. 267.

⁸² Lucas não segue Marcos que menciona que Jesus entrou no templo, em Jerusalém e que apenas observou tudo e saiu para Betânia com os Doze (cf. Mc 11,11). Antes do episódio da expulsão dos vendedores no templo, Marcos coloca a perícopa da figueira estéril (cf. 11,12-14). Mateus segue a fonte marcana e menciona o nome da cidade que se teria alvorado com a chegada de Jesus. Logo na sequência oferece a perícopa da expulsão dos vendilhões do templo e apenas depois se retira com os discípulos para fora da cidade, em Betânia (cf. Mt 21,8-17)

⁸³ Cf. KRATZ, R.G. Templo, Santuário. In: BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. (Orgs.). **Dicionário de termos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2011, p. 444.

⁸⁴ Cf. KRATZ, R.G. Templo, Santuário. In: BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. (Orgs.). **Dicionário de termos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2011, p. 444.

⁸⁵ SZÉKELY, J. **Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’**. Budapest: Szent Jeronomos Katolikus, 2008, p. 8.

se deste método para delinear a estrutura do relato da viagem. Seu ponto de partida foi um estudo de Sellin⁸⁶ que adota essa metodologia para identificar fórmulas introdutórias que Lucas usaria para dar um giro em sua narrativa e iniciar uma nova unidade literária. Székely pretende continuar e refinar aquele estudo para delinear a estrutura da obra⁸⁷.

Ainda reconhecendo que Lc contém diversas alusões a tópicos do livro do Deuteronômio (Dt), descarta a hipótese defendida por alguns estudiosos que afirmam que Lucas quer seguir a visão deuteronomista da história⁸⁸ como estrutura e considera mais importante a análise das fontes (L e Q) e da atividade redacional sobre elas⁸⁹. Também refuta a hipótese do quiasmo, apontando argumentos que sustentam as propostas, mas que considera insuficientes ante diversas dificuldades que não são resolvidas ou apenas são negligenciadas pelos que a postulam⁹⁰, principalmente porque não respeitam as divisões que Lucas dá à narrativa. Em sua análise das fontes – Q e L –, Székely admite a possibilidade de que Lucas siga a hipotética ordem da fonte Q, mais que Mateus⁹¹.

Para propor a estrutura do relato da viagem, Székely afirma que é preciso ler o evangelho lucano com um olho em Atos, isto é, ter uma visão global da obra lucana. O autor considera que Atos seja uma moldura literária que narra o caminho da Palavra no anúncio do Reino de Deus⁹². Identifica os giros que Lucas dá à sua narrativa em Atos, que servem como base da análise das fórmulas introdutórias do evangelho lucano⁹³ e

⁸⁶ SELLIN, G. **Komposition, Quellen und Funktion des Lukanischen Reiseberichtes (Lk ix 51-xix 28)**. Novum Testamentum, v. 20, fasc. 2 [s.l.]: 1978 *Apud* SZÉKELY, J. Structure and Theology of the Lucan 'Itinerarium'. Budapest: Szent Jeronimos Katolikus, 2008, p. 56.

⁸⁷ SZÉKELY, J. *op. cit.*, p. 55-56.

⁸⁸ Esta postura se apoia na visão deuteronomista da história que se norteia por quatro princípios: 1) A obstinação do povo de dura cerviz; 2) Deus, que apesar da resistência do povo, envia profetas para instruí-lo sobre o arrependimento e o juízo; 3) Resistência e desobediência do povo que não acredita nos profetas enviados e os mata; 4) A punição do povo com a destruição de Jerusalém e da terra de Israel. Alguns autores mencionados por Székely são Evans, Drury, Goulder, Farrer, Derrett (cf. SZÉKELY, J. Structure..., p. 39).

⁸⁹ Cf. SZÉKELY, J. *op. cit.* p. 42.

⁹⁰ Cf. *Ibid.* p. 42-48.

⁹¹ Székely afirma: "Lucas parece manter a suposta ordem de Q: o ensinamento do Batista; o Sermão da Montanha; os mensageiros do Batista (a primeira parte de Q é inserida em Lc 3,7-9.16-17; 4,2-13; 6,20-49; 7,1-2.6-10.18-28.31-35); um discurso sobre o discipulado; oração; duas controvérsias; discurso para a comunidade; primeiro sermão escatológico; dois caminhos; segundo sermão escatológico (tudo isso está inserido em 9,51-19,28)." (SZÉKELY, J. *op. cit.* p. 48-49) (Tradução nossa).

⁹² Como resultados interessantes da análise de Székely para este estudo destacam-se: 1) Que o objetivo de Lucas em At não consiste tanto em narrar a vida dos apóstolos, quanto em relatar a história da Palavra e o caminho do seu anúncio dos judeus aos gentios (aspectos qualitativos) e sua expansão geográfica e numérica (elementos quantitativos); 2) O tema da comunhão de bens como sinal de autenticidade das comunidades cristãs; 3) A questão do conflito entre os cristãos e os líderes judeus, que em Lc é retratado nos conflitos entre Jesus e os fariseus (cf. *Ibid.*, p. 76).

⁹³ *Ibid.*, p. 57-76.

assume a importância dos três anúncios da viagem (9,51; 13,22; 17,11) para a compreensão do relato⁹⁴.

Székely também destaca três elementos: 1) a importância das três histórias de visita, a saber: a) 9,51-56: a tentativa frustrada de visitar o vilarejo dos samaritanos; b) 10,38-42: a visita às irmãs Marta e Maria e c) 19,1-10: a visita à casa de Zaqueu; 2) O papel programático do relato do Bom Samaritano (10,25-37), em especial de 10,29, com a questão: “Quem é o meu próximo?”; 3) Os questionamentos em 10,25; 13,23; 17,20 e 18,18, a saber: a) de um legista a Jesus: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (10,25); b) A pergunta de “alguém” quando ele atravessava os povoados: “Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?” (13,23); c) o questionamento dos fariseus a Jesus sobre quando chegaria o Reino de Deus (17,20); d) E, finalmente, a pergunta do homem rico ou do “jovem rico”: “Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”⁹⁵. No entanto, afirma Székely que tenta não “forçar as unidades do relato da viagem sob títulos temáticos” e que considera mais apropriado identificar as grandes unidades da seção, observando as pequenas frases que as conectam ou separam e a lógica interna e entre elas⁹⁶.

Sendo assim, as grandes unidades do relato da viagem, segundo a análise de Székely seriam quatro: 1) 9,51-56: O divino convidado e seus embaixadores; 2) 11,1-13–13,21: A cegueira e o fermento dos fariseus; 3) 13,22–17,10: Quem comerá o banquete do Reino?; 4) 17,11–19,28: Quando e onde (virá o Reino de Deus)?

A seguir a estrutura do relato da viagem proposta pelo autor⁹⁷:

9,51 – 10,42 O DIVINO HÓSPEDE E SEUS EMBAIXADORES

9,51 Solene Introdução

9,52 – 10,42 Abertura

Rejeição (9,52-56)

Missão (9,57-10,24) e ensinamento (10,25-37)

10,25-37 Bom Samaritano Introdução do debate sobre a salvação

Acolhida (10,38-10,42)

11,1-13–13,21 A CEGUEIRA E O FERMENTO DOS FARISEUS

11,1-13

Interlúdio (o Senhor ensina os discípulos a rezar)

11,14-36

As multidões rejeitam Jesus

⁹⁴ SZÉKELY, J. *Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’*. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008, p. 129.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 129.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 99.

⁹⁷ Cada grande unidade está representada por uma cor e pode-se visualizar como os seus diversos elementos se entrelaçam. A parábola do Bom Samaritano recebe destaque porque Székely afirma que Lucas lhe confere um caráter programático.

- 11,37-54 A razão de as multidões rejeitarem Jesus: a corrupção dos seus líderes – os fariseus e os doutores da Lei
- 12,1-53 Advertência aos discípulos para não serem como os fariseus
- 12,54-13,9 Advertência às multidões para a conversão
- 13,10-17 Cura de uma mulher em sábado
- 13,10-17 A hipocrisia dos líderes é desmascarada
- 13,18-21 Ensino às multidões sobre o Reino que cresce fora de Israel
- 13,18-19 Parábola do semeador
- 13,20-21 Parábola da mulher e o fermento
- 13,22–17,10 QUEM COMERÁ O BANQUETE DO REINO?**
- 13,22-35: Introdução**
- Multidões: Quem participará no banquete do Reino?**
- Jesus tem que viajar a Jerusalém**
- 13,22-30 O Reino será para os gentios
- 13,31-35 O caminho rumo à cidade que mata os profetas e a sua destruição
- 14,1-6 A cura de um homem em sábado
- 14,1-24 **Fariseus: antibanquete (não convidam aos excluídos e não aceitam os convites de Deus por causa da ganância)**
- 14,25-35 **Multidões: a necessidade de renunciar à família e aos bens**
- 15,1-32 **Fariseus: A Justificativa do Banquete de Jesus**
- 16,1-13 **Discípulos: reto uso dos bens em função da alegria do banquete**
- 16,14-31 **Fariseus: antibanquete (não dão para os pobres e não obedecem às Escrituras)**
- 17,1-10 **Conclusão: Discípulos – acolhida aos pequenos, perdão e humildade.**
- 17,11 – 19,28 QUANDO E ONDE (VIRÁ O REINO)?**
- 17,11-19 **Salvação agora/hoje para o samaritano agradecido**
- 17,20-21 (Fariseus) **O Reino já está presente**
- 17,22 – 18,8 (discípulos) **Estar preparados para a vinda do Filho do Homem**
- 18,9-14 (Fariseus) **Parábola adicional sobre o coletor de impostos justificado**
- 18,15-17 **O Reino será das crianças**
- 18,18-30 **A interpretação da Lei de Jesus (e dos cristãos) é correta e dá vida**
- 18,31-34 **O caminho rumo ao sofrimento, ao cumprimento e a ignorância dos discípulos**
- 18,35-43 **Salvação hoje para os que estão cegos**
- 19,1-27 **Fechamento**
- Acolhida (19,1-10)
- 19,1-10 **Salvação hoje para o cobrador de impostos**
- Parábola sobre a viagem do Rei (19,11-27)
- 19,11-27 **Estar preparados para a gloriosa vinda do Rei**
- 19,28 **Versículo conclusivo**

Nestas grandes unidades, os elementos supracitados se entrelaçam para compor o relato da viagem e fazer emergir da sua estrutura uma interpretação da cruz, cuja parte central seria a unidade de 13,22–17,10, construída com alternância de audiência (fariseus x discípulos/multidões) apresentadas como figuras contrastantes. Sendo que o núcleo dessa parte central, por sua vez, seria a clemência de Jesus para com os pecadores mediante as parábolas do capítulo 15, que justificam a alegria pela sua conversão e que poderiam indicar na história das primeiras comunidades um giro da Igreja rumo aos gentios.

A tripla justificativa da alegria celebrada pela conversão dos pecadores é precedida e sucedida por um antibanquete (14,1-24; 16,14-31). Como em uma

exposição literária de banquetes usada para confrontar diferentes escolas filosóficas, Lucas apresentou este triplo banquete para mostrar o fariseísmo (judaísmo) e o cristianismo com imagens contrastantes (Tradução nossa)⁹⁸.

Por último, o tema da relação com os bens tem o papel subordinado de indicar a verdadeira religiosidade e a correta interpretação da lei.

Lockmann propõe três níveis de estrutura para Lc: estrutura maior, estrutura média e estrutura menor. A estrutura maior corresponde à primeira parte de Lc (1,5-9,50)⁹⁹ e já evidencia alguns aspectos do perfil messiânico-profético de Jesus. A estrutura média corresponde ao interlucano ou à narrativa da viagem a Jerusalém – Lc 9,51-19,48¹⁰⁰. O relato da viagem é regido pelo verbo πορεύομαι em cada etapa da estrutura média. Além do verbo πορεύομαι e dos pobres, sujeitos centrais na redação, Jerusalém também compõe o eixo redacional. A estrutura menor corresponde à perícopes de Lc 13,31-35¹⁰¹ proposta como a perícopes central do interlucano, que aponta à parte final de Lc – a unidade de Jerusalém ou livro da Paixão, já que os temas dessa perícopes refletem a história do mistério pascal de Jesus.

Estrutura maior (1,5–9,50)

1. Evangelho da Infância (1,5-2,52)
2. Do ministério de João Batista como profeta precursor ao ministério de Jesus (Lc 3,1–4,3)
3. Missão que começa na Galileia (4,14-30)
4. As bem-aventuranças como discurso profético em Lc (6,20-24)
5. Da confissão de Pedro à transfiguração (9,18-22; 9,28-36).

Estrutura Média – Interlucano (9,51-19,48)¹⁰²

1. Primeira seção da viagem: “τοῦ πορεύεσθαι εἰς Ἱερουσαλήμ” – “viajar para Jerusalém” (Lc 9,51-56)
2. Segunda Seção da Viagem: “Καὶ πορευομένων αὐτῶν ἐν τῇ ὁδῷ” – “E viajando eles pelo caminho (Lc 9,57)” (Lc 9,57-10,37)
3. Terceira Seção da Viagem: “Ἐν δὲ τῷ πορεύεσθαι αὐτοῦς” – “Em viagem eles (Lc 10,38)” (Lc 10,38-13,21)
4. Quarta Seção da Viagem: “Καὶ διεπορεύετο κατὰ πόλεις καὶ κώμας...” – “E viajava através de cidades e aldeias (Lc 13,22)” (Lc 13,22-17,10)

⁹⁸ SZÉKELY, J. **Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’**. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008, p. 129.

⁹⁹ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 54-100.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 101-191.

¹⁰¹ Lockmann oferece um estudo exegético mais extenso de 13,31-35 (cf. *Ibid.*, p. 192-204), porém, nesta pesquisa considera-se apenas o que ele aponta como desdobramentos do estudo desta perícopes.

¹⁰² Os textos bíblicos em português que correspondem à estrutura média respeitam a tradução de Lockmann.

5. Quinta Seção da Viagem: “Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ πορεύεσθαι εἰς Ἱερουσαλὴμ” - “E aconteceu que em viagem para Jerusalém (Lc 17,11)” (Lc 17,11-19,27)
6. Sexta Seção da Viagem: “Καὶ εἰπὼν ταῦτα ἐπορεύετο ἔμπροσθεν ἀναβαίνων εἰς Ἱεροσόλυμα” – “E dito isso, viajava subindo para Jerusalém (Lc 19,28)”. “Καὶ ὡς ἤγγισεν ἰδὼν τὴν πόλιν ἔκλαυσεν ἐπ’ αὐτήν” - “E quando ia chegando, vendo a cidade chorou (Lc 19,41)” (Lc 19,28-48).

Estrutura menor (Lc 13,31-35)

13,31-35 A morte do Messias Profeta

Lockmann postula que a viagem a Jerusalém é uma marcha profética, messiânica e libertadora. Jesus se desloca da região periférica – Galileia – ao centro do poder – Jerusalém e no caminho realiza dois desvios intencionais na Samaria e em Jericó. O objetivo é, em cada seção da viagem, construir gradualmente o perfil profético-messiânico de Jesus.

Tendo o verbo πορεύομαι como um dos eixos redacionais, Lockmann enfatiza o elemento objetivo, que é a ação de Jesus de deslocar-se, de pôr-se a caminho, de estar “em saída”. Por sua vez, ao considerar as grandes unidades, Székely dá mais ênfase a um elemento subjetivo – as relações interpessoais, a saber: Jesus que visita, os conflitos com os fariseus e, ainda, o tema de participar do banquete do Reino e a vinda do Reino de Deus.

No relato da viagem há um intenso dinamismo objetivo e subjetivo, contexto em que Jesus itinerante tem encontros e desencontros. As perspectivas oferecidas por Székely e Lockmann se complementam e em alguns momentos coincidem. A visualização das duas propostas permite obter uma visão orgânica de uma seção longa e com grande riqueza e profundidade de elementos. Na perspectiva de Lockmann, vê-se Jesus, Messias-Profeta que caminha/marcha com determinação rumo a Jerusalém e em seu caminho realiza as promessas de Deus ao seu povo, tendo como destinatários privilegiados os pobres. Na perspectiva de Székely, vê-se Jesus que interage e que em seu caminho vai realizando a salvação por meio de suas palavras e ações, quando entra em relação com as diversas pessoas e grupos.

1.2.2 O caminho de subida: o êxodo de Jesus

Conzelmann afirma que “a consciência da paixão de Jesus é expressa como uma viagem” e afirma que se trata de uma elaboração redacional intencional¹⁰³. Com isso não nega o seu caráter histórico, porém, indica que este é secundário e que antes está o sentido e intencionalidade teológica de Lucas, que entende a viagem como memória do êxodo¹⁰⁴. Para Fitzmyer, Lucas pretende apresentar Jesus a caminho de Jerusalém que será o lugar da consumação do seu ministério¹⁰⁵.

1.2.2.1 A viagem: estar a caminho

Jesus toma a resolução de “viajar” ou “marchar” para Jerusalém (cf. 9,51). Nos vv. 51-56, o verbo πορεύομαι ocorre 4x: no v. 51 “τοῦ πορεύεσθαι”; no v. 52 “καὶ πορευθέντες”; no v. 53 “πορευόμενον” e no v. 56 “καὶ ἐπορεύθησαν”. A dinâmica do verbo e o seu uso contínuo caracterizam a proposta de um novo êxodo que seria cumprido por Jesus (cf. 9,31).

[...] quando orientados pelo tema do verbo πορεύομαι como fio condutor do tema da viagem, e de seu destino Jerusalém, é que é entendida a marcha existente na unidade do interlucano, e seu ritmo até a chegada em Jerusalém, ainda que Lucas volte em determinados momentos a depender das fontes sinóticas tradicionais, Marcos e Q¹⁰⁶.

Segundo Gingrich e Danker, os significados do verbo πορεύομαι são: ir, proceder, viajar¹⁰⁷. Além desses sentidos, Rusconi propõe outros similares, a saber: partir, dirigir-se de um lugar a outro¹⁰⁸. Lockmann destaca principalmente aquele de viajar-marchar como verifica-se no texto supracitado. Por enquanto, evidencia-se o caráter itinerante da vida e missão de Jesus, especialmente na seção da viagem, Jesus está a caminho. Neste caminho não está sozinho, está sempre acompanhado pelos discípulos e a multidão.

¹⁰³ Cf. CONZELMANN, H. **El Centro del Tiempo**. Madrid: Fax, 1974, p. 93 apud LOCKMANN, O **interlucano**: A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009, p. 102.

¹⁰⁴ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, 2009, p. 102.

¹⁰⁵ Cf. FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas**. Madrid: Cristiandad, 1987, p. 179 Apud LOCKMANN, *op. cit.*, p. 104.

¹⁰⁶ LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 112.

¹⁰⁷ ΠΟΡΕΥΩ/ΠΟΡΕΥΟΜΑΙ In: GINGRICH, F.W.; DANKER, F.W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 172.

¹⁰⁸ ΠΟΡΕΥΟΜΑΙ In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 383.

A perícope 9,51-56 possui também um sentido escatológico. Portanto, não se trata apenas de ir a Jerusalém, mas de realizar uma viagem cuja meta é muito além – o Pai: “se completaram os dias da assunção de Jesus” (9,51).

Na sequência, a menção à Samaria no itinerário lucano (9,52) indica uma finalidade inclusiva. Em Lc, as orientações da missão não são excludentes e muito menos restritivas à casa de Israel, como ocorre inicialmente em Mt (cf. 15,24). Na sua passagem pela Samaria, ele não foi acolhido (9,53-56). Fato que não o impede de seguir seu caminho servindo-se, por vezes, do recurso de se hospedar junto às pessoas marginalizadas como as mulheres – na casa de Marta e Maria (10,38-43) ou de publicanos como Zaqueu (19,1-10). Jesus se hospeda para fazer missão¹⁰⁹.

Lockmann inclui os eixos redacionais do evangelho e, particularmente, do relato da viagem: Jerusalém, o verbo πορεύομαι e os pobres. Veja-se o que afirma ao falar do que para ele seria a quarta seção do relato da viagem ((13,22-17,10):

A quarta seção transcreve com a expressão διεπορεύετο, o imperfeito do πορεύομαι, a preposição διά, dá o tom com o sentido de: “viajava Jesus **através de** cidades e aldeias ... para Jerusalém (Lc 13,22)”. Aqui estão os eixos redacionais, o verbo, Jerusalém, e durante esta unidade os principais sujeitos são os que precisam de salvação, os que são considerados pela religião oficial como os “últimos”, os pecadores, a eles declara Jesus serão os primeiros (Lc 13,20), sim os estrangeiros, os marginalizados (Lc 13,29), serão acolhidos no reino. Por fim, a clara opção de Jesus pelos pobres²⁴⁰, não só como elemento integrador na redação do Evangelho, como sujeito na História da Salvação, nesta direção como veremos a parábola do rico e do mendigo Lázaro, torna-se emblemática como elemento decisivo na teologia e redação do Evangelho de Lucas.

Jesus prossegue seu caminho e realiza um desvio em Jericó. Essa cidade tem um significado muito importante na literatura veterotestamentária. Foi aquela pela qual os hebreus entraram na terra prometida. Nesse contexto, Jesus faz novo anúncio de sua Paixão:

Há também o marco geográfico, que acompanha os anúncios³⁰⁷: “Primeiro na Galileia, antes da epifania do Tabor (Lc 9,22); o segundo ainda na Galiléia (9,43b-45); e o terceiro da partida de Samaria para Jericó (18,31-34)”. O roteiro geográfico preserva o ritmo caminhante da viagem da Galiléia a Jerusalém e, passo a passo, deixa claro o propósito da viagem. Agora, segue-se a Jericó, outra demarcação de que a viagem está chegando ao fim. Mas, também como Samaria, trata-se de um desvio simbólico, do mesmo modo que na

¹⁰⁹ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 130. Em seu caminho também Jesus encontra outras pessoas excluídas às quais acolhe ou cura (Lc 11,14-15; 13,10-17; 14,1-16; 17,11-19).

transfiguração se apontou ao Êxodo e sua memória de libertação (Lc 9.28-36), e que se concretiza no decorrer de toda a viagem a Jerusalém; agora, quando se está chegando ao fim desta marcha, numa nova alusão ao Êxodo como acontecimento salvífico, a viagem toma o desvio a Jericó, sinalizando a tomada da terra da promessa pelo messias que como Moisés é também profeta¹¹⁰.

Passar por Jericó, antes de entrar em Jerusalém, é como entrar na cidade santa pelo AT. A chegada a Jericó é início do ponto alto da viagem, confere sentido revolucionário e libertário por sua relação com o evento do Êxodo¹¹¹. Em Jericó, Jesus cura um cego que o reconhece como Filho de Davi. Pela boca de um excluído Jesus é reconhecido como o Messias¹¹².

Lockmann indica a presença de um paralelismo aceitação/seguimento em oposição à rejeição/juízo entre o homem rico (18,18-23) e Zaqueu (Lc 19,1-10)¹¹³. Na sequência, com a parábola das 10 minas (19,11-28), Lucas prepara o leitor para a cena da aclamação da entrada em Jerusalém, a prisão e a rejeição que o Messias-Profeta, Jesus, sofreria em Jerusalém. A viagem que se iniciara com a rejeição dos samaritanos, termina com a rejeição de Jerusalém¹¹⁴. Para o autor, o verbo πορεύομαι continua a descrever a última etapa da viagem com especial força e resolução, em sintonia com a marcha do êxodo e com um destino certo: Jerusalém, lugar da morte do messias-profeta. Lucas começa, então, a ser mais preciso e detalhista com as informações geográficas (19,29ss)¹¹⁵.

No texto lucano, o envio de discípulos para preparar a chegada de Jesus (19,29-34) estabelece um vínculo com a tradição de os reis enviarem embaixadas para preparar a sua vinda e com a tradição messiânica judaica (cf. Zc 9,9; 1Rs 1,32-40). Além disso, há um enlace com o início do relato da viagem, um paralelismo entre o envio dos que foram enviados à Samaria (cf. 9,51-53) e dos discípulos para preparar sua entrada em Jerusalém (cf. 19,28-35)¹¹⁶. A última ocorrência do verbo πορεύομαι está em 19,26: “πορευομένου δὲ αὐτοῦ ὑπεστρώωνον τὰ ἱμάτια αὐτῶν ἐν τῇ ὁδῷ”/ “Enquanto ele avançava, o povo estendia suas próprias vestes no caminho”. Jesus é recebido de forma

¹¹⁰ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 181.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 182-183.

¹¹² *Ibid.*, p. 183.

¹¹³ *Ibid.*, p. 182-183.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 183-184.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 184-185.

¹¹⁶ Cf. *Ibid.* p. 185.

triunfal, mas chora e lamenta porque Jerusalém não reconhecerá a visita de Deus, então Jesus profere o oráculo da destruição da cidade (cf. 19,41-44). Seu caminho termina quando finalmente entra no templo, agora sua jornada histórica atingira a sua meta.

1.2.2.2 O discipulado: chamado e seguimento

O tema chave da seção 9,57–10,37 é o seguimento, inspirado na tradição profética, especialmente de Moisés e Elias. No caminho, alguns se aproximam de Jesus com o desejo de segui-lo e ele lhes apresenta as condições para o seu seguimento. Seu ministério alimentara expectativas no povo e atraiu seguidores. Há paralelismo entre as perícopes destes chamados que dão suas escusas (cf. 9,57-62) e dos 72 discípulos chamados e enviados para a missão (cf. 10,1-16).

Seguir Jesus é aderir a uma marcha profético-messiânica rumo a Jerusalém para restaurar todas as coisas (cf. 2,38)¹¹⁷. As características do seguimento de Jesus Profeta e Messias podem ser resumidas em quatro renúncias: 1) a viver em um lugar estável; 2) à família; 3) à propriedade; 4) à própria defesa. Todas essas renúncias se concretizam ao longo do percurso da viagem e na relação do(a) discípulo(a) com os pobres¹¹⁸. Os discípulos participam de sua missão, por isso lhes concede autoridade para realizar milagres em seu nome, inclusive, o poder de expulsar demônios. Surgem então alguns conflitos em relação a autoridade e ao poder¹¹⁹.

A autoridade e poder outorgados por Jesus aos doze e aos 70 se prolongam na missão da Igreja. E é também uma extensão de seu ministério profético. Sem dúvida é posta aqui uma antecipação narrativa pois, pela primeira vez, aparece no capítulo 9.48, na discussão de quem era o maior. Jesus exemplifica, tomando uma criança e dizendo: “Quem receber esta criança ‘em meu nome’, a mim me recebe (Lc 9.48)”. Neste texto os valores são revistos juntamente com o conceito de poder. A viagem vai se tornando numa revolução de ordem ideológica e teológica. Isto volta ocorrer também em Lucas 9.49, em que se diz: “Mestre, vimos certo homem que ‘em teu nome’ expelia demônios (Lc 9.49)”. Os próprios discípulos aqui reagem contrariamente, repetindo o modelo da lógica dos religiosos judeus¹²⁰.

¹¹⁷ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009,

¹¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 146.

¹¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 148-149.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 149.

Frente à preocupação dos discípulos quanto à própria honra e “status”, Jesus ensina que o motivo de sua felicidade deveria ser que os seus nomes estarão escritos nos céus. Isto é, viver uma alegria que se fundamenta na salvação e na libertação¹²¹.

A seção 13,22-17,10 destaca que Jesus é seguido pelas multidões – ὄχλοι – às quais dirige seus ensinamentos. De fato, do meio das multidões podem surgir novos discípulos que ocupariam os lugares daqueles que se recusam a acolher o convite de Deus (cf. 14,15-24). Jesus novamente se refere ao tema das exigências do seu seguimento: a cruz e a renúncia à família (cf. 14,25-33), porém, o tom é mais severo.

1.2.2.3 *Os gestos e as palavras do Messias-Profeta*

Em conversas ou discursos em parábolas, Jesus fala aos seus diversos interlocutores sobre como entrar no Reino (cf. 11,52; 13,24; 14,23; 15,28-32; 16,16; 18,15-17; 18,24-27) e isto equivale à salvação. Constata-se que o Reino é o centro da mensagem de Jesus¹²² e para entrar no Reino é preciso fazer justiça aos vulneráveis, ser humilde como as crianças (cf. 18,15-17)¹²³ e arrepender-se como o publicano (cf. 18,9-14)¹²⁴. Os milagres que Jesus realiza ao longo do caminho são sinais do Reino já presentes em meio ao povo na sua vida e missão (cf. 7,16; 7,21-22; 17,20-21)¹²⁵. Ele ensina seus discípulos a orar, visita a amigos, opositores e pecadores, cura doentes e purifica leprosos.

Jesus é indagado por um legista sobre o que fazer para herdar a vida eterna (cf. 10,25-28) e responde com a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37). Pode-se dizer que estes textos abrem uma subseção sobre a lei e a salvação¹²⁶. Com o relato do bom samaritano, o Jesus lucano realiza vários resgates: o dos marginalizados, representados pelo homem caído semimorto à beira do caminho; o dos samaritanos, apresentado como exemplo de próximo que testemunha a compaixão e a misericórdia. Dá-se um resgate radical que desafia à lógica do puro e do impuro, ao mostrar que aqueles considerados

¹²¹ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 149.

¹²² Cf. *Ibid.* p. 177.

¹²³ Cf. *Ibid.*, p. 178-179.

¹²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 178.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 215-216.

¹²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 151.

puros, os religiosos, não foram capazes de agir com compaixão¹²⁷. Ao comentar o fechamento da seção 9,57-10,37, Lockmann afirma:

Encerra-se a unidade traçando a conexão entre o fechamento da perícopes introdutória (Lc 9.51-56), em que Jesus e os discípulos andam em território Samaritano, e são rejeitados, para o fechamento desta segunda seção da viagem conforme o plano redacional criado sobre o verbo πορεύομαι – viajar; assim, a perícopes que o encerra traz de volta Samaria, agora com a parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37), na qual há um resgate do conceito acerca dos samaritanos, reconhecendo neles um testemunho melhor que dos sacerdotes e levitas, ou seja, a hierarquia do templo, lugar de encerramento da viagem (Lc 19.45-48)¹²⁸.

Jesus continua em viagem e na sua estadia em casa de Marta e Maria (10,38-42), de certa forma, confronta os costumes da época, segundo o qual um homem só poderia se dirigir publicamente a palavra a uma mulher se esta fosse sua esposa ou parente ou ainda se recomendava ao homem não conversar por muito tempo com uma mulher, fosse a própria mulher ou a do próximo¹²⁹. No entanto, Jesus conversa com suas amigas e diverge do comportamento recomendado pelos fariseus¹³⁰. Jesus é a visita de Deus¹³¹.

Com os relatos do rico insensato (cf. 12,16-21), do homem rico (cf. 18,18-23) e do rico e o pobre Lázaro (cf. 16,19-31)¹³², Jesus rompe o paradigma do ensinamento rabínico que relacionava a prosperidade às bênçãos de Deus e continua seu ensinamento sobre a relação com os bens.

Na seção 13,22-17,10, os principais temas são o juízo e a salvação (cf. 14,7-14; 14,24). Em Lc 15, com a conhecida parábola da misericórdia, dividida em três cenas (15,4-7; 15,8-10; 15,11-32)¹³³, novamente os fariseus aparecem em oposição a Jesus que

¹²⁷ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 151-152.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 151.

¹²⁹ JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André (SP): Academia Cristã, 2015; São Paulo: Paulus, 2010, p. 474.

¹³⁰ LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 153.

¹³¹ Lockmann menciona texto de Rowe sobre a compreensão da categoria *visita*: Rowe sobre este texto afirma: “Para captar melhor o significado destas visitas de Deus, há que acompanhar na **LXX** o uso ἐπισκοπή como visita de Deus, onde a palavra é usada em diferentes momentos da história de Israel, para especificar o propósito de Deus nestas visitas: caminhos de Deus” (ROWE, W. C. **Early Narrative Christology**. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2006, p.165-166. Apud LOCKMANN, *op. cit.*, p. 188.). Ἐπισκοπή é o termo empregado por Lucas em 19,44.

¹³² Cf. LOCKMANN, P.T. de O. *op. cit.*, p. 180.

¹³³ Eloy e Silva desenvolve em um artigo a proposta de considerar as chamadas três parábolas da misericórdia em uma só parábola da misericórdia (Cf. ELOY e SILVA, L.H. *Misericordiae Gaudium*: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, n. 88, p. 273-294, Jul/Dez. 2016. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.188.30934/21425>. Acesso em: 23 jun. 2020.

acolhe os pecadores. Sublinha-se, assim, a alegria e a festa, consequência do agir salvífico divino que encontra o perdido, sana o enfermo e vivifica o moribundo¹³⁴.

Sobre o tema dos bens materiais, Jesus se dirige aos seus discípulos e declara: deve-se servir a Deus e não às riquezas (cf. 16,13). Na parábola do administrador infiel, elogia a sua astúcia na busca de solução. Alguns fariseus tentam ridicularizá-lo ao que Jesus responde: "Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus" (16,15). Jesus retoma sua crítica ao apego às riquezas, quando volta a dar destaque à bem-aventurança dos pobres na parábola do rico sem nome e do pobre Lázaro (cf. 16,19-31). O pobre Lázaro foi recompensado pela miséria de que havia padecido¹³⁵. As palavras de Jesus que encerram esta seção advertem em relação aos escândalos (cf. 17,1-2), convidam a perdoar o irmão e a praticar a correção fraterna (cf. 17,3-4), trata da expectativa do reconhecimento pelo trabalho realizado e a humildade e gratuidade como atitudes que devem caracterizar aos servos (cf. 17,5-10)¹³⁶.

O relato da purificação dos dez leprosos (17,11-19), dos quais apenas um, sendo este samaritano, volta a Jesus para lhe agradecer tem um enlace com a perícope que abre o relato da viagem. Aquele samaritano representa todos os marginalizados, pobres e impuros que são resgatados pela graça. A eles também é concedida a salvação enquanto participação do Reino de Deus. A viagem de Jesus confirma o resgate daqueles deixados à margem do caminho pela religião oficial. Ao prostrar-se diante de Jesus, aquele estrangeiro realiza um gesto reservado aos que se encontram diante dos reis e, mais ainda, diante de Deus, em atitude de profunda reverência e humilde adoração. Trata-se, portanto, de um reconhecimento de seu senhorio¹³⁷.

No encontro de Jesus com o homem rico, o tema da relação com os bens é retomado. Jesus ensina que as riquezas não devem ser preferidas às exigências do seu seguimento, pois isso, implicaria na impossibilidade de entrar no Reino. Preferir os bens

¹³⁴ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 167-169.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 169-173. Mais adiante, Lockmann citando Green volta a mencionar o destaque que Jesus dá aos pobres, já que diversas vezes assume posições em favor dos pobres em Lc, a saber: 4,18 – os privilegiados no anúncio da boa nova; 6,20-22 – a eles pertence o Reino; 7,22 – coloca aos vulneráveis em evidência; 14,13 – os convida; 14,21 – os traz para sua festa; 16,20-22 – pobre Lázaro que é acolhido no seio de Abraão (cf. p. 218).

¹³⁶ *Ibid.*, p. 173-174.

¹³⁷ *Ibid.* 175-176.

materiais e o apego a eles constitui um impedimento para herdar a vida eterna. (cf. 18,18-30)¹³⁸. O tema do discipulado e das exigências do seguimento de Jesus enlaça esta perícopes com o início do relato da viagem (9,57-62)¹³⁹.

Em Jericó, Jesus tem dois encontros importantes, com o cego que é curado e o segue pelo caminho e com Zaqueu. De fato, Jesus pede hospedagem na casa de Zaqueu, considerado pecador público e lá realiza a sua quarta parada de descanso¹⁴⁰.

Cada parada que compõe a marcha traz personagens referências de toda a viagem, os samaritanos, as mulheres, os fariseus e os publicanos, o roteiro geográfico acompanha o temático. A figura messiânica e profética de Jesus se impõe (10,43; 18,43). Com clareza Lucas deixa perceber através destes marcos na redação, seu propósito no interlucano, com a viagem a Jerusalém¹⁴¹.

Ao propor a teologia do relato lucano da viagem, Székely destaca os seguintes pontos que são de particular interesse para esta pesquisa. A viagem tem como tema central o sofrimento e a glória de Jesus¹⁴² e se configura como caminho de instrução e preparação dos discípulos para a missão da Igreja no tempo¹⁴³. Os “desvios” no itinerário em que se incluem os samaritanos¹⁴⁴, indicam uma reorientação da missão não somente para os judeus, mas também para os gentios o que revela um crescente conflito entre Jesus e Israel que o rejeita¹⁴⁵. O caminho é uma metáfora da história da salvação: mesmo que a salvação tenha sido rejeitada pela multidão e autoridades em Jerusalém, essa mesma salvação segue seu caminho até os confins da terra. De grande valor é a análise sobre o tema do banquete e as refeições na literatura lucana e o recurso do autor à metáfora do banquete e

¹³⁸ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 179.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 179-180.

¹⁴⁰ No estudo de Székely não é considerada a visita e refeição de Jesus na casa de um fariseu (14,1), portanto este autor comenta apenas três visitas de Jesus durante o relato da viagem. Lockmann considera quatro, a saber: a primeira tentativa no povoado de samaritanos (cf. 9,51-57), mas não fora acolhido. Depois, no território de Judá, em Betânia, onde foi recebido por Marta e Maria (cf. 10,38-42), mais adiante um fariseu o convidou a comer em sua casa (cf. 14,1) e, por fim, na casa de Zaqueu (cf. 19,1-10).

¹⁴¹ LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**: A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. Rio de Janeiro: Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009, p. 182.

¹⁴² SZÉKELY, J. **Structure and Theology of the Lucan ‘Itinerarium’**. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008, p. 130-132.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 132-135.

¹⁴⁴ Para aprofundar sobre a importância teológica dos samaritanos na obra lucana e de sua inclusão como destinatários da missão e da salvação oferecida por Jesus, leia-se: ULLOA, B.A.N. A presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At): Uma análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó. **Revista Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, n. 41, maio/agosto 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21666/21666.PDF>. Acesso em: 24 jun. 2020.

¹⁴⁵ SZÉKELY, J. *op. cit.*, p. 136-140.

antibanquete, já que contextualiza as relações de Jesus com certos grupos e a importância desse gesto como sinal do Reino de Deus¹⁴⁶.

Conclusão

Este capítulo permitiu situar o relato do encontro na obra e evangelho lucanos, assim como apresentar a delimitação do texto assumida nesta pesquisa e conhecer algumas propostas de estruturação desta seção. Também foram apresentados os principais temas que servirão de referencial para prosseguir a pesquisa.

Jesus é apresentado por Lucas como profeta itinerante que caminha com determinação a Jerusalém onde se dará a consumação da sua páscoa – paixão, morte, ressurreição e assunção. Jerusalém é a cidade que mata os profetas e o lugar onde se manifesta a salvação de Deus. Esta cidade é o lugar onde Jesus conclui seu peregrinar histórico e o centro da expansão da Igreja, que por meio dos apóstolos e demais discípulos que caminharam com Jesus, continuará o anúncio do Reino de Deus partindo de Jerusalém, passando pela Judeia, Samaria e até os confins do mundo (cf. At 1,8).

Os pobres são os destinatários privilegiados do anúncio do Reino mediante as palavras e gestos de Jesus, que se apresenta na sinagoga de Nazaré como o Ungido pelo Espírito do Senhor para anunciar a boa nova aos pobres e enviado para realizar diversos sinais que indicam que o Reino já chegou, o anúncio do ano jubilar (cf. 4,16-21; 7,18-23; 11,20; 17,21). O evangelho lucano dá especial relevância aos pobres no sentido estrito, isto é, aqueles que padecem carências materiais e físicas, no entanto, não se restringe a elas, pois pobre é todo aquele que não foi alcançado pela salvação e Jesus a oferece a todos. O cumprimento da boa nova anunciada aos pobres revela a inauguração dos tempos messiânicos.

Em seu peregrinar, o perfil profético-messiânico de Jesus se desenvolve gradualmente (4,24; 13,31.33), assim como também aumenta a hostilidade e a tensão com os fariseus e escribas. Estes tinham bastante influência sobre o povo, que começou a reconhecer em Jesus um rabino com autoridade e poder, um profeta em meio ao povo (cf. 7,16; 9,19). Ao perfil-profético messiânico de Jesus se sobrepõe a figura escatológica do

¹⁴⁶ SZÉKELY, J. *Structure and Theology of the Lucan 'Itinerarium'*. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008, p. 141-150.

Filho do Homem, que Jesus anuncia ser sinal para aquela geração e que aponta para a vinda definitiva do Reino de Deus.

No tocante à delimitação, o estudo acolhe o consenso de indicar o início em 9,51 e, enquanto à conclusão, opta por 19,26. Apresenta a proposta de estrutura ou esboço de dois estudos e destaca alguns elementos de interesse para a pesquisa, dos quais, de modo especial, nesta conclusão propõe-se a consideração da parábola do bom samaritano apontada por Székely como programática na seção da viagem a Jerusalém.

O caminho rumo a Jerusalém é o novo êxodo, com função teológica. Qualificar a viagem como uma “marcha profética, messiânica e libertadora oferece um contexto e sentido que envolvem as palavras e gestos de Jesus ao dirigir-se ao ponto alto do seu mistério: a sua páscoa. Jesus não caminha sozinho, ele vai à frente de seus discípulos e ao longo da viagem se encontra com diversas pessoas, inclusive com multidões. Em seus encontros, os sinais do Reino vão se manifestando.

Neste primeiro capítulo é possível vislumbrar a realidade do Reino que se manifesta na pessoa de Jesus, em seus gestos e palavras. Para melhor compreender essa realidade, no capítulo II, este estudo se ocupará da categoria “encontro” para verificar a possibilidade de ser esta uma categoria teológica. Na sequência, buscará identificar os termos gregos que referem ao *encontro* e sua compreensão no evangelho lucano e, particularmente, no relato da viagem. Pretende-se compreender o encontro como lugar teológico no qual o Reino de Deus acontece.

2 O ENCONTRO COMO CATEGORIA TEOLÓGICA NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Neste segundo capítulo, realiza-se uma aproximação conceitual do “encontro” como categoria teológica. Em seguida, serão identificados os termos gregos presentes no relato da viagem a Jerusalém (Lc 9,51-19,46) que remetem a essa categoria e, por fim, os grupos de pessoas com as quais se dão os diversos encontros e desencontros de Jesus.

2.1 O encontro como categoria teológica

O encontro é uma das experiências humanas mais fascinantes. Está na origem e no fim da vida. Todas as pessoas são naturalmente fruto de um encontro e, no caso daqueles que partilham a fé cristã, aderir ao Reino anunciado por Jesus já é começar a viver na história o encontro com Deus que chegará à sua plenitude no face a face da vida eterna.

2.1.1 O encontro no dinamismo da Revelação de Deus

No entanto, o encontro é uma “experiência humana” ou antes uma “experiência divina”? Como o encontro se daria em Deus? É legítimo falar de encontro do ser humano com Deus? O cristianismo professa o caráter pessoal do único Deus: Pai, Filho e Espírito Santo¹⁴⁷. O caráter pessoal de Deus permite que Ele se revele e seja conhecido mediante o encontro interpessoal. Rahner afirma que na história da salvação e na revelação – Trindade “econômica”, os seres humanos já fazem a experiência da Trindade imanente¹⁴⁸:

[...] pressupomos e retemos radicalmente que a Trindade na história da salvação e revelação é a Trindade “imanente”, visto que na autocomunicação de Deus à sua criatura pela graça e encarnação, Deus realmente se doa a si mesmo e surge realmente como é em si mesmo, então, tendo em vista o aspecto histórico e econômico-salvífico presente na história da auto-revelação de Deus no Antigo e no Novo Testamento, podemos dizer: na história da salvação, quer coletiva quer individual, vêm ao nosso encontro imediato não quaisquer forças numinosas que representem a Deus, mas nos vem ao encontro e nos é dado na verdade o próprio Deus único, que em sua absoluta singularidade – que nada pode substituir ou representar – advém ele próprio onde nos achamos e onde o recebemos a ele próprio e como ele próprio em sentido estrito¹⁴⁹.

O caráter pessoal de Deus permite que Ele se revele e seja conhecido mediante o encontro interpessoal. Rodriguez corrobora: “Hablar en propiedad del encuentro entre el

¹⁴⁷ Este estudo pressupõe o conhecimento da doutrina cristã católica sobre a Trindade.

¹⁴⁸ Cf. RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 169.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 168.

hombre y Dios supone elevarse en primer lugar al paradigma del encuentro por antonomasia, que es el que Padre e Hijo realizan en el Espíritu”¹⁵⁰. Portanto, seria possível afirmar que em Deus se dá um “encontro trinitário”¹⁵¹, por conseguinte, pela encarnação do Filho de Deus, o encontro entre Deus e o ser humano se faz possível¹⁵².

Por sua vez, Arenas recorda que ainda que o ser humano se interroge sobre Deus, Ele não é produto de sua reflexão e investigação. Antes é o ser humano que se vê questionado por Deus, encontrando-se na necessidade de tomar uma decisão¹⁵³.

Segundo a revelação bíblica, Deus se revela vindo ao encontro do ser humano, portanto, ele toma a iniciativa¹⁵⁴. Na perspectiva judaico-cristã, a possibilidade de o homem ir ao encontro de Deus é um movimento que será compreendido sempre como uma resposta de fé de caráter abrangente, pois repercute no âmbito pessoal, comunitário e social¹⁵⁵. Este estudo parte do pressuposto do encontro como categoria teológica fundamental do dinamismo da revelação de Deus na história, que tem sua plenitude em Jesus, o Filho de Deus encarnado. Como afirma o Concílio Vaticano II, a revelação de Deus não consiste apenas na transmissão de conteúdos doutrinários, mas principalmente em que Deus se encontra com o ser humano e se relaciona com ele para salvá-lo:

Aprouve a Deus. na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef. 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão. Esta “economia” da Revelação executa-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. E, a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por meio

¹⁵⁰ RODRÍGUEZ, J. Z. **El Encuentro**. Propuesta para una Teología Fundamental. Salamanca (España): Secretariado Trinitário, 2010, p. 101.

¹⁵¹ Agostinho afirmava que de Deus nada se pode predicar a partir do acidente, porque nele não há acidente, mas tampouco, nem tudo se pode predicar a partir da substância. Inclusive, ele evita usar o termo substância, que implica a possibilidade de receber acidentes e prefere usar o termo “essência”. Em seu tratado *De Trinitate*, nos livros V a VII, reflete sobre as noções de relação e pessoa.

¹⁵² Cf. RODRÍGUEZ, J. Z. *op. cit.*, p. 102. É importante considerar que o autor aborda neste fragmento o encontro que acontece em Deus e com Deus na perspectiva da fé cristã, o que não exclui a experiência de encontro com Deus do povo de Israel ou ainda outras religiões que não professem a fé no Deus Uno e Trino. Neste caso, a encarnação do Filho é o que garante a possibilidade definitiva do encontro de qualquer ser humano com Deus.

¹⁵³ Cf. ARENAS, O. R. **Jesús, Epifanía del amor del Padre**: Teología de la Revelación. Bogotá: CELAM, 1987, p. 22.

¹⁵⁴ Cf. *Ibid.* p. 22.

¹⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 68-69.

desta Revelação no Cristo, que é simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação (DV 2)¹⁵⁶.

Este ensinamento conciliar afirma que a iniciativa divina consiste em sair de si e vir ao encontro do ser humano com o objetivo de autorrevelar-se, autocomunicar-se e, assim, manifestar sua vontade salvífica. Mesmo que não se sirva do termo *encontro*, o documento conciliar descreve a ação de “deslocamento” de Deus em direção aos seres humanos para estabelecer uma relação descrita com ações como falar com eles como a amigos, conversar, convidar à comunhão. Todas essas ações indicam relação afetuosa e vinculante.

Como mediador e plenitude da Revelação, Jesus revela o rosto amoroso do Pai ao falar e conviver em sua vida histórica com pessoas comuns. Além de conviver de modo particular com aqueles que escolheu, se dedicou a anunciar-lhes o mistério da vontade do Pai: “A vós é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus [...] (Lc 8,10). Jesus vem para revelar os mistérios do Reino e o faz no dinamismo da história da salvação¹⁵⁷, mediante suas palavras e gestos (ou ações). Dessa forma, Jesus anuncia e realiza o Reino mediante a sua própria pessoa em diversos encontros. Segundo Orígenes, Jesus é a *autobasileia* ou o Reino em pessoa¹⁵⁸. Encontrar-se com sua pessoa é encontrar o Reino de Deus!! O encontro é um lugar teológico privilegiado.

2.1.2 O encontro na reflexão teológica

A ideia da revelação como encontro pessoal, já vislumbrada na patrística, e que melhor corresponde à realidade da revelação apresentada pela Sagrada Escritura, recebeu grande impulso na teologia do século XX¹⁵⁹. Rodríguez sublinha que a categoria encontro passou de ocupar um lugar marginal para ser considerada um conceito fundamental, apto

¹⁵⁶ CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 348-439.

¹⁵⁷ Esta pesquisa tem o entendimento de que a história da salvação não é alheia à história universal, mas uma dimensão desta, lugar essencial para o acontecimento da revelação de Deus: “La revelación se presenta, ante todo, como la forma histórica de la salvación; ella acontece como historia salvífica. Precisamente la historia de la salvación se realiza y alcanza su carácter peculiar porque en ella acontece la revelación” (ARENAS, O. R. **Jesús, Epifanía del amor del Padre**: Teología de la Revelación. Bogotá: CELAM, 1987, p. 55). Portanto, é na história que a revelação se dá como um encontro interpessoal (Cf. Op. cit., p. 62).

¹⁵⁸ ORÍGENES. **Commento al Vangelo di Matteo/2** (Libri XIII-XV), XIV, 7. Roma: Città Nuova, 1999, p. 130-134.

¹⁵⁹ ARENAS, O. R. *Op. cit.*, p. 91. Alguns representantes indicados pelo autor são H. de Lubac, Daniélou, Chenu, Bouillard, von Balthasar.

para ajudar na estruturação do inteligir da revelação e da fé¹⁶⁰. Afirma, ainda, dois motivos principais para tal mudança: 1) a renovação filosófica pela escola fenomenológica e personalista e 2) a evolução interna da ciência teológica. Se na modernidade o protagonista era o “eu”, na pós-modernidade o protagonista passa a ser o “outro”. Esta compreensão se expressa no que o autor denomina movimento personalista, pensamento dialógico ou filosofia do encontro¹⁶¹. O autor investiga a possibilidade de articular a teologia fundamental a partir da categoria “encontro”, o que significaria compreender a revelação de Deus a partir do encontro e averiguar se é apropriado falar da possibilidade de um encontro do homem com Deus. Para isso, recorre às contribuições de autores do século XX que abordaram a categoria encontro na reflexão teológica e, em alguns casos, na reflexão filosófica, cuja argumentação pudesse dialogar com o pensamento de Laín Entralgo, seu principal referencial teórico. Baseia-se principalmente na obra *Teoría y Realidad del Otro*. Entralgo propõe uma fenomenologia do encontro inter-humano que Rodríguez aplica ao encontro entre Deus e o homem estudado na teologia fundamental.

Rodríguez ainda afirma que a categoria encontro está atestada em algumas compreensões contemporâneas sobre a fé e a Revelação e que recupera o seu sentido existencial, pois a pessoa está integralmente envolvida no ato de crer¹⁶² e esta não se reduz ao intelectualismo. Após estudar diversos autores adverte que não há uma compreensão unívoca da categoria *encontro* e destaca a necessidade de um estudo fenomenológico rigoroso que permita recorrer ao conceito de forma mais segura.

Crítica recurrente por nuestra parte ha sido denunciar la falta de un estudio fenomenológico riguroso que permita acudir a la categoría sin equívocos ni imprecisiones. Porque no siempre un autor dice *encuentro* de la misma forma. En nuestra opinión, el problema radica en cómo se acude a la filosofía. Remitir conjuntamente a Buber, a Marcel y a Lévinas, por ejemplo, es legítimo pero impreciso. Los tres hablan de lo mismo, pero no dicen lo mismo. Así que, o bien se prefiere la perspectiva de uno de ellos – opción que, desde luego, no

¹⁶⁰ Sobre a presença implícita da categoria *encontro* nos textos patrísticos, Rodríguez recorda que no contexto da época patrística, ainda não havia a distinção entre espiritualidade e dogmática, portanto, ao justificar racionalmente a fé e a revelação, os padres buscavam simultaneamente ao Deus que antes os havia encontrado. (Cf. Nota 2 em RODRÍGUEZ, J. Z. **El Encuentro**. Propuesta para una Teología Fundamental. Salamanca (España): Secretariado Trinitário, 2010, p. 17).

¹⁶¹ Como representantes mais destacados cita a M. Scheler, M. Buber, M. Heidegger, G. Marcel, K. Jaspers, J-P. Sartre, M. Merleau-Ponty, F. Ebner e E. Lévinas (Cf. RODRÍGUEZ, J. Z. *op. cit.*, p. 18-19).

¹⁶² *Ibid.*, p. 99.

podrá hacerse acriticamente-, o bien se elabora una síntesis que, en tal caso, convendría dejar explicitada para orientar al lector¹⁶³.

O pesquisador identifica dois temas recorrentes nos autores estudados na primeira parte de sua obra¹⁶⁴: 1) A argumentação que se apoia sempre no caráter pessoal de Deus que se revela¹⁶⁵ e 2) A necessidade de uma argumentação cristocêntrica e, por consequência, pneumatológica e trinitária para garantir sua coerência.

Para propor o encontro como categoria teológica, Rodríguez resgata a compreensão de encontro proposta por Laín Entralgo entendido como fenômeno que faz surgir no ser humano a condição de proximidade. Convém deter-se ainda sobre a relação entre o encontro e a proximidade no pensamento deste autor. Segundo Rodríguez, Entralgo teria alcançado uma síntese que reúne o mais significativo da reflexão filosófica sobre o encontro, mesmo que para ele, a categoria *encuentro* estivesse subordinada à categoria *próximo*. Entralgo postulava a necessidade de uma disciplina que estudasse a relação entre os homens, não somente enquanto “sócios” – pela sociologia, mas enquanto *próximos*, a *plesiologia* – neologismo criado por ele que faz referência ao termo *próximo* em grego πλησίον (*plesíon*). Na relação em que os sujeitos se tornam “próximos” não há objetivação do outro, mas personificação. Entralgo considera a perícopa lucana do bom samaritano (10,25-37) como o “encontro exemplar”. O samaritano se compreende como o próximo do homem ferido e caído no caminho. Na análise do dinamismo do encontro a partir desta perícopa, identifica os seguintes elementos: 1) ver o outro; 2) tomar consciência dele e de sua condição; 3) aproximar-se para ter uma relação pessoal e efetiva; 4) sentir compaixão, no sentido de deixar-se afetar ou comover até as entranhas; 5) surgimento de uma ação livre e criadora que gera uma relação de proximidade mediante a ajuda efetiva, ou seja, um compromisso com o bem do outro¹⁶⁶.

Rodríguez comenta que, no relato, o samaritano seria uma representação alegórica do próprio Cristo. Com a atitude do samaritano, Jesus transforma a visão centrada no eu

¹⁶³ RODRÍGUEZ, J. Z. **El Encuentro**. Propuesta para una Teología Fundamental. Salamanca (España): Secretariado Trinitário, 2010, p. 100.

¹⁶⁴ Na primeira parte, intitulada *La categoría encuentro en el panorama de la teología fundamental*, Zazo Rodríguez considera os seguintes autores: Emil Brunner (1889-1966), Romano Guardini (1885-1968), Jean Monroux (1901-1973), Carlos Cirne-Lima (1931-), Hans Urs von Balthasar (1905-1988), Olegario González de Cardedal (1934-), Juan Martín Velasco (1934-), Bruno Forte (1949-).

¹⁶⁵ Cf. RODRÍGUEZ, J. Z. *op. cit.*, p. 101. Este argumento se caracteriza pela circularidade: “Sucede, sin embargo, que hay una cierta circularidad argumentativa: tan cierto aparece que, porque Dios es personal, es posible un *encuentro* en sentido estricto con Él, en cuanto que, porque se revela mediante un encuentro interpersonal, los hombres conocemos su personalidad”.

¹⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 132-133.

por outra centrada no tu. Ao legista que lhe pediu uma definição, Jesus ofereceu um convite ao bom agir e ensina a olhar o outro como “pessoa” querendo um amor misericordioso e operativo. O amor cristão se define porque o “eu” se torna o próximo do outro, o que em ato se chama compaixão. Para esta pesquisa é relevante que o encontro descrito no relato de uma perícopa lucana (10,29-37), que compõe o relato da viagem de Jesus a Jerusalém (9,51–19,46), seja considerado o “encontro exemplar”¹⁶⁷.

2.2 Os termos gregos que significam a noção de encontro em Lc

Após averiguar a legitimidade da consideração do encontro como uma categoria teológica essencial na compreensão da revelação de Deus ao ser humano, passa-se ao estudo dessa categoria no terceiro evangelho, a partir dos termos gregos que a ela se referem. No evangelho segundo Lucas, é possível identificar termos que se referem à noção de encontro. Porém, algo interessante a ser destacado é que mesmo quando não se usa um termo específico para referir-se ao “encontro”, há descrição de ações que indicam esta experiência. Pode ser relevante o fato de não ter sido identificado nenhum substantivo grego no texto lucano que corresponda ao substantivo “encontro” em português¹⁶⁸, porém foram identificados principalmente verbos gregos. Isto pode sugerir que o encontro neste evangelho implica sempre ação, gestos; mais que uma ideia ou conceito expresso em um termo. Como resultados obtidos, serão abordados os verbos gregos que correspondem ao significado de encontro em português¹⁶⁹ e, na sequência, alguns termos ou expressões mais significativas.

2.2.1 Cinco verbos

Enquanto aos termos gregos que correspondem ao verbo “encontrar” em português foram identificados cinco, a saber: ἀπαντάω (1x), συναντάω (2x), ὑπαντάω (2x), εὐρίσκω (45x) e ἀνευρίσκω (1x).

Os verbos ἀπαντάω (cf. 17,12), συναντάω (cf. 9,37; 22,10) e ὑπαντάω (cf. 8,27; 14,31) referem-se sempre ao encontro interpessoal: encontrar alguém. As ocorrências

¹⁶⁷ Cf. RODRÍGUEZ, J. Z. **El Encuentro**. Propuesta para una Teología Fundamental. Salamanca (España): Secretariado Trinitário, 2010, p. 131-133.

¹⁶⁸ Nos evangelhos segundo Mateus e segundo João ocorre o substantivo ὑπάντησις que significa encontro, ir ao encontro de alguém (Cf. Mt 8,34; 25,1; Jo 12,13). A este substantivo corresponde o verbo ὑπαντάω.

¹⁶⁹ Os verbos foram identificados a partir da análise do texto em português da Bíblia de Jerusalém (2002) e posteriormente identificados na Nestle-Aland 28 (NA28) disponível no software BibleWorks 10.

destes verbos no relato da viagem são apenas duas: a primeira, ao falar das renúncias que implicam o seu seguimento e da importância de ponderá-las, Jesus ilustra esse ensinamento com a imagem de um rei que vai ao encontro do seu adversário, refere-se neste caso a um confronto (cf. 14,25-34); a segunda, no relato do encontro de Jesus com os 10 leprosos (17,11-19)¹⁷⁰.

O primeiro a ocorrer na totalidade do evangelho lucano e, também, o mais abundante é o verbo εὕρισκω e, por isso, será analisado com mais detalhe. Literalmente significa encontrar e pode ter diversas nuances: encontrar após uma busca ou de forma casual; achar, deparar-se com algo; procurar, obter; compreender, intuir, descobrir após um raciocínio. Na LXX, geralmente é usado para expressar o encontro com Deus (Cf. Is 55,6; 66,1)¹⁷¹. Segundo Preisker, no NT, as ocorrências do verbo εὕρισκω predominam no sentido de “uma descoberta surpreendente, de uma misteriosa/profunda compreensão do ser humano e do processo da história do mundo à luz dos mistérios do Reino de Deus, do qual tanto um como o outro dependem e do qual são certamente destinatários”¹⁷².

Na LXX e na literatura judaica posterior, εὕρισκω é empregado nas vozes ativa (cf. Gn 18,26-28), média (cf. Dt 20,11) e passiva (cf. Dn 1,19) para expressar o significado de encontrar. Geralmente traduz o verbo hebraico מצא (*matza*) e são objetos do encontro: pessoas ou coisas (cf. Gn 31,35; 1Sm 10,21), Deus (cf. Is 55,6), a graça e a misericórdia (cf. Gn 18,3; 19,19; Ex 33,13; Nm 11,11; Jz 6,17), a sabedoria ou o conhecimento de Deus (cf. Prov 14,6) a vida ou o descanso (cf. Prov 21,21; Eclo 11,19). Por vezes, dá-se a combinação com o verbo ζητέω – buscar – e que é usado para expressar a experiência de encontrar depois de buscar. A maioria das vezes em que ocorre a combinação buscar-encontrar, refere-se à possibilidade ou dever de buscar e encontrar a Deus (cf. Is 55,6; 65,1; Jr 29,13; Prov 8,17; Sb 13,6). Deus pode ser buscado e encontrado na oração, no processo de conversão, na acolhida do perdão (cf. Is 55,6-8; Jr 29,11-12) etc. Entretanto, ainda quando o ser humano pensa ter a iniciativa da busca é Deus quem o encontra ou se deixa encontrar (cf. Is 55,6; 65,1; Jr 29,14)¹⁷³.

¹⁷⁰ Cf. MICHEL, O. Ὑπαντάω; Ὑπάντησις. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento V**. Brescia: Paideia, 1969, p. 244.

¹⁷¹ Cf. PREISKER, H. Εὕρισκω. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento III**. Brescia: Paideia, 1967, p. 1192.

¹⁷² *Ibid.*, p. 1192.

¹⁷³ Cf. GÄRTNER, B. Buscar, Encontrar. In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento I**. Salamanca: Sígueme, 1990, p. 195.

No NT, εὕρισκω ocorre com os mesmos significados já indicados da LXX e como escopo desta pesquisa, interessa especialmente o que tiver relação ao uso desse verbo com a pessoa de Jesus no evangelho lucano: como se aplica aos encontros de Jesus ou ao que Jesus fala sobre a experiência de encontrar? Qual a particularidade deste evangelho nos encontros e falas de Jesus sobre o encontro no evangelho lucano?

A primeira ocorrência de εὕρισκω em Lucas se refere à declaração do anjo Gabriel a Maria, que *encontrou* graça diante de Deus e recebe a notícia da sua eleição para ser a mãe de Jesus (cf. 1,30-31). Em 2,12, os anjos anunciam aos pastores o nascimento de Jesus, o Salvador, e lhes dão um sinal: *encontrar* um recém-nascido (2,12). É relevante o fato de que o encontro com a pessoa de Jesus seja colocado como um sinal. O encontro com a pessoa de Jesus é proposto pela primeira vez como sinal. Os pastores se dirigem ao local indicado apressadamente e *encontram* Maria, José e o menino (cf. 2,16¹⁷⁴). Mais tarde, o menino Jesus é *encontrado* no templo por seus pais, após permanecer em Jerusalém sem que eles o notassem (2,45-46). No seu ministério público, Jesus se admira da fé testemunhada pelo centurião e admite que não *encontrou* tanta fé em Israel (cf. 7,9). *Encontra* os discípulos adormecidos de tristeza quando deveriam estar vigilantes com ele na oração (cf. 22,45) e, finalmente, as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia, foram ao sepulcro no primeiro dia da semana e não *encontraram* seu corpo (cf. 24,3.23).

No tocante às palavras de Jesus, o verbo εὕρισκω está presente em suas frases, ditos e discursos. A combinação ζητέω + εὕρισκω – *buscar* + *encontrar* – ocorre no ensino sobre a oração (cf. 11,9-10); na parábola do homem que procurou frutos na figueira, mas não *encontrou* (cf. 13,6-7); ao falar para a multidão sobre o espírito impuro que busca e não *encontra* repouso (cf. 11,24). Jesus também questiona se quando o Filho do Homem vier, ainda *encontrará* fé sobre a terra (cf. 18,8). Ademais, o emprego do verbo εὕρισκω nas palavras de Jesus tem relevância para esta pesquisa especialmente no capítulo 15, na parábola da misericórdia¹⁷⁵. Nesta parábola, relatada em três atos, dá-se a

¹⁷⁴ Além das 45 ocorrências de εὕρισκω em Lc, há uma ocorrência do verbo ἀνεύρισκω, composição da preposição ἀνὰ + verbo εὕρισκω em 2,16, cujo significado seria encontrar ou descobrir após procurar ou pesquisar (Cf. RUSCONI, C. Ἀνεύρισκω. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 50).

¹⁷⁵ Eloy e Silva desenvolve em um artigo a proposta de considerar as chamadas três parábolas da misericórdia em uma só parábola da misericórdia (Cf. ELOY e SILVA, L.H. *Misericordiae Gaudium*: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, n. 88, p. 273-294, Jul/Dez. 2016. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i88.30934/21425>).

combinação perder/encontrar – ἀπόλλυμι/εὐρίσκω: 15,4-7 – o pastor que *encontra* sua ovelha perdida; 15,8-10 – a mulher que busca e *encontra* a sua moeda perdida e, por fim; 15,11-32 – o pai que vai ao *encontro* dos filhos que se perderam.

Ao final deste percurso, nos demos conta de três cenários formando um tríptico: o primeiro cenário do pastor e as ovelhas; o segundo, da mulher e as dracmas e o terceiro, do pai e os dois filhos. Construção tríplica que se interliga pelas imagens do pastor e da mulher, sintetizados na figura do pai que vai ao encontro do que se perdeu fora (Lc 15,20: *o pai o viu e correu ao seu encontro*) e do que também se perdeu dentro (Lc 15,28: *o pai saiu para suplicar-lhe*). Assim como existe um movimento do pastor que vai ao encontro da ovelha perdida e um movimento da mulher que se põe à procura da dracma perdida, há um movimento do pai que vai ao encontro do filho mais novo e do filho mais velho.

A parábola culmina com a revelação do rosto misericordioso do pai que se manifesta na experiência do encontro interpessoal. Cada ato oferece elementos que desenham gradualmente a experiência do encontro. O relato destaca os movimentos do pai que ao *ver* – (ὁράω) – e filho mais novo, se *comove* e *compadece* – (σπλαγχνίζομαι), *corre* – (τρέχω) ao seu encontro, *abraça-o* ou mais literalmente, se lhe *lança* ao pescoço – ἐπιπίπτω – e o *beija com afeto* – καταφιλέω (cf. 15,20b). Gestos descritos com intensidade que denotam compaixão e ternura, acolhida e reintegração à casa, com o componente do reconhecimento da dignidade e da alegria da salvação. No caso do filho mais velho, o pai vai ao seu encontro, suplica-lhe que entre para participar da mesma alegria e celebrar, pois seu irmão fora encontrado com vida. As palavras do pai revelam o carinho de quem deseja a companhia e a partilha, não apenas dos bens materiais, mas também da alegria, pois este filho mais velho também é importante. Sua presença e participação não são indiferentes para o pai, seus gestos são manifestação da misericórdia de Deus que vai ao encontro de cada filho, movido por seu amor e acolhendo a cada um como é e segundo o que precisa.

Mas no limiar daquela casa brilhará também em toda a sua claridade, sem lucubrações nem desculpas que lhe tirem força, o desejo do Pai: que todos os seus filhos tomem parte na sua alegria; que ninguém viva em condições desumanas como seu filho mais novo, nem na orfandade, isolamento ou amargura como o filho mais velho. O seu coração quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (cf. 1 Tm 2, 4)¹⁷⁶

¹⁷⁶ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Visita Apostólica ao Marrocos. Complexo Desportivo Príncipe Moulay Abdellah (Rabat). 31 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190331_omelia-marocco.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

A parábola evidencia a alegria do encontro: “Em todas as cenas está presente o elemento perdido que é buscado e que, ao ser encontrado, gera uma alegria tão grande que precisa ser partilhada”¹⁷⁷. Em 19,10, Jesus declara que veio procurar e *salvar* – σόζω¹⁷⁸ – o que estava perdido. Pode-se inferir que o encontro é a experiência em que Jesus realiza sua missão, dessa forma o “encontro” se torna lugar de salvação. Nos encontros de Jesus a salvação se manifesta¹⁷⁹. A salvação relacionada ao encontro com a pessoa de Jesus seria o sinal a que acena a palavra dos anjos aos pastores em 2,16?

2.2.2 Outros termos e expressões

Identificar os cinco verbos supramencionados levantou informações relevantes sobre o encontro no evangelho lucano, porém, não seria suficiente para obter uma noção mais completa sobre o encontro neste evangelho. Vários encontros de Jesus ou palavras dele que se referem a essa realidade passariam inadvertidos, como a parábola do bom samaritano (10,25-37) ou diversos encontros de Jesus, por exemplo, aquele no Templo com Simeão (2,22-27). Desde o momento em que Maria respondeu a Deus pela mediação do anjo: “γένοιτό μοι κατὰ τὸ ῥῆμά σου/*faça-se em mim segundo a tua Palavra*”, o Filho do Altíssimo se *encontrou* no seio de Maria e, por meio dela, começou a *encontrar-se* com aqueles que precisam de salvação. O encontro das duas mães, Maria e Isabel na verdade é o encontro dos dois filhos, Jesus e João Batista (cf. 1,39-45)¹⁸⁰, já que neste evangelho, o encontro entre eles não se dá por ocasião do batismo como nos outros sinóticos, pois João já estaria preso (cf. 3,19-22; Mc 1,9; Mt 3,13-15). Com exceção dos intervalos 1,57-1,80 e 3,1-20 que são relatos sobre João Batista e o nome Jesus sequer é mencionado e do intervalo 3,23-38 sobre a genealogia de Jesus, em todo o texto lucano Jesus está em situações de encontros interpessoais com diversos tipos de pessoas ou grupos, inclusive, quando por diversas vezes, se retira para orar, está em encontro com o

¹⁷⁷ ELOY e SILVA, L.H. *Misericordiae Gaudium*: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. **Revista de Cultura Teológica**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia - Faculdade de Teologia – PUC-SP. São Paulo, p. 273-294, Jul/Dez. 2016. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i88.30934/21425>. Acesso em: 20 out. 2020.

¹⁷⁸ Vocábulo que ocorre 106x no NT e nos sinóticos seu uso geralmente expressa as ações salvíficas de Jesus. Em Lc pode-se verificar em 6,9; 7,50; 8,12.36.48.50; 9,24; 13,23; 17,19; 18,26.42; 19,10; 23,35.37.39 (Cf. SCHENEIDER, J. Redención (Σόζω). In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento IV**. Salamanca: Sígueme, 1994, p. 56.61-62).

¹⁷⁹ Cf. ULLOA, B.A.N. **A Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-39)**: O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 240.

¹⁸⁰ Sobre o nexos entre Jesus e João Batista, veja-se a nota 99 em ULLOA, B.A.N. *op. cit.*, p. 44.

Pai. Portanto, fica clara a necessidade de explorar ainda outros termos ou expressões que signifiquem ou descrevam a experiência do encontro ou os elementos que o compõem.

O verbo ἔρχομαι¹⁸¹ está ligado à noção de deslocamento e dependendo do contexto adquire diversos sentidos como ir, vir, caminhar etc. Ocorre 101x no evangelho lucano e, tanto isoladamente como combinado a alguma preposição, pode significar a ideia de encontro. Ir para alguém ou até alguém ou ainda “ir ter com” - ἔρχομαι + πρός – eis alguns exemplos: Maria que *vai a* Isabel com Jesus em seu seio (cf. 1,43); o centurião que se sente indigno de *ir ter com* Jesus (cf. 7,7) e Jesus pede que seja permitido às crianças *irem a* Ele (18,6). Nos discursos de Jesus, essa expressão ocorre na parábola da misericórdia, no relato do filho mais novo que se levanta e *vai para* seu pai (cf. 15,20) e no ensino sobre a oração com a metáfora da viúva que *vai ao* juiz rogar que lhe faça justiça (cf. 18,3). No episódio da mulher com hemorragia que é curada, ἔρχομαι tem o sentido de aproximar-se (cf. 8,47). Na sua entrada triunfal em Jerusalém, Jesus é aclamado: “Bendito o Rei que *vem* em nome do Senhor!” (cf. 13,35; 19,38) e, por fim, ἔρχομαι é empregado para referir-se à vinda do Filho do Homem (cf. 12,40; 21,27) e do Reino de Deus (cf. 11,2).

A seguir, são apresentados alguns termos que descrevem a experiência do encontro em gestos que o antecedem ou acompanham. Nesse viés, tais termos ou expressões significam acolher/receber; ver; aproximar-se; compadecer-se; visitar e sentar-se à mesa.

Eis alguns verbos que se referem à noção de acolher ou receber alguém: προσδέχομαι¹⁸² (5x), δέχομαι¹⁸³ (16x), ἀποδέχομαι¹⁸⁴ (2x), παραλαμβάνω¹⁸⁵ (6x). O menino Jesus é *acolhido e tomado em braços* por Simeão (cf. 2,28); mais adiante é acolhido ou acolhe a multidão (cf. 8,40; 9,11); é recebido na casa de Marta e de Zaqueu (cf. 10,38; 19,6) e acolhe os pecadores (cf. 15,2). Observa-se que também Jesus exorta ao dever de acolher a Palavra (cf. 8,13), o Reino (cf. 18,17; 23,51), a vinda do Senhor (cf. 12,36) e a consolação ou redenção de Israel (cf. 2,25.38). Particularmente, o verbo

¹⁸¹ Cf. MANDLE, W. Venida (ἐρχομαι). In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento IV**. Salamanca: Sígueme, 1994, p. 318-322.

¹⁸² Cf. RUSCONI, C. Προσδέχομαι. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 393.

¹⁸³ Cf. RUSCONI, C. Δέχομαι. In: *Ibid.*, p. 120.

¹⁸⁴ Cf. RUSCONI, C. ἀποδέχομαι. In: *Ibid.* p. 65.

¹⁸⁵ Cf. RUSCONI, C. Παραλαμβάνω. In: *Ibid.*, p. 353-354.

προσδέχομαι é empregado para expressar a atitude ante a realidade do Reino e da redenção/consolação de Israel como realidades que devem ser esperadas e acolhidas (2,25.38; 23,51), subentende-se a noção de encontro entre o ato de esperar e acolher.

O verbo ὁράω¹⁸⁶ – ver – pode ser usado tanto no sentido de encontro, por exemplo, quando a mãe e os irmãos de Jesus querem vê-lo (cf. 8,20) ou também como gesto que constitui um dos primeiros movimentos do encontro presentes no evangelho lucano, tanto nos gestos quanto nas palavras de Jesus. *Ver* é um dos principais movimentos que precede o gesto de aproximar-se do outro tanto física quanto afetivamente: os olhos do velho Simeão *veem* a salvação no menino Jesus (cf. 2,26.30; 3,6); ao *ver* Jesus, o leproso prostra-se diante dele (cf. 5,12); Jesus se comove ao *ver* a viúva chorar a morte do filho único (cf. 7,13); o samaritano *vê* o homem caído no caminho e se compadece (cf. 10,33). No entanto, apenas ver não significa ainda a vivência de um autêntico encontro, pois o sacerdote e o levita *viram* o homem ferido e prosseguiram em seu caminho (cf. 10,31-32). Um gesto que pode acompanhar o olhar profundo é “voltar o rosto para”, que pode expressar-se como *encarar* ou *fitar* – ἀτενίζω¹⁸⁷, o verbo ἐμβλέπω¹⁸⁸ (2x) quer dizer “*olhar para*”, por fim, o verbo στρέφω¹⁸⁹ (7x) expressa a ação de *voltar o rosto para alguém*. A assembleia *fixou seu olhar* – ἀτενίζω – em Jesus na sinagoga de Nazaré (cf. 4,20). Jesus *voltou-se para* a mulher pecadora que o ungiu (cf. 7,44), para os discípulos (cf. 9,55; 10,23) e para as multidões (cf. 7,9; 14,25), para as mulheres de Jerusalém que choravam por ele (cf. 23,38) e, para Pedro, com o detalhe de, além de *voltar seu rosto para* ele, o texto especifica que *pôs nele o seu olhar* – ἐμβλέπω¹⁹⁰.

¹⁸⁶ Cf. DAHN, K. Ver, Aparecerse (ὁράω). In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento IV**. Salamanca: Sígueme, 1994, p. 325-331.

¹⁸⁷ Cf. RUSCONI, C. ἀτενίζω. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 84.

¹⁸⁸ Cf. RUSCONI, C. ἐμβλέπω. In: *Ibid.*, p. 165.

¹⁸⁹ Cf. RUSCONI, C. Στρέφω. In: *Ibid.*, p. 428.

¹⁹⁰ “O encontro ou desencontro com Deus também é ilustrado pela relação do povo com o seu rosto. O desejo de contemplar a face de Deus (Cf. Sl 4,7; 17,15; 42,3) e a busca do seu rosto (Cf. Sl 24,6; 27,8; 105,4; Dn 3,41; Os 5,15) são temas recorrentes na espiritualidade de Israel presentes principalmente nos salmos. Estar sobre o resplendor da face de Deus é sinal de bênção, experiência de consolo e refúgio e salvação (Cf. Sl 22,25; 44,4; Dn 9,17). O ocultamento da face de Deus era temido e visto como resultado da infidelidade à Aliança (Mq 3,4; Is 8,17; Jr 23,39). Todas essas expressões sinalizam a força da compreensão relacional da religiosidade entendida como *encontro*” (GUIMARÃES, A.B. **O Encontro como Epifania do Reino**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2015, p. 14-15).

O encontro implica proximidade, o fato de ficar perto ou chegar junto de alguém, isto é o que expressa o verbo ἐγγίζω¹⁹¹ (18x): os publicanos, pecadores e o cego se *aproximam* de Jesus (cf. 15,1; 18,40). Jesus se *aproxima* dos discípulos no caminho (24,15). O verbo ἐφίστημι¹⁹² (7x) também assume o significado de sobrevir e aproximar-se: Marta se aproxima de Jesus para falhar-lhe (cf. 10,40). Προσέρχομαι¹⁹³ (10x) é um verbo empregado para expressar alguns gestos de Jesus: se *aproxima* e toca o esquife do filho da viúva (cf. 10,34) e se *aproxima* do menino epilético (cf. 9,42). O verbo ἔρχομαι + preposição κατά significa *aproximar-se até inclinar-se* a alguém, tal o gesto do bom samaritano (cf. 10,33) e ainda na perícopes do bom samaritano e, apenas nela, ocorre o advérbio substantivado πλησίον¹⁹⁴ (3x): em português é traduzido pelo adjetivo substantivado *próximo* (cf. 10,27.29.36).

No entanto, o aproximar-se segundo o espírito de Jesus, não é um simples chegar perto. Alguns se aproximaram de Jesus para fazer-lhe mal como Judas com o intuito de dar o sinal que o entregaria (cf. 22,47) ou os soldados que se aproximaram para caçoar e oferecer-lhe vinagre (cf. 23,36). Há algo mais, que pode suceder o gesto de se aproximar e caracterizá-lo como um encontro de salvação. Trata-se do movimento interior de comover-se até a compaixão, sentimento que produz uma espécie de envolvimento e compromisso com o drama e/ou sofrimento do outro para transformá-lo em uma experiência de salvação¹⁹⁵. O verbo σπλαγχνίζομαι¹⁹⁶ – compadecer-se – ocorre apenas 3x em todo o evangelho lucano e, precisamente no encontro de Jesus com a viúva de Naim (cf. 7,13) e em suas palavras ao contar as parábolas do bom samaritano (cf. 10,33) e da misericórdia (cf. 15,20). Nos três casos, o sentimento de compaixão desencadeia um ato em favor do outro, seja de consolação e salvação (cf. 7,14), de envolvimento e compromisso para atender ao próximo vulnerável e fazer-se próximo dele com diversos gestos de cuidado e atendimento às suas necessidades (cf. 10,34-35), de acolhida, ternura,

¹⁹¹ Cf. RUSCONI, C. ἐγγίζω. In: RUSCONI, C., **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 142.

¹⁹² Cf. RUSCONI, C. ἐφίστημι. In: *Ibid.*, p. 209.

¹⁹³ Cf. RUSCONI, C. Προσέρχομαι. In: *Ibid.*, p. 394.

¹⁹⁴ RUSCONI, C. Πλησίον. RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 378.

¹⁹⁵ Cf. FRANCISCO. *Angelus*. Domingo, 14 de julho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20190714.html. Acesso em: 19 set. 2020.

¹⁹⁶ RUSCONI, C. Σπλαγχνίζομαι. In: *op. cit.*, p. 423-424.; ESSER, H.-H. Misericórdia (Σπλάγχνα). In: COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario Teológico del Nuevo Testamento III**. Salamanca: Sígueme, 1993, p. 103-106.

alegria e reintegração à comunidade/casa (cf. 10,20.22-24), que seria a experiência de salvação.

A proximidade possibilita outro gesto que é possível pelo encontro: o toque. Não qualquer toque, mas um gesto capaz de, inclusive, fazer com que saísse de Jesus uma força – δύναμις (cf. 8,46). No evangelho lucano, em todas as ocorrências de termos que se referem ao toque – verbo ἅπτω¹⁹⁷ (13x), tem-se como resultado uma experiência de salvação. Jesus foi tocado pela multidão que esperava cura (cf. 6,19), pela mulher pecadora (cf. 7,39) e aquela que sofria hemorragia (cf. 8,44.45.46.47). As crianças eram conduzidas a Jesus para que as tocassem (cf. 18,15) como sinal de bênção. Jesus toma a iniciativa de tocar o leproso para purificá-lo (cf. 5,13); toca o esquife do filho da viúva para, em seguida, com sua palavra, chamá-lo novamente à vida (cf. 7,14) e toca o servo do sumo sacerdote para curar-lhe a orelha (cf. 22,51). Outro gesto similar pelo qual Jesus efetuou algumas curas foi *impor* – ἐπιτίθημι¹⁹⁸ – as mãos: ao curar os enfermos conduzidos a ele (cf. 4,40) e ao curar a mulher encurvada (cf. 13,13).

Algumas pessoas que se aproximaram de Jesus ou de quem ele se aproximou colocaram-se aos seus pés ou se prostraram. Lançar-se ou sentar-se aos pés de Jesus é uma forma de encontro cheia de humildade, acolhida e gratidão. O verbo προσπίπτω¹⁹⁹ (3x) significa prostrar-se e diversas expressões descrevem o fato de estar de alguma forma aos pés – ποῦς (19x) de Jesus. Pedro ao reconhecer-se um pecador indigno se prostra atirando-se aos pés de Jesus (cf. 5,8) e a mulher curada da hemorragia caiu aos seus pés (cf. 8,47). A mulher pecadora, ficando por trás, aos pés de Jesus, lavou-os com água e lágrimas, enxugou-os com seus cabelos, cobriu-os de beijos e ungiu-os com perfume (cf. 7,38.44-46). O endemoninhado que antes se prostrara (cf. 8,28) diante de Jesus, depois de ser liberto, sentou-se aos seus pés, o gesto do discípulo (cf. 8,35). Maria, irmã de Marta, também se coloca aos pés do Senhor para ouvir sua palavra (cf. 10,39).

Há ainda duas realidades, geralmente relacionadas, que implicam na experiência de encontro: trata-se da visita e do “sentar-se à mesa com” ou “comer juntos”. O verbo

¹⁹⁷ RUSCONI, C. ἅπτω. RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 378. p. 393.

¹⁹⁸ Cf. RUSCONI, C. ἐπιτίθημι. In: *Ibid.*, p. 194.

¹⁹⁹ Cf. RUSCONI, C. Προσπίπτω. In: *Ibid.*, p. 397.

ἐπισκέπτομαι²⁰⁰ (3x) e o substantivo ἐπισκοπή²⁰¹ são relativos à visita. Ἐπισκέπτομαι é empregado para referir-se à visita de Deus ao seu povo (cf. 1,68; 1,78; 7,16) e Jesus lamenta que Jerusalém não reconheça a ἐπισκοπή – visitação – de Deus (cf. 19,44). O verbo εἰσέρχομαι²⁰² (50x) é abundante e quer dizer entrar e, geralmente, se refere ao ato de entrar na casa ou em um povoado, o que denota a noção de relação ou encontro. O Anjo do Senhor *entra* onde Maria está (cf. 1,28) e ela, por sua vez, *entra* na casa de Zacarias para visitar Isabel (cf. 1,40). Mais adiante, Jesus e seus discípulos *entram* em casas (cf. 7,44; 8,41; 10,5; 11,37; 19,7), povoados e cidades (cf. 9,52; 10,8.10; 17,12; 19,1). Jesus fala da salvação como *entrar* no Reino de Deus (cf. 18,17.25) e se serve de algumas metáforas para ilustrar o fato da salvação como *entrar* pela porta estreita (cf. 13,24); na festa (cf. 14,23; 15,28), na arca (cf. 17,27). E, finalmente, um dos últimos atos de Jesus na longa viagem a Jerusalém é quando novamente *entra* no Templo (cf. 19,45).

Jesus, em diversas ocasiões, foi convidado a tomar refeição na casa de amigos, fariseus, pecadores públicos. Partilhar refeição e estar à mesa com alguém naquele contexto cultural indicava uma forma íntima de encontro. É também um dos sinais do Reino de Deus: “Em comunidade, come-se, bebe-se e se dá a integração entre os membros – criam-se vínculos fraternos. Isto faz da prática de Jesus uma proposta renovadora, que anuncia o Reino de Deus ‘no jeito de ser da mesa’”²⁰³. Há diversos termos relativos a esse tipo de vivência: com sentido de reclinar-se à mesa tem-se o verbo ἀνακλίνω²⁰⁴ (3x), ἀναπίπτω²⁰⁵ (4x), κατάκειμαι²⁰⁶ (3x), κατακλίνω²⁰⁷ (5x). O verbo ἐσθίω²⁰⁸ (32x) significa literalmente “comer” e combinado com a preposição συν – συνεσθίω²⁰⁹ (1x) – significa “comer com”. O verbo συνανάκειμαι²¹⁰ (3x) quer dizer “estar à mesa com” ou também comensal ou conviva. O substantivo τράπεζα (4x) – mesa – das quatro vezes em que ocorre, apenas uma não está relacionada à refeição, mas sim à mesa da coletoria de

²⁰⁰ Cf. RUSCONI, C. ἐπισκέπτομαι. In: **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003 p. 192.

²⁰¹ Cf. RUSCONI, C. ἐπισκοπή. In: *Ibid.* p. 193.

²⁰² Cf. RUSCONI, C. Εἰσέρχομαι. In: *Ibid.*, p. 152.

²⁰³ ULLOA, B.A.N; GRACIANI, M.R.R. A dimensão missionária da eucaristia. **Theologica Xaveriana**, v. 66, n. 182, 28 nov. 2016, p. 467.

²⁰⁴ RUSCONI, C. ἀνακλίνω. In: *op. cit.*, p. 43.

²⁰⁵ RUSCONI, C. ἀναπίπτω. In: *Ibid.* p. 45-46.

²⁰⁶ RUSCONI, C. Κατάκειμαι. In: *Ibid.*, 2003, p. 252.

²⁰⁷ RUSCONI, C. Κατακλίνω. In: *Ibid.*, p. 253.

²⁰⁸ RUSCONI, C. ἐσθίω. In: *Ibid.*, p. 200.

²⁰⁹ RUSCONI, C. Συνεσθίω. In: *Ibid.*, p. 440.

²¹⁰ RUSCONI, C. Συνανάκειμαι. In: *Ibid.*, p. 437.

impostos. A seguir, destacaremos o emprego de alguns desses termos diretamente relacionados às palavras e gestos de Jesus.

Em uma das ocorrências o verbo ἀνακλίνω se refere ao gesto de o menino Jesus ser *reclinado* na manjedoura e as outras duas para referir-se a palavras proferidas por Jesus com o significado de *reclinar-se* ou a *tomar lugar à mesa* no banquete do Reino: os servos e aqueles que virão de fora para ocupar o lugar dos eleitos na mesa do Reino são servidos pelo próprio senhor (cf. 13,29). Jesus é convidado por um fariseu a tomar *refeição* – ἀριστάω²¹¹ – em sua casa (cf. 11,37). Jesus *assenta-se à mesa* – ἀναπίπτω (cf. 11,37) e, mais tarde, com os discípulos ao comer a páscoa (cf. 22,14). Jesus *estava à mesa* – κατάκειμαι – entre os convidados de Levi (cf. 5,29) e na casa do fariseu (cf. 7,37). O Ressuscitado põe-se à mesa – κατακλίνω – com os discípulos que caminhavam de Jerusalém rumo a Emaús (cf. 24,30).

Note-se que o verbo ἐσθίω (32x) – *comer* e συνεσθίω (1x) – *comer com* – é um verbo presente tanto nos gestos como nas palavras de Jesus a partir da sua vida pública, até os episódios relacionados à sua paixão e ressurreição. A primeira ocorrência alude à crítica dos legistas e fariseus pelo fato de Jesus sentar-se à mesa e comer com pecadores e publicanos (cf. 5,30; 7,34) e na sequência, o próprio Jesus vai comer na casa de um fariseu por duas vezes (cf. 7,34; 14,1). Aos discípulos, que queriam dispensar a multidão cansada e faminta que o seguiu até a região desértica para escutar seu anúncio do Reino e ser curada de seus males, Jesus diz que eles mesmos deem de *comer* àquelas pessoas, e do pouco que tinham, todos *comeram* e ficaram saciados (cf. 9,13.17). Comer juntos e a saciedade são sinais do Reino de Deus, da inauguração dos tempos messiânicos:

A mesa fez-se lugar de mediação e encontro, cura, perdão, libertação e inclusão social, afirmando o alimento como componente de uma ética universal a partir da tradição judaico-cristã. Comer juntos em liberdade, numa mesa aberta a todos, supõe acesso ao bem comum e o acesso aos direitos humanos. É vivência que educa e aprimora a nossa humanidade.²¹²

Nas orientações aos discípulos enviados em missão, Jesus lhes diz que *comam* e bebam do que lhes servirem onde forem recebidos (cf. 10,7). A seguir, será na introdução à parábola da misericórdia, quando novamente Jesus será criticado pelos fariseus porque *come com* os pecadores (cf. 15,2). Nesta narrativa, o filho mais novo ao regressar, é

²¹¹ RUSCONI, C. ἀριστάω. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 76.

²¹² MAÇANEIRO, M. Convidados à mesa de Abraão: celebrar, incluir e comer na tradição judaico-cristã. In: ROSANELI, C. F. **Fomes Contemporâneas**. Curitiba: PUCPRESS, 2020, p. 178.

acolhido com muito afeto pelo pai que pede aos servos que preparassem um banquete: “*comamos e festejemos*” (cf. 15,23). Em Jerusalém, Jesus dá aos discípulos as indicações de como preparar a ceia pascal e, mais tarde, à mesa com eles, revela que havia desejado ardentemente *comê-la* em sua companhia. Anuncia que somente voltará a *comê-la* no Reino de Deus (cf. 22,8.11.15.16). O Ressuscitado, ante a surpresa dos discípulos ao vê-lo, pede um peixe assado e *come* na frente deles para dar provas de que não era um fantasma (cf. 24,43). A experiência de comer juntos na vida e ministério de Jesus foi um meio pelo qual o encontro se tornou sinal de intimidade, partilha de vida e lugar em que os sinais do Reino puderam ser verificados: na acolhida de todos, especialmente os mais excluídos, na partilha, na alegria da salvação.

De algum modo, a mesa é sagrada para todos, sendo ainda altar de ação de graças para quem crê. Jesus mesmo advertiu para a sacralidade da mesa partilhada, emblema do Reino de Deus entre nós [...] ²¹³.

Por fim, mesmo que, não se trate de encontros pessoais ou mais íntimos, não se pode esquecer que Jesus se encontrava com a multidão que o acompanhou em toda a sua vida pública até a Paixão. À noção de encontro de várias pessoas, os seguintes verbos transmitem a ideia de reunião, congregação, aglomeração: *ἐπαθροίζω*²¹⁴ (1x), *ἐπισυνάγω*²¹⁵ (3x), *συνάγω*²¹⁶ (6x), *συνέρχομαι*²¹⁷ (2x), *σύνειμι*²¹⁸ (2x). As multidões se *aglomeram* (cf. 11,29), *afluem* aos milhares (cf. 12,1), *acorrem* em grande número (cf. 5,15; 8,4) para ver e ouvir Jesus, alguns ainda para tentar tocá-lo, a fim de obter cura de seus males. E, por fim, Jesus também manifesta o desejo de *reunir* os filhos de Israel (cf. 13,34).

2.3 Os Encontros e desencontros em Lc

O estudo dos termos e expressões gregas empregados para expressar a experiência do encontro já permitiu certa aproximação das pessoas ou grupos com quem Jesus se encontrou. Contudo, nesse tópico pretende-se identificar em alguns grupos aqueles que foram encontrados por Jesus para caracterizá-los no evangelho lucano.

²¹³ MAÇANEIRO, M. Convidados à mesa de Abraão: celebrar, incluir e comer na tradição judaico-cristã. In: ROSANELI, C. F. Fomes Contemporâneas. Curitiba: PUCPRESS, 2020, p. 178.

²¹⁴ Cf. RUSCONI, C. *ἐπαθροίζω*. In: **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 181.

²¹⁵ Cf. RUSCONI, C. *ἐπισυνάγω*. In: *Ibid.*, p. 194.

²¹⁶ Cf. RUSCONI, C. *συνάγω*. In: *Ibid.*, p. 436.

²¹⁷ Cf. RUSCONI, C. *συνέρχομαι*. In: *Ibid.*, p. 440.

²¹⁸ Cf. RUSCONI, C. *σύνειμι*. In: *Ibid.*, p. 439.

A primeira informação significativa encontra-se no prólogo. Lucas fala de “testemunhas oculares” – αὐτόπτης²¹⁹ (cf. 1,2), aqueles que tiveram o privilégio de conhecer Jesus, conviver com ele, ouvir sua voz, contemplar ou testemunhar seus gestos e transmitir às gerações posteriores.

O cerne é a lembrança dos acontecimentos que são o cumprimento de uma longa caminhada histórica de expectativa e preparação; acontecimentos que, com seu eco e prolongamento, chegam até a experiência atual da comunidade: “Entre nós”, diz Lucas. Em seguida vem a tradição viva da palavra por parte dos que participaram pessoalmente dos fatos e, por isso, assumiram o papel de transmissores qualificados e autorizados²²⁰.

Este estudo não entrará no mérito da historicidade de cada encontro de Jesus no terceiro evangelho, porém, é importante notar que o autor indica o valor do testemunho para o processo de transmissão da fé – tradição – a partir da experiência daqueles que, de alguma forma, se encontraram com Jesus em sua vida histórica. Pode-se dizer que a vida de Jesus foi uma vida de encontros: sua espiritualidade, relações interpessoais e realização da missão se mostram como a epifania de Deus que vem ao encontro do ser humano para salvá-lo (cf. 1,31; 2,11). Jesus revela o rosto de um “Deus em saída”, que constantemente está em relação, sai ao encontro para salvar, o que corresponde a participar do seu Reino:

Deus também age desta forma hoje: Ele continua a chamar todos, a qualquer hora, e convida a trabalhar no Seu Reino. Este é o estilo de Deus, que por nossa vez somos chamados a aceitar e imitar. Ele não está fechado no seu mundo, mas “sai”: Deus está sempre em saída, à nossa procura; Ele não está fechado: Deus sai. Ele sai continuamente à nossa procura, porque não quer que ninguém seja excluído do seu desígnio de amor²²¹.

2.3.1 Considerações preliminares

A espiritualidade de Jesus é muito acentuada neste evangelho, particularmente no tocante à dimensão orante²²² (cf. 3,21; 5,16; 6,12; 9,18; 9,29; 22,39-46): suas primeiras palavras, ainda criança se referem ao Pai, à dedicação às coisas do Pai: “οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν

²¹⁹ Essa é a única ocorrência do termo no NT. Seu uso em parte, corresponde ao estilo do prólogo lucano que recorre a elementos literários dos autores de greco-romanos do seu tempo, mas também à sua concepção teológica. Considerando a história da redação, o uso do termo αὐτόπτης acena para a importância do papel das testemunhas oculares como depositários normativos da tradição (Cf. MICHAELIS, W. Αὐτόπτης. In: Cf. KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento VIII**. Brescia: Paideia, 1972, p. 1048-1049).

²²⁰ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Evangelhos II**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 24.

²²¹ FRANCISCO. *Angelus*. Praça de São Pedro. 20 de setembro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200920.html. Acesso em: 06 out. 2020.

²²² O destaque à dimensão orante não significa que esta esgote a compreensão a espiritualidade que é muito mais ampla e abrange todos os elementos da relação do ser humano com Deus.

τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναί με”/“ Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai??” (2,49b).

Ninguém pode sondar as profundezas de Deus, por isso, seria ousado afirmar algo sobre o encontro trinitário, o correspondente à Trindade imanente. No entanto, o evangelho nos oferece pistas mediante a espiritualidade de Jesus, isto é, sua relação com o Pai e o Espírito como verdadeiro homem, pela qual ele também procura instruir aos seus seguidores sobre como viver a própria espiritualidade. No batismo, o céu se abre e o Espírito Santo vem sobre Jesus que estava *em oração*, quando pode-se ouvir a voz do Pai que declara diante dos presentes: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (3,21-22; cf. Sl 2,7). A voz do Pai ressoará novamente quando Jesus, na companhia de Pedro, Tiago e João subir ao monte para orar e, dessa vez, dirigindo-se aos discípulos: “Este é o meu Filho, o Eleito, ouvi-o” (cf. 9,28.35-36).

Jesus é o Filho amado, o Eleito, cuja vida tem pleno sentido em realizar o projeto do Pai, sob a ação do Espírito. Portanto, além de destacar a relação com o Pai, Lucas apresenta Jesus como o homem pleno do Espírito: concebido quando o Espírito Santo vem sobre Maria (cf. 1,35.38) que vai ao encontro de Isabel, que exulta de alegria no Espírito e seu filho João salta de alegria em seu ventre (cf. 1,40-42). O velho Simeão, cheio do Espírito, é conduzido ao Templo e reconhece em Jesus a salvação de Deus (cf. 2,27-32). O Espírito vem sobre Jesus no seu batismo (cf. 3,22), depois o conduz ao deserto e o acompanha durante os quarenta dias em que fez jejum e foi tentado pelo diabo (cf. 4,1). Jesus volta da Galileia com a força do Espírito para iniciar sua missão de anunciar o Reino e, na sinagoga de Nazaré, declara ao ler o profeta Isaías que, naquele “hoje”, se cumpriam as palavras: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres [...]” (cf. 4,18). Jesus exulta de alegria no Espírito Santo e louva ao Pai por revelar-se aos pequeninos (cf. 10,21-22). Ao entrar no templo, após a longa viagem a Jerusalém, expulsará aqueles que transformaram a casa do Pai, que é casa de oração, em um covil de ladrões (cf. 19,45-46). Finalmente na cruz, em oração dolorosa, mas cheia de confiança, Jesus entrega seu espírito nas mãos do Pai (cf. 23,46). A espiritualidade de Jesus despertou em seus discípulos o desejo de que lhes ensinasse a orar e, Jesus, os convidou a se relacionar com Deus também chamando-o de Pai (cf. 11,1-4). Ademais, ofereceu-lhes outros ensinamentos sobre a oração, nos quais, geralmente,

serve-se de metáforas que remetem a relações interpessoais e encontros ou desencontros (cf. 11,5-13; 18,9-14).

O evangelista, ainda, menciona encontros de Jesus com os anjos, tanto os bons, quanto com os “caídos” (10,17-18). O diabo se faz presente nas tentações e nos exorcismos (cf. 4,1-13.33-36.41; 6,18; 7,21; 8,2.29-39; 9,39-42; 11,14.18-20; 13,11.32). Os anjos bons anunciam o seu nascimento e consolam Jesus em sua agonia no horto (cf. 1,26-37; 2,8-15; 22,43).

Ainda na sua infância, o primeiro grupo de pessoas com quem Jesus se encontrou poderia ser denominado como o dos humildes (cf. 1,52) e justos diante de Deus (cf. 1,6.17; 2,25). Este grupo está representado por Maria, José, Isabel, João Batista, os pastores, Simeão e Ana. Anteriormente já foi indicada uma particularidade do encontro dos pastores com o menino Jesus: o menino encontrado é um sinal (2,12). O encontro de Jesus com Simeão também traz um dado importante para esta pesquisa: o oráculo que o ancião profere dirigindo-se à mãe: “[...] ἰδοὺ οὗτος κεῖται εἰς πτώσιν καὶ ἀνάστασιν πολλῶν ἐν τῇ Ἰσραὴλ καὶ εἰς σημεῖον ἀντιλεγόμενον”/[...] "Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição" (2,34).

No v.34, shmei/on associado a avntile,gw que, na obra lucana, é utilizado com seu sentido clássico de *contradizer, colocar-se contra*. Note-se que em geral, nos evangelhos e em Atos, o substantivo σημεῖον significa um sinal (visível) por meio do qual se reconhece alguém ou uma coisa. Mas, nesse caso, deve-se observar que o sinal é a própria pessoa, é o menino Jesus, a respeito do qual se anuncia um futuro marcado pelo conflito e a contradição²²³.

A própria pessoa de Jesus é um sinal. Simeão ao contemplá-lo reconheceu nele a glória de Israel e a luz para iluminar as nações. Porém, também anuncia que esse menino será sinal de contradição, para a queda e levantamento de muitos em Israel. Alguns o acolherão e outros rejeitarão²²⁴, por isso, o caminho de Jesus está marcado por encontros e desencontros.

²²³ ULLOA, B.A.N. **A apresentação do menino Jesus no Templo (Lc 2,22-39):** O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 142-143.

²²⁴ Cf. Ibid., p. 161.

2.3.2 A multidão

Os termos empregados com significado de multidão são: ὄχλος (41x), πλῆθος (8x) e λαός (36x). O termo λαός (cf. 8,47; 9,13) significa povo, porém, em alguns casos equivale ao conceito de multidão – ὄχλος. Por 39x ὄχλος é empregado em relação a Jesus e apenas duas se referem à multidão que buscava João Batista (cf. 3,7.10). Isto indica que na narrativa lucana, Jesus está em contato frequente com a multidão. Em praticamente todo seu ministério na Galileia até sua morte em Jerusalém a multidão está presente. Cabe indagar as características e a função da multidão e sua relação com Jesus.

As multidões querem estar perto de Jesus (cf. 4,42; 8,40; 9,37; 19,3), amontoam ao seu redor para ouvir a palavra de Deus e ser curada de suas enfermidades (cf. 5,1.3.15.19; 6,17.19; 7,21-24; 8,4.19; 9,11; 11,29)²²⁵, seguem-no pelo caminho (cf. 7,9.11; 8,42.45; 9,11-12; 14,25; 18,36) e maravilham-se ao testemunhar o que Deus fazia por meio de Jesus (cf. 11,14.27; 13,17; 18,43). Lucas coloca a multidão como discípula (cf. 5,1-3)²²⁶, antes do chamado dos primeiros discípulos (cf. 5,4-11), cujo cenário é na presença da multidão que escutava a Palavra de Deus e difere dos outros sinóticos (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18-22). A multidão se torna uma força motriz para que o ministério de Jesus se desenvolva já que cada vez a multidão é maior e, por causa dela, sua fama se espalha pela região (cf. 4,14-15)²²⁷.

O evangelho lucano também fala de uma multidão de publicanos e outras pessoas que estão à mesa com Jesus na casa de Levi (cf. 5,29) e da multidão que o segue pelo deserto e é alimentada por ele (cf. 9,16). Jesus teve interesse em saber o que diziam as multidões a respeito da sua identidade (cf. 9,18) e, por três vezes, alguém da multidão se dirigiu a ele: um pai (cf. 9,38), uma mulher (cf. 11,27) e um homem (cf. 12,13). Os dois últimos ocorrem na narrativa da viagem e algo que chama a atenção é que as respostas dadas por Jesus a essas pessoas, remetem de certa forma às exigências do discipulado. Uma mulher admirada com a pessoa de Jesus e suas palavras, manifesta seu reconhecimento mediante o elogio à sua mãe: “Felizes as entranhas que te trouxeram e

²²⁵ O substantivo νόσος – enfermidade – ocorre 4x (cf. 4,40; 6,18; 7,21; 9,1) e o verbo ἀσθενέω ocorre apenas uma vez (cf. 4,40) para referir-se aos doentes, há também a combinação do advérbio κακῶς + verbo ἔχω quer dizer *passar mal, estar mal, estar doente*²²⁵ tanto no sentido material, quanto no sentido moral. Jesus declara que não veio para os que se encontram sãos, mas para os que estão enfermos (cf. 5,31; 7,2).

²²⁶ DE LEVINFOSSE, M. Priorité et fonctions singulières des foules chez Luc. *Revue Biblique*. Jérusalem, vol. 125, n. 1, p. 31, 2018.

²²⁷ Ibid. p. 38.

os seios que te amamentaram!’ Ele, porém, respondeu: ‘Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam’” (11,27-28). Jesus reconhece o valor do vínculo familiar, porém afirma que mais valioso é aquele vínculo espiritual, daqueles que ouvem a palavra e a guardam – ser discípulos. Esta é a melhor parte (cf. 10,42) e quem quiser se tornar seu discípulo deve estar disposto a desprender-se de seus familiares (cf. 5,9,59-62; 14,25-27; 18,29). Por sua vez, um homem pediu a Jesus que mandasse seu irmão dividir com ele a herança e Jesus responde que não lhe cabe intervir nessas questões (cf. 12,13-21). No entanto, serve-se do ensejo para recordar a necessidade do desprendimento dos bens e da generosidade para com os pobres, condições para se tornar discípulo do Reino (cf. 12,33-34; 5,10-11; 14,33; 18,22-30).

Na narrativa da viagem para Jerusalém (9,51–19,46), o termo ὄχλος ocorre 12x, porém, se dá ênfase à dimensão da escuta, Jesus principalmente fala às multidões. Seus discursos são introduzidos tendo-as como interlocutoras (cf. 11,29; 12,1; 12,54; 13,10-13; 14,25). Nesse caminho, Jesus realiza 4 curas (cf. 13,10-17; 14,1-6; 17,11-19; 18,36-43) e a multidão aparece admirada pelas maravilhas que Deus realiza por meio dele (cf. 11,14.27; 13,17; 18,43).

Na multidão, também estavam presentes os fariseus, que são mencionados quando pedem a Jesus que repreenda aos discípulos porque o aclamam como rei messiânico ao entrar em Jerusalém (cf. 19,39). Jesus adverte as multidões sobre os perigos da hipocrisia dos líderes religiosos (cf. 12,1) e as exorta a aprender a discernir o tempo presente (cf. 12,54-56). Uma multidão testemunhou a traição de Judas e a prisão de Jesus (cf. 22,47.52) e, mais adiante, a sua condenação à morte de cruz, ainda que Pilatos reconheça sua inocência (cf. 23,4). Finalmente, após assistir à morte de Jesus na cruz (cf. 23,48), retira-se batendo no peito, como sinal de arrependimento, passo necessário para acolher o Reino de Deus.

Jesus interage e entra em diálogo verdadeiro com a multidão, que mostra um interesse sincero em segui-lo. Pode-se afirmar que a multidão é um lugar real de encontro com Cristo e de um compromisso sincero com ele²²⁸, que depois pode se desenvolver na relação e compromisso pessoais do discipulado.

²²⁸ Cf. DE LEVINFOSSE, M. Priorité et fonctions singulières des foules chez Luc. *Revue Biblique*. Jérusalem, vol. 125, n. 1, p. 53, 2018.

2.3.3 Os discípulos

O termo discípulo – μαθητής – ocorre 37x no evangelho lucano, porém, são muitas mais as vezes em que o evangelista remete à interação de Jesus com discípulos. A primeira vez que há uma referência aos discípulos é após os relatos dos chamados de Pedro, Tiago, João (cf. 5,1-11) e Levi (cf. 5,30). Fala-se dos discípulos de Jesus e dos discípulos de João (5,33; 7,18; 11,1). Convém precisar o uso do termo μαθητής para referir-se aos discípulos de Jesus.

2.3.3.1 Os Doze

O evangelista informa que dentre os seus discípulos, Jesus escolheu a Doze. Esse grupo se distingue dos demais discípulos de Jesus, já que apenas a estes chamou apóstolos – ἀπόστολος:

Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos: Simão, a quem impôs o nome de Pedro, seu irmão André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelota, Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariot, que se tornou um traidor (6,13-16).

O termo discípulos é também empregado para se referir aos Doze como um todo ou a alguns de seus membros: em duas repreensões (9,54; 18,15); ao declarar que eles são privilegiados por viver experiências no convívio com ele que outros não tiveram (cf. 8,9,22; 9,18; 10,23; 11,1; 22,11; 22,39); ao experimentar o fracasso por não conseguirem libertar o menino atormentado (cf. 9,40) e, certamente, estão incluídos na maioria das menções gerais aos discípulos de Jesus. Os Doze compuseram o círculo mais próximo de Jesus e o acompanharam desde o momento em que foram chamados pessoalmente por ele (cf. 5,1-10.27-28) no início de sua vida pública, até quando foi elevado aos céus à vista deles (cf. 24,50-52). Lohfink afirma que com o chamamento dos discípulos, Jesus começa a recriar Israel e manifestar o reino/reinado de Deus:

Os doze são escolhidos entre um número maior de discípulos. Eles representam as doze tribos, são o início e o centro da expansão de um Israel renovado, escatológico. Por isso, a convocação dos discípulos visa Israel e a reunião de todo o povo de Deus. Nos discípulos tem início a recriação de Israel, e na recriação de Israel se manifesta o reinado de Deus²²⁹.

Ao longo do evangelho, os Doze são apresentados como aqueles que “iam com ele” (cf. 8,1). Jesus os enviou em missão e lhes conferiu poder e autoridade sobre os

²²⁹ LOHFINK, G. Deus precisa da Igreja? Teologia do Povo de Deus. São Paulo: Loyola, 2008, p. 231.

demônios e para curar de todas as enfermidades (cf. 9,1-6), mesmo que, por vezes, tenham fracassado e sua falta de fé fora repreendida (cf. 9,40-41). De Jesus, eles aprenderam que não se despede uma multidão faminta e, de que mesmo com pouco alimento é possível saciar as multidões que seguiam o Mestre pelo deserto (cf. 9,12.17). No caminho para Jerusalém são advertidos por Jesus de que tudo o que foi dito sobre o Filho do homem pelos profetas será cumprido, referindo-se à sua paixão, morte e ressurreição (cf. 9,22.44-45; 18,31-34). No grupo dos Doze, havia ainda um núcleo mais próximo, que Jesus chamou para acompanhá-lo em algumas ocasiões: trata-se de Pedro, Tiago e João, os filhos de Zebedeu. Eles testemunharam a ressurreição da filha de Jairo (cf. 8,51), foram convidados por Jesus a ir ao monte para orar e lá o viram transfigurado e conversando com Moisés e Elias (cf. 9,28-30). Por fim, para preparar a páscoa que comeram em Jerusalém, antes de padecer, enviou apenas dois deles, Pedro e João (cf. 22,8-13)²³⁰.

Pedro é o mais citado dos apóstolos, Πέτρος ocorre 19x, o composto Simão Pedro/Σίμων Πέτρος ocorre apenas em 5,8²³¹. Jesus esteve em sua casa e curou sua sogra (cf. 4,38-39). A história de sua vocação é relatada com detalhes (5,1-10). Por vezes, age como porta voz dos Doze (cf. 8,45; 9,20.33; 12,41; 18,28). Durante a narrativa da viagem a Jerusalém, Πέτρος ocorre apenas em duas ocasiões. Na primeira, como porta-voz dos apóstolos, Pedro questiona Jesus se os destinatários da parábola de exortação à vigilância: eram apenas eles ou todos (cf. 12,41). A segunda ocorre após o dramático encontro de Jesus com o homem rico que, convidado por ele a segui-lo, retirou-se triste pela dificuldade de desprender-se de seus bens (cf. 18,18-27). Jesus reconhece a dificuldade que há para entrar no Reino de Deus quando se está apegado aos bens materiais. Pedro intervém e lhe recorda que ele e os outros haviam deixado tudo para segui-lo (cf. 5,11; 18,28-30). Após a prisão de Jesus em Jerusalém, por medo de ter a sua mesma sorte, Pedro negou por três vezes que o conhecia. Ainda assim, seguiu-o de longe (cf. 22,54) e recebeu o olhar misericordioso do Senhor (cf. 22,61), que já o havia advertido de sua queda (cf. 22,31-34.55-60). Finalmente, é mencionado como testemunha privilegiada de uma das aparições de Jesus ressuscitado (cf. 24,34). Lucas nutre um notável respeito pela figura de Pedro, tanto no evangelho, quanto no livro dos Atos dos Apóstolos e, por isso,

²³⁰ Ainda que no relato de 5,1-10 o foco esteja em Jesus e Pedro, por tratar-se do chamado deste, Tiago e João são nomeados e aparecem em segundo plano.

²³¹ Lucas se refere a este apóstolo apenas com o nome de Simão em 4,38; 5,3-5.8.10; 6,14; 22,31; 24,34. Em 6,14 esclarece que Simão, também era chamado Pedro. Além do apóstolo Simão, o zelota, Lucas menciona ainda outros dois homens chamados Simão em seu evangelho: o fariseu que convidou Jesus a comer em sua casa (cf. 7,40.43-44) e o homem de Cirene que ajudou Jesus a carregar a cruz rumo ao calvário (cf. 23,26).

omite notas negativas mencionadas pelos outros evangelistas, apresentando particularidades do seu papel e da sua relação com Jesus, como a oração do Senhor por ele (cf. 22,31-32), além de outras supramencionadas²³².

Tiago e João, os filhos de Zebedeu, geralmente são mencionados juntos (cf. 5,10; 6,14; 8,51; 9,28) e ao lado de Pedro, com exceção de 9,54 que, ocorre no início da narrativa da viagem a Jerusalém, quando só os dois são mencionados. Os dois irmãos foram repreendidos por Jesus ao perguntar-lhe se gostaria que fizessem cair fogo dos céus sobre os samaritanos que não quiseram recebê-los em seu povoado (cf. 9,54-55). João é mencionado sozinho apenas 1x e fala em nome dos Doze: informa a Jesus que tinham tentado impedir um homem que expulsava demônios no nome de Jesus, mas não pertencia ao seu grupo (cf. 9,49).

Mateus/Ματθαῖος é nomeado dessa forma apenas na lista dos escolhidos e chamados por Jesus para compor o grupo dos Doze apóstolos (cf. 6,15). Em 5,27-28 é chamado com o nome de Levi/Λεví por 2x, no relato de sua vocação, quando se encontra sentado à mesa da coletoria de impostos. Assim como Pedro, Tiago e João, Levi é chamado durante sua jornada de trabalho, abandona tudo e segue Jesus. Na sequência, Lucas narra que Levi oferece um grande banquete em sua casa onde se encontram Jesus, seus discípulos, fariseus, escribas e uma numerosa multidão de publicanos e outras pessoas (cf. 5,29-32). Uma particularidade deste apóstolo é que como cobrador de impostos, ele pertence ao grupo daqueles considerados pecadores.

Judas Iscariotes é citado como o traidor (cf. 6,16) e aquele dos Doze em quem entra Satanás e, assim que isso acontece, ele vai ao encontro dos chefes dos sacerdotes e dos guardas para propor entregar Jesus e em troca recebe dinheiro (cf. 22,3-6). Jesus anuncia a sua traição (cf. 22,21-23) e, de fato, Judas lidera a multidão e dá aos guardas o sinal de quem é Jesus para que o prendam: um beijo (cf. 22,47-48). Os demais discípulos que compõem o número dos Doze: André, irmão de Pedro, Filipe, Bartolomeu, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelota, Judas, irmão de Tiago são mencionados apenas na lista dos Doze (cf. 6,14-16).

²³² Cf. KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 250.

O termo δώδεκα é empregado para se referir aos Doze por 7x no evangelho lucano, das quais apenas 1x ocorre na narrativa da viagem e faz referência ao terceiro anúncio que Jesus faz a eles da sua morte e ressurreição. Recorda que estão a caminho de Jerusalém para que se cumpra o que está escrito sobre o Filho do Homem (18,31). O evangelista quer deixar claro que os Doze o acompanham nesse caminho para a morte e ressurreição. Considerando as escassas menções aos Doze e aos apóstolos individualmente durante a narrativa da viagem a Jerusalém, talvez o autor queira sugerir o protagonismo dos discípulos que, ainda que não pertençam ao grupo dos Doze, seguem com eles a Jesus rumo ao cumprimento da sua páscoa.

2.3.3.2 Outros discípulos mais próximos

Mesmo que na viagem a Jerusalém estejam em evidência os discípulos em geral, supõe-se que entre a multidão e os discípulos que caminham com Jesus, além dos Doze, se encontre também o grupo de mulheres, dentre elas, Maria Madalena, Joana e Susana mencionadas antes por Lucas (cf. 8,1-3), ainda que elas não sejam chamadas de discípulas.

O termo μαθητής é relativo e implica a existência de um mestre. De fato, no vulgo designa o aprendiz ou aluno, cuja tradução comum ao português no NT é *discípulo*. Isto indica que “no NT o decisivo é a integração pessoal ao discipulado de Jesus, que relativiza todos os outros vínculos”²³³. É algo particular do terceiro evangelho evitar o uso da transcrição Παββουvi, proveniente do aramaico-hebraico, e adotar o emprego dos vocativos gregos Ἐπιστάτα e Διδάσκαλε²³⁴, termos em português traduzidos por *mestre*. Jesus é chamado Διδάσκαλε por Simão, o fariseu (cf. 7,40); alguém da casa dos chefes da sinagoga (cf. 8,49); o pai do menino epiléptico (9,38); certo doutor da lei (10,25; 11,45*); alguém na multidão preocupado com sua herança (12,13), um homem rico (18,18); alguns dos fariseus (19,39); doutores da lei e príncipes dos sacerdotes (20,21); saduceus (20,28); escribas (20,39) e refere-se a si mesmo como mestre (22,11). Note-se que nenhuma dessas ocorrências se refere aos Doze, a única possibilidade seria em 21,7.

²³³ MERZ, A. Apóstolo/Discípulo. In: BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2011, p. 113-114.

²³⁴ Cf. OEPKE, A. Ἐπιστάτης. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento III**. Brescia: Paideia, 1967, p. 795-796.

Com exceção dos dez leprosos (cf. 17,13), apenas os Doze se referem a Jesus com o vocativo Ἐπιστάτα (cf. 5,5; 8,24; 8,45; 9,33; 9,49). No entanto, este vocábulo não é totalmente equivalente a διδάσκαλος. Na LXX, ocorre 12x a forma ἐπιστάτης e corresponde a oito diferentes vocábulos hebraicos²³⁵. É difícil precisar o seu sentido no NT, já que ocorre apenas no evangelho lucano, no entanto, pode-se deduzir que tem um sentido de reconhecimento de autoridade e poder. Veja-se na sequência o comentário sobre seu uso em 5,5 e na sequência em 8,24:

En esta ocasión pescaron tantos peces que ambas barcas casi se hundían. Lanzar las redes durante el día es, desde el punto de vista de un pescador, absurdo. El hecho de que Simón le haga caso inmediatamente a Jesús hace ver su categoría de “jefe” y es una muestra de rango y autoridad que los apóstoles le reconocen²³⁶.

Los discípulos despiertan a Jesús. La forma de dirigirse a él como “Maestro” expresa la posición autoritativa de Jesús. Pedro, antes de la cuantiosa pesca, se había dirigido a Jesús de la misma forma (Lc 5,5)²³⁷.

Por pelo menos 37x o termo Κύριος ou o vocativo Κύριε são empregados para se referir a Jesus. É, portanto, o mais utilizado, encontra-se por primeira vez no terceiro evangelho na boca de Isabel (cf. 1,43) e, posteriormente, dos anjos (cf. 2,11), dos apóstolos (cf. 5,18; 9,54; 12,41; 22,33.38.49; 24,34); dos enfermos (cf. 5,12; 18,41); dos estrangeiros (cf. 7,6); dos vocacionados anônimos (cf. 9,59.61); dos 72 discípulos (cf. 10,17; 17,37), de Marta (cf. 10,40); dos discípulos (cf. 11,1; 19,34); de alguém da multidão (cf. 13,23); do publicano Zaqueu (cf. 19,8) e do próprio Jesus para referir-se a si mesmo (cf. 6,5; 19,31.33; 20,42.44). Note-se as diversas categorias de pessoas que se referem a Jesus como Κύριος, mais próximas como os discípulos e amigos. Talvez o reconhecimento do senhorio de Jesus não signifique distanciamento, mas uma proximidade reverente que acontece no encontro com o Mestre, que também é Senhor.

O povo aclamava Jesus como profeta (7,16) e os discípulos assim o reconheciam (24,19). No entanto, no evangelho lucano, é o próprio Jesus que revela ter a consciência de ser profeta que anuncia o Reino e que enfrentará um caminho de perseguição e morte para poder entrar na glória (cf. 4,24; 11,47-50; 13,33-34; 24,25-26). Dessa forma, aqueles

²³⁵ Geralmente assume o significado de algum cargo de comando (cf. Ex 1,11; 5,14). Veja-se a nota 2 em OEPKE, A. Ἐπιστάτης. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento III**. Brescia: Paideia, 1967, p. 796.

²³⁶ DILLMANN, R; PAZ, C.A.M. **Comentario al Evangelio de Lucas**: Um comentário para la actividad pastoral. Estela (Navarra): Verbo Divino, p. 134.

²³⁷ *Ibid.*, p. 227.

que querem ser seus discípulos devem ser conscientes de que precisam seguir Jesus pelo mesmo caminho que ele trilhou e carregar a cruz de cada dia (cf. 9,23-26).

Logo no início da narrativa da viagem, encontram-se três episódios que servem de paradigma para qualquer discípulo e que devem ser compreendidos no contexto de seguimento de Jesus que se colocou no caminho a Jerusalém, a cidade que mata os profetas (cf. 13,33-34). Tal circunstância implica atitudes radicais daqueles que querem seguir os seus passos. Os três episódios se referem a pessoas dispostas a segui-lo por própria iniciativa ou às quais ele chamou. Jesus lhes apresenta a necessidade e a exigência de renunciar à estabilidade dos bens materiais e abrir-se a uma nova perspectiva nas relações interpessoais mais próximas (cf. 9,57-62).

Jesus está a caminho e uma numerosa multidão o segue. A este público ele recorda o estatuto do discípulo. Primeira condição é uma liberdade total às ligações de parentesco. Do discípulo de Jesus pede-se a dedicação total sem reservas que qualificava o grupo levítico em serviço da palavra de Deus e aliança (cf. Dt 33,8-11). Mas agora, no lugar da palavra da aliança, há uma pessoa concreta e histórica, Jesus, que pede o descentramento total, que chega até o sacrifício de si. Carregar a cruz quer dizer enfrentar a morte violenta, ao exemplo de Jesus e por fidelidade a ele. Estas situações-limite se tornam reais em tempo de perseguição. Mas quem quer seguir a Jesus deve levar em conta também este risco²³⁸.

Na sequência, o relato do envio de 72 discípulos (cf. 10,1-20) evidencia ainda mais o protagonismo destes que também participam da missão de Jesus (cf. 10,1) além do grupo dos Doze. Jesus os instrui e envia e, ainda nesse contexto, exulta de alegria no Espírito e louva ao Pai porque reconhece que Ele se revela aos pequeninos e age por meio deles. Bem-aventurados são porque seus olhos veem e seus ouvidos escutam o que muitos profetas desejaram e não viram nem escutaram (cf. 10,23).

Jesus envia os 72 discípulos na mesma condição de simplicidade da primeira missão; Mas agora no caminho rumo a Jerusalém e à cruz, Jesus faz um aviso a mais “... Vos envio como cordeiros entre lobos. Naquela cultura, todos sabiam com que facilidade lobos matavam cordeiros. Assim, o missionário coloca a sua vida à disposição daquilo que a missão exigirá dele, mesmo que seja a morte! O versículo 4 nos surpreende: “A ninguém saudeis pelo caminho”. Os discípulos irão evitar relacionamentos pessoais alheios à missão, pois daqui em diante tudo tem que passar pelo crivo do Reino de Deus²³⁹.

²³⁸ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 158.

²³⁹ COLAVECCHIO, R.L. **Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas**: O Vendaval da Misericórdia na vida dos discípulos e do mundo. São Paulo: Loyola, 2013, p. 72-73.

Se as relações interpessoais dos discípulos que seguem o Mestre e Senhor Jesus devem agora estar mais claramente pautadas pelo Reino, pode-se inferir que os gestos e palavras dele sejam sinal ou manifestem esse Reino.

Na mente de Jesus, a sua doação de si mesmo serve como exemplo para os discípulos. Lucas nos mostra Jesus ensinando os discípulos a concretizar este espírito de doação no dia a dia da vida. Durante todo o tempo em que ele estiver prosseguindo viagem a Jerusalém, Jesus estará ensinando aqueles que o seguem a viver este espírito do Reino nos detalhes mais corriqueiros do dia a dia²⁴⁰.

Na visita às irmãs Maria e Maria, as duas apresentam dimensões essenciais do discipulado²⁴¹. Maria é aquela que escolhe a melhor parte: estar aos pés do Senhor à escuta da sua Palavra (cf. 10,39.42; 11,28; 21,33; 24,19). A escuta da palavra (cf. 8,4-15) e a oração (cf. 11,1-13) devem levar ao discernimento e ao agir segundo os critérios do Reino, preferindo Jesus antes de qualquer coisa ou pessoa (cf. 11,25-33)²⁴². A escuta da Palavra deve levar ao serviço generoso, este é o testemunho de Marta. No caminho rumo a Jerusalém, Jesus oferece aos discípulos, de forma privilegiada, o alimento da Palavra para que eles sejam capazes de perseverar na entrega de si.

Jesus fala do Reino de Deus (cf. 4,43; 6,20-23; 8,1-3.10; 9,2.11.27), que deve ser anunciado pelos discípulos (cf. 10,8-11) e realidade buscada para conduzir a vida à plenitude na vida (cf. 11,32; 16,16). Jesus manifesta seu caráter escatológico, ao afirmar que o Reino já está presente (cf. 17,21), contudo precisa ser pedido na oração (cf. 11,2). De fato, se remete às suas ações para indicar que o Reino já chegou, indicando a relação que há entre o Reino e sua pessoa (11,20). Revela que Deus é Pai e dá a conhecer os mistérios do Reino aos discípulos e aos pequeninos (cf. 8,9-10; 10,23) e que o oferece ao seu pequeno rebanho (cf. 12,32). O Reino não é definido, mas é descrito por Jesus nas parábolas (cf. 13,18-30; 15,1-32), nos discursos e nas conversas que estabelece com pessoas ou grupos particulares (cf. 18,24-30; 19,11). A acolhida ou rejeição do Reino corresponde à acolhida ou rejeição da pessoa de Jesus, que declara que o Reino pertence às crianças e que aqueles que o acolherem com elas, nele poderão entrar (cf. 18,16-17).

²⁴⁰ COLAVECCHIO, R.L. **Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas**: O Vendaval da Misericórdia na vida dos discípulos e do mundo. São Paulo: Loyola, 2013, p. 71.

²⁴¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Evangelhos II**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 117.

²⁴² Cf. MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos**: Formação, Redação, Teologia. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 165-169.

O gênero parabólico é predominante nesta seção do evangelho lucano. Segundo a lista de parábolas proposta por Gourgues²⁴³, apenas na narrativa da viagem (9,51–19,46), há 23 parábolas de um total de 40. Destas 23 parábolas, em 18 Jesus se serve da experiência do encontro ou desencontro para contextualizar o seu ensinamento (cf. 10,30-37; 11,5-8; 12,36-38.39-40.42-46.58-59; 13,25-27; 14,16-24.31-32; 15,3-7.8-10.11-32; 16,1-13.19-31; 17,7-10; 18,1-7.9-14; 19,12-27), 12 destas parábolas são lucanas, sobre as quais afirma Gourgues:

[...] muitas das parábolas têm uma significação parenética: seu ensinamento trata de uma atitude ou de um valor que os crentes devem viver, como o amor ao próximo (o bom samaritano), a liberdade em relação às riquezas (o rico insensato), a conversão (a porta fechada), as exigências do Evangelho (a torre e a guerra), o serviço aos pobres (o rico e Lázaro) ... Outras possuem um alcance antes de tudo teológico, no sentido estrito, isto é, destacam um determinado aspecto do rosto de Deus. Assim, as parábolas da dracma perdida (15,8-10) e do filho pródigo (15,11-32) fazem compreender que Deus não exclui ninguém de sua salvação, mas dá prioridade aos pecadores, para os quais se mostra cheio de consideração e misericórdia²⁴⁴.

Entre os discípulos de Jesus, continuam a ganhar destaque aqueles menos valorizados ou até mesmo excluídos na sociedade ou na religião: as mulheres, os pecadores públicos, as crianças, os pobres, os doentes entre outros. Um pecador é citado, Zaqueu, o publicano e, ao visitá-lo, Jesus declara que a salvação entra naquela casa, porque aquele homem também é filho de Abraão (cf. 19,9). Do cego curado às portas de Jericó, não se sabe o nome, apenas que após a cura, põe-se a seguir Jesus pelo caminho, isto é, torna-se discípulo. Em seus ensinamentos, os pequenos (cf. 9,46-48; 10,21-22; 18,16-17), os pobres, os abandonados, os que “se perderam” são o motivo da sua entrega, pois o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido (cf. 19,10).

2.3.4 Os opositores

Simeão, já havia profetizado que Jesus seria sinal de contradição, causa de queda e de soerguimento de muitos em Israel (cf. 2,34). É importante enfatizar novamente, que Jesus fora acolhido pelos judeus piedosos e pobres caracterizados especialmente nos relatos da infância. Ao proclamar sua missão, com o discurso na sinagoga de Nazaré, em dia de Sábado, a acolhida e a rejeição se tornam presentes. Assim, ao longo de seu ministério na Galileia, durante sua viagem a Jerusalém e nos eventos conclusivos em

²⁴³ GOURGUES, M. **As parábolas de Lucas**: Do contexto às ressonâncias. São Paulo: Loyola, 2005, p. 11-12.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 205.

Jerusalém, seus opositores surgem e a hostilidade com relação a Jesus aumenta gradualmente até atingir o clímax com sua condenação e execução na cruz. As relações com estes opositores foram, por vezes, desencontros e, por outras, verdadeiros confrontos.

2.3.4.1 *As autoridades políticas*

Lucas situa na história o início do ministério de João Batista e cita autoridades políticas e religiosas: Herodes²⁴⁵, o tetrarca da Galileia; Pilatos, governador da Judeia e, também Anás e Caifás como Sumo Sacerdote (cf. 3,1-2)²⁴⁶. Herodes se opôs ao ministério de João Batista, mandou prendê-lo e matá-lo (3,19-20; 9,7-9). Mais tarde, também foi hostil com Jesus (cf. 13,31; 23,8-11). No relato da viagem, Jesus é informado pelos fariseus de que Herodes pretendia matá-lo (cf. 13,31) e lhes dá uma resposta enigmática:

Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado! Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha recolhe seus pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste! Eis que vossa casa ficará abandonada. Sim, eu vos digo, não me vereis até o dia em que direis: Bendito aquele que vem em nome do Senhor! (cf. 13,32-35).

Jesus é consciente de sua condição de profeta itinerante, caminha para cumprir o projeto de Deus e, por isso, será rejeitado até a morte como os profetas que o precederam²⁴⁷. No entanto, ainda prossegue seu caminho, realizando a sua obra que se concluirá em breve, no entanto, ninguém poderá impedi-lo ou desviá-lo em seu peregrinar, nem mesmo Herodes²⁴⁸. Conclui proferindo uma lamentação e um oráculo sobre Jerusalém, pois sabe que a cidade santa não acolherá a paz que ele vem oferecer-lhe, porque não vai reconhecer a visita de Deus (cf. 19,44). A advertência dos fariseus e

²⁴⁵ Em 1,5, Lucas relaciona o nascimento de João Batista e de Jesus a Herodes, rei da Judeia, chamado também de Herodes, o Grande, que governou de 37-a.C. Esta referência histórica é problemática, já que também cita Quirino como governador da Síria, o que ocorreu nos anos 6-7 d.C. e não durante o reinado de Herodes, no entanto, a menção a Quirino não entra em conflito com a do imperador César Augusto, que governou de 27 a.C.–14 d.C. Herodes, o Grande, é o pai de Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia de 4 a.C. a 39 d.C. e pai de Filipe, tetrarca da Itureia e Traconítide de 4 a.C.–34 d.C. (cf. KARRIS, R. J. *O Evangelho Segundo Lucas*. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 225-226.231-232.237).

²⁴⁶ Anás foi Sumo Sacerdote de 6-15 d.C. e seu genro, Caifás de 18-37 d.C. Sua autoridade tinha o respaldo de Roma. (Cf. JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 140.511; KARRIS, R. J. *O Evangelho Segundo Lucas*. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit). *op. cit.*, p. 237).

²⁴⁷ Cf. CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 145-146.

²⁴⁸ Cf. COLAVECCHIO, R.L. **Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas**: O Vendaval da Misericórdia na vida dos discípulos e do mundo. São Paulo: Loyola, 2013, p. 85.

sua suposta boa intenção não fazem com que Jesus fuja do risco da morte, senão que ele prossegue rumo à cidade que mata os profetas, onde acontecerá a consumação da salvação²⁴⁹:

Assim a morte de Jesus, embora inserindo-se na série histórica de todos os justos perseguidos, dá um sentido novo à morte violenta deles. A fidelidade do último profeta, que enfrenta com liberdade e coragem o seu destino, inaugura um futuro novo para todos. É esta uma garantia de esperança para todos os que, antes ou depois dele, são vítimas de repressão²⁵⁰.

Durante o relato da viagem, Pilatos é mencionado apenas em uma ocasião e, depois, nos episódios do julgamento e condenação de Jesus à morte (cf. 23,1-7.11-25) e, por fim, autoriza José de Arimateia a dar sepultura ao corpo de Jesus (cf. 23,50-54). No caminho, algumas pessoas informaram a Jesus que Pilatos havia misturado o sangue de alguns galileus com o dos animais que ofereceu em sacrifício (cf. 13,1). No tocante a Pilatos, este texto somente revela a sua crueldade e desrespeito com aquelas pessoas²⁵¹. Nos episódios da paixão, especialmente no julgamento e condenação, Pilatos não é apresentado por Lucas como um opositor, mas como alguém que por três vezes mostra a disposição de somente castigá-lo e soltá-lo, já que não encontra motivos para condená-lo (23,14-16.20.22). No entanto, decide condená-lo por influência da multidão e dos chefes dos sacerdotes (cf. 23,18.21.23-24), que também por três vezes pedem sua morte. Pilatos se faz opositor por não agir segundo sua consciência e acaba covardemente condenando um inocente à morte.

2.3.4.2 *As autoridades religiosas*

Na vida pública de Jesus, as lideranças religiosas de Israel, com poucas exceções (cf. 8,40-42a; 23,50-51), resistem à sua pessoa e seu anúncio do Reino. Jesus denuncia e repreende a sua incredulidade e hipocrisia. Eles acabam por conspirar contra sua vida e instigar a multidão a pedir a sua morte.

²⁴⁹ Cf. DILLMANN, R; PAZ, C.A.M. **Comentario al Evangelio de Lucas**: Um comentário para la actividad pastoral. Estela (Navarra): Verbo Divino, p. 354-355.

²⁵⁰ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Evangelhos II**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 152.

²⁵¹ Cf. KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 276.

As instituições religiosas de Israel no tempo de Jesus eram o Sinédrio, o Templo, o sacerdócio, a sinagoga, a Lei, os letrados²⁵² e o Sábado²⁵³. O Sinédrio, “suprema assembleia dos judeus no campo administrativo e judiciário”²⁵⁴, foi o lugar para onde os chefes dos sacerdotes, os escribas e anciãos do povo conduziram Jesus no dia seguinte a sua prisão (cf. 22,66). Este grande conselho era presidido pelo Sumo Sacerdote e composto por três grupos: os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas²⁵⁵.

Eles são os principais opositores de Jesus, nos acontecimentos de sua paixão e morte e não são mencionados na narrativa da viagem. Alguns anciãos foram os mensageiros do centurião que pediu a Jesus a cura de seu servo (cf. 7,3). Ao fazer o seu primeiro anúncio da paixão e ressurreição, Jesus se refere aos chefes dos sacerdotes, anciãos e escribas como aqueles que o farão sofrer (cf. 9,22). Durante o seu ministério na Galileia, os escribas aparecem na companhia dos fariseus e sempre em atitudes de crítica e oposição às palavras e ações de Jesus, especialmente são controvérsias sobre a autoridade de Jesus para perdoar pecados, por sentar-se à mesa com pecadores e realizar curas em dias de sábado, assim quebrando o preceito (cf. 5,21.30; 6,7.11). Estes dois grupos rejeitaram o batismo de João e o evangelista afirma que dessa forma anulam o desígnio de Deus sobre eles. Tramam uma forma de surpreendê-lo em alguma palavra para acusá-lo. No entanto, suas investidas são frustradas e ficam reduzidos ao silêncio ou envergonhados.

Na narrativa da viagem, Jesus é convidado a comer na casa de um fariseu e profere um discurso em que denuncia fariseus e escribas (cf. 11,37-53).

Jesús provoca a su anfitrión, que es catalogado por Lucas expresamente como fariseo. Jesús ya había litigado con los fariseos en relación con preguntas concernientes a la comunidad de mesa y al ayuno, como también acerca de la interpretación del mandamiento del sábado (Lc 5,27–6,11). La pregunta a la *halaká* fariseo-rabínica. [...] Probablemente, sólo una minoría de los judíos se atenía a estos reglamentos [...] Esta premisa prepara los reproches siguientes contra los fariseos, que tienen en ella su fundamento. Así, la escena de la comida se encuentra, desde el principio, enfocada hacia la confrontación²⁵⁶.

²⁵² O termo letrados se refere aos escribas, que em sua maioria eram da corrente dos fariseus e se dedicavam ao estudo minucioso das Escrituras hebraicas (cf. Cf. MATEOS J; CAMACHO, F. **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 28).

²⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 18-33.

²⁵⁴ JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 212.

²⁵⁵ Cf. MATEOS J; CAMACHO, F. *op. cit.*, p. 18.

²⁵⁶ DILLMANN, R; PAZ, C.A.M. **Comentario al Evangelio de Lucas**: Un comentario para la actividad pastoral. Estela (Navarra): Verbo Divino, p. 311.

Os fariseus e escribas murmuradores figuram em contraste com os pecadores e publicanos que se aproximam de Jesus para ouvi-lo e ele lhes conta a parábola da misericórdia (cf. 15,1-32), na qual os dois grupos estão representados.

Os fariseus e os saduceus eram correntes dentro do judaísmo do séc. I e algumas delas configuram grupos que se opõem à pessoa e ministério de Jesus. Os fariseus são “leigos devotos que, sob a direção dos letrados ou escribas, se propunham levar as práticas religiosas até às últimas minúcias da vida. No tempo de Jesus eram uns 6 mil”²⁵⁷. Na sua compreensão, a vontade de Deus estava plasmada na Lei, por isso cada lei tinha o mesmo valor de obediência diante de Deus. Dessa forma, na sua visão de mundo, os homens se classificavam entre justos e pecadores, observantes e não observantes da Lei. Chegavam a desprezar e considerar inferiores os que não pertenciam ao seu grupo (cf. 18,9-14). A aparente desobediência de Jesus por realizar curas aos sábados (cf. 6,1-11; 14,1-6) propicia os constantes confrontos com os fariseus. Jesus não se opunha à Lei, ele a valorizava (cf. 16,16-18) e procurava ensinar a discernir o seu sentido mais profundo, sempre a favor da vida e do bem do ser humano (cf. 6,2-5.7-10; 13,11-16; 14,2-4; 20,27-40). Jesus levou a Lei ao seu pleno cumprimento (cf. 2,22-24; 24,26-27.44). Na narrativa lucana, por diversas vezes, os fariseus aparecem em relação de oposição com os pecadores, que são perdoados e acolhem a salvação, enquanto eles a rejeitam (cf. 7,36-50).

No caminho a Jerusalém, Jesus adverte seus discípulos para que tenham cuidado com o fermento dos fariseus, isto é, a hipocrisia (cf. 12,1-3; 16,14-15). Como supramencionado, os fariseus advertiram Jesus sobre a intenção de Herodes em matá-lo (cf. 13,31). Interrogam Jesus sobre a vinda do Reino e ele lhes responde que o Reino já se encontra entre eles (cf. 17,20-21). Quando Jesus entra em Jerusalém, recebido entre aclamações pelos discípulos e o povo, os fariseus disseram solicitam que os repreenda, no entanto, Jesus os aprova (cf. 19,39-40). Os fariseus estão ausentes no ministério de Jesus em Jerusalém, assim como nos fatos de sua paixão, morte e ressurreição.

2.3.4.3 O demônio

O grande opositor de Jesus é o Inimigo (cf. 10,19) conhecido por diabo/διάβολος (5x em Lc; 2x em At), demônio/δαμόνιον (23x em Lc; 1x em At) ou Satanás/ Σατανᾶς.

²⁵⁷ MATEOS J; CAMACHO, F. Jesus e a sociedade de seu tempo. São Paulo: Paulus, 1992, p. 34.

Na visão de mundo do judaísmo primitivo, os demônios eram anjos caídos subordinados a Satanás, o príncipe da revolta²⁵⁸. Veja-se a seguir, o que informa Berlejung para uma compreensão introdutória sobre os conceitos referentes ao demônio no NT:

No NT encontra-se δαίμων (= “divindade”: Mt 8,31), mas com maior frequência a expressão derivada e negativamente qualificada δαιμόνιον (adjetivo neutro substantivado) que pode ser também substituída por πνεῦμα ἀκαθάρτον, “espírito impuro” (Lc 8,29) ou πνεῦμα πονηρόν, “espírito maligno” (Lc 8,2)²⁵⁹.

O termo διάβολος ocorre 4x no relato das tentações de Jesus (4,1-13). É o acusador, que tenta fazer Jesus desobedecer ao projeto do Pai. Em Lc, a última tentação é em Jerusalém:

A sequência lucana coloca essa tentação no fim. Em Jerusalém, Jesus completará seu êxodo por meio da cruz, ressurreição e ascensão em obediência à vontade e plano de seu Pai. Em Jerusalém, Satanás entrará em Judas (22,3); em Jerusalém, os poderes das trevas (22,53) atuam poderosamente²⁶⁰.

Na parábola do semeador, o termo ocorre mais uma vez quando Jesus diz que o diabo é aquele que tira a palavra que foi lançada no coração para que a pessoa não se salve, portanto, ele não se opõe apenas a Jesus, mas à sua obra de salvação, ao seu Reino (cf. 8,12). O termo δαιμόνιον é empregado para se referir aos espíritos que atormentam as pessoas e que são objetos dos exorcismos praticados por Jesus ou por seus discípulos (cf. 9,1; 10,17-20). Até mesmo alguém que não era discípulo de Jesus expulsava demônios em seu nome (cf. 9,39-40).

Fala-se de demônio impuro (cf. 4,33), mudo (cf. 11,14) e de Belzebu, o príncipe dos demônios (cf. 11,15). Os demônios reconhecem em Jesus o Filho de Deus (cf. 4,41; 8,28), o Santo de Deus (cf. 4,34) e sabiam que ele é o Cristo (cf. 4,41). Parecem temer que Jesus os destruía ou atormente (cf. 4,34; 8,28), reconhecem o seu poder, mas não o seu senhorio. Alguns dentre a multidão acusam Jesus de expulsar demônios por Belzebu. Jesus se defende e declara que o faz pelo dedo de Deus e, portanto, o Reino de Deus chegou (cf. 11,20) e com isso, o poder e ação do adversário está no fim²⁶¹. A última

²⁵⁸ Cf. BERLEJUNG, A. Demônio. In: BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2011, p. 168.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 168.

²⁶⁰ KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Edit). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015, p. 243.

²⁶¹ Cf. BERLEJUNG, A. Adversário/Satanás/Diabo. In: BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. *op. cit.* p. 95.

menção se dá no relato da viagem, na resposta que Jesus dá a Herodes por meio de alguns fariseus, menciona as curas e os exorcismos como a obra que ele realiza (cf. 13,32).

O nome próprio Σατανᾶς ocorre 5x, das quais 3x são no relato da viagem. Jesus fala aos 72 discípulos da queda de Satanás (cf. 10,17-20), se refere a um reino de Satanás que é derrotado pelo exercício de seu ministério (cf. 13,17-22). Liberta a uma mulher que há 18 anos sofre de doença, cuja causa Jesus atribui a Satanás (cf. 13,10-17). Nas narrativas da paixão, Satanás entra em Judas Iscariotes (cf. 22,1-4) e Jesus avisa que lhe solicitado colocar Pedro à prova (cf. 22,31).

3 O ENCONTRO NA VIAGEM DE JESUS (LC 9,51–19,46) E NAS VIAGENS DE FRANCISCO

Após identificar cinco verbos e outros termos e expressões que se referem ao *encontro* e, por fim, os grupos com os quais Jesus se encontra, neste capítulo pretende-se fazer uma breve aproximação pragmática sobre a categoria *encontro* na seção da viagem a Jerusalém do evangelho lucano. Há alguma estratégia comunicativa? Quais efeitos os encontros de Jesus ou o que ele fala sobre o encontro no evangelho produz no leitor? Que efeitos pode produzir na Igreja, em sua obra evangelizadora, em seu testemunho missionário?

3.1 O *Encontro* na viagem de Jesus (Lc 9,51–19,46) – uma aproximação pragmática

A pragmática é uma das subáreas da linguística e estuda a linguagem em uso²⁶² e no caso da presente pesquisa, aplicada a um texto escrito. O texto escrito é uma forma de comunicação pela qual o autor produz um conteúdo destinado ao leitor. Grilli afirma “O lexema ‘texto’ remete a um *tecido* (em latim, *textos* é particípio passado do verbo *texere*, ou seja, tecer), isto é, *uma rede de relações predisposta à comunicação*”²⁶³. O autor introduz na sequência como se dá a relação entre o texto, a intenção comunicativa e as estratégias textuais:

O fato de ser uma unidade estruturada e harmônica significa que não tem somente determinada extensão, mas também coesão e coerência; o fato de ser uma unidade comunicativa significa que, na mente do emissor, corresponde a determinada intenção comunicativa e se coloca dentro de uma estratégia de comunicação²⁶⁴.

O emissor de uma mensagem procura influenciar de certa forma ao seu destinatário. No caso de um texto escrito, o autor, procura produzir algum efeito em seu leitor. As expressões linguísticas e textuais tentam influenciar ao leitor e, segundo Egger, constituem o objeto da pragmática²⁶⁵. Neste capítulo, pretende-se identificar no contexto do relato da viagem as possíveis estratégias comunicativas adotadas por Lucas, isto é, como se dá a relação autor-leitor na perspectiva pragmática.

²⁶² BATISTA, R. de O. **Introdução à pragmática: A linguagem e seu uso**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012, p. 9.

²⁶³ GRILLI, M.; GUIDI, M. OBARA, E.M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 39.

²⁶⁴ *Ibid.*, p. 40.

²⁶⁵ Cf. EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 130.

O contexto comunicativo pode ser compreendido pela relação entre os seguintes elementos: autor-empírico, autor-modelo, leitor-modelo, leitor-empírico. Neste caso, o autor-empírico é Lucas. Grilli afirma o seguinte a respeito da concepção de U. Eco sobre o leitor-modelo: “Para o semiólogo italiano, o leitor-modelo é um conjunto de condições textualmente estabelecidas que devem ser preenchidas a fim de que um texto seja compreendido e atualizado”²⁶⁶. Dessa forma, o autor-empírico constrói um leitor-modelo com determinadas competências e recorre às estratégias que melhor lhe atendam para satisfazer às expectativas postas no referido leitor-modelo. Portanto, o autor-empírico guia o leitor-empírico mediante as estratégias escolhidas para que este se identifique com o leitor-modelo. Grilli sublinha ainda a importância do diálogo ou interação entre o leitor-empírico e o leitor-modelo no processo hermenêutico:

Até agora nos ocupamos do leitor-modelo inscrito no texto, mas o processo hermenêutico ficaria truncado (principalmente no âmbito bíblico) se – digo-o aqui em termos de Paul Ricoeur –, ao fenômeno do distanciamento (característica da escritura), não se seguisse a apropriação; se ao “compreender” não se seguisse o “compreender-se” diante do texto, o “expor-se” e, finalmente, o “perder-se”. Quero dizer que o diálogo entre leitor real e leitor-modelo é absolutamente necessário para uma comunicação autêntica²⁶⁷.

Dessa forma, os leitores empíricos são chamados a interagir com o leitor-modelo, não para identificar-se e reproduzi-lo em si mesmo de forma estática, mas sim para reinterpretá-lo e atualizá-lo. Isto adquire um valor ainda maior ao tratar-se do processo hermenêutico aplicado às Escrituras. O leitor deve permitir que a Palavra de Deus possa agir como fonte do dinamismo e transformação na própria vida²⁶⁸. Pode-se dizer que não se trata apenas de o leitor-empírico interpretar a Palavra, mas de permitir que a Palavra o interprete e o mova a agir em consequência. Portanto, o texto adquire no processo comunicativo uma função performativa, isto é, de alguma forma realiza aquilo que diz. Quais seriam as estratégias empregadas por Lucas na longa seção – Lc 9,51–19,46?

3.1.1 Relação entre encontro, sinal e Reino

No capítulo II afirma-se que o *encontro* com Jesus é um privilegiado lugar da revelação de Deus - um *locus theologicus*. Por vontade e iniciativa divina, o Filho se encarnou e dedicou sua existência histórica a encontrar-se e o encontro com Ele tem uma

²⁶⁶ GRILLI, M.; GUIDI, M. OBARA, E.M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 46.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 47. Nesta citação, por *leitor real*, entenda-se *leitor empírico*.

²⁶⁸ Cf. *Ibid.*, p. 56.

dimensão epifânica. Desde o início, já estava anunciado que o encontro com sua pessoa seria um sinal (cf. 2,12). Jesus também é anunciado como aquele que Deus havia prometido a Abraão e sua descendência (cf. 1,30-33.55.72-74; 2,11) e, de fato, assim se apresenta no início do seu ministério público em seu primeiro discurso na sinagoga de Nazaré:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: "Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura (4,18-21).

Mais adiante, João Batista enviará os seus discípulos para perguntar a Jesus se ele era aquele que devia vir ou se deveriam esperar por outro. A resposta de Jesus foi justamente o cumprimento deste texto de Isaías lido na sinagoga de Nazaré e que o reconhece como o Ungido, isto é, o Messias (cf. 7,18-30). Estes gestos do Messias são a manifestação do Reino de Deus, é o sinal de que o Reino de Deus já chegou (cf. 11,20; 17,21). Por isso, o encontro com a pessoa de Jesus é uma manifestação, uma epifania do Reino de Deus.

No entanto, o encontro como epifania – sinal – do Reino de Deus em Lucas pode ter uma particularidade: Jesus é sinal de contradição, por causa dele haveria queda e soerguimento de muitos em Israel, porque seriam revelados os segredos dos corações (cf. 2,34-35). Há no evangelho lucano uma forma de propor a ação de Deus como aquele que inverte ou transforma as pessoas, para daí gerar vida entendida como salvação. Pode-se considerar o texto do Magnificat: poderosos depostos dos tronos x humildes exaltados; famintos cumulado de bens x ricos dispersos sem nada (cf. 1,52-53) como um dos primeiros que evidenciam este dinamismo no terceiro evangelho. Aos pecadores acolhidos com misericórdia, Jesus perdoa os pecados e os encoraja a ir em paz, pois sua fé os havia salvado. Trata-se da ação gratuita de Deus por sua misericórdia (cf. 2,78-79), mas que conta com a sensibilidade do ser humano para reconhecer esse sinal. O seguinte passo é acolher a ação ou o convite de Deus mediante a resposta de fé e a atitude de abertura e de busca, para permitir um efeito salvífico na própria vida ou em alguma situação concreta.

No encontro com Jesus, as pessoas são convidadas a entrar num processo de conversão, por meio do qual os pecadores são alcançados pela salvação. Manifesta-se,

assim, a força do sinal de contradição pela inversão do estado daqueles se encontram com Jesus (cf. 5,20-26.31-32; 7,36-50; 19,1-10). Os impuros são purificados (cf. 5,12-14; 7,22; 17,11-19), os que estavam perdidos são reencontrados (cf. 15,4-7.8-10.11-32; 19,10), os que estavam cegos passam a enxergar (cf. 4,18; 7,21-22; 18,35-43), os que estão cativos são libertos (cf. 4,18.33-36; 13,10-16); os que perderam a vida a recobram (cf. 7,14-15; 8,40-42.49-56), os que choram são consolados (cf. 7,21-15; 8,38-48-50; 8,49.52.54-56; 22,31-34.61-62; 23,27-28). Em contrapartida, àqueles que se consideram justos e julgam os outros, o encontro com Jesus lhes revela seu autoengano, legalismo e hipocrisia, o que pode ser observado principalmente nos conflitos com os fariseus e escribas (cf. 5,21-24.30-35; 6,1-5.6-11; 7,29-30.36-47; 11,37-54; 14,1-5; 15,1-2; 16,14-15.19-31; 18,9,14; 19,39), porém, isto não quer dizer que Jesus os exclua da salvação, mas sublinha a importância da resposta de cada um.

Ser sinal de contradição, faz emergir na identidade de Jesus sua condição de profeta que por vezes será acolhido e por outras rejeitado. Porém, independente da acolhida ou da rejeição, ele cumpre sua entrega até a consumação e dela brota vida, acontece a salvação que é a epifania do Reino de Deus.

Crimella sugere que Lucas reinterpreta o relato da viagem do evangelho segundo Marcos à luz da tradição profética do AT e apresenta Jesus de acordo com a tipologia profética, especialmente pela alusão a Elias. Em 9,51, “Εγένετο δὲ ἐν τῷ συμπληροῦσθαι τὰς ἡμέρας τῆς ἀναλήψεως” – “Quando se completaram os dias de sua ascensão” – o substantivo ἀνάληψις é usado remete ao verbo ἀναλαμβάνω, empregado para expressar o arrebatamento de Elias (cf. 2Rs 2,10). Além disso, em 9,54 os discípulos Tiago e João sugerem a Jesus pedir que caia fogo do céu sobre os samaritanos que não os quiseram acolher, a exemplo do que havia feito Elias (cf. 2Rs 1,10)²⁶⁹. Ao comentar o desenvolvimento da tipologia profética no terceiro evangelho, Lucas a oferece como chave de leitura para entender ao Crucificado: Jesus é o profeta acolhido e rejeitado.

Riteniamo che questa sia una chiave ermeneutica per comprendere la cristologia del «grande viaggio» lucano: Gesù è il profeta rifiutato che subisce una persecuzione simile a quella patita dai profeti e in questo senso è il «Cristo di Dio» confessato da Pietro a Cesarea (cf. Lc 9,20). In altre parole, per raccontare che il Crocifisso è esattamente il Messia promesso a Israele, per iscrivere questo avvenimento tragico dentro la continuità della rivelazione attestata dalla Scrittura e riconoscerne così il senso, Luca è ricorso non solo

²⁶⁹ CRIMELLA, M. Verso Gerusalemme. Il «grande viaggio» di Luca e la cristologia: un'indagine narrativa. *Liber Annuus*. v. 64, p. 243-244, 2014.

alla tipologia del profeta accolto e riconosciuto (cf. Lc 4,22; 5,1–9,21), ma pure alla tipologia del profeta rifiutato (cf. Lc 4,28–29; 9,22–19,27) affidando a diverse voci narrative (quella del narratore, ma pure quella del protagonista) la sua presentazione. Tracciando l'itinerario profetico di Gesù il terzo evangelista può, passo dopo passo, dare contenuto all'identità del Messia sofferente; per mezzo del dittico (profeta accolto e poi rifiutato), giocato sulla tipologia, Luca fornisce al lettore una chiave di lettura per comprendere la morte di croce²⁷⁰.

Ao longo da viagem, a acolhida e a rejeição da pessoa de Jesus vão se alternando, como será enfatizado com a aproximação pragmática da categoria *encontro*. Interessa observar que Crimella aponta que conforme se aproximam de Jerusalém, se acentua a tipologia real²⁷¹ que ao longo do texto acompanha a tipologia profética. As palavras e gestos de Jesus referentes à sua realeza e ao Reino de Deus ganham destaque no final da viagem. A primeira referência a Jesus como pertencente à dinastia davídica foi no anúncio do seu nascimento feito pelo anjo Gabriel a Maria, sua mãe (cf. 1,32–33). Apenas perto do final do relato da viagem, é que alguém reconhece Jesus como Filho de Davi. Essa pessoa que o reconheceu foi justamente um cego (cf. 18,39)! Também a tipologia real parece estar marcada pela dinâmica de aceitar, acolher, receber o Reino ou rejeitá-lo.

3.1.2 Sinal de Contradição: uma possível estratégia comunicativa

A profecia de Simeão declara que Jesus será sinal de contradição porque se revelariam os pensamentos de muitos corações. Ora, na tradição bíblica, sabe-se que Deus perscruta os corações e que sua vontade sempre é benéfica, ele busca a salvação do ser humano. Por isso, ser sinal de contradição, não deve ser entendido de forma negativa, mas sim como uma certeza de que, ante uma situação que contradiz o projeto do Reino de Deus, o Senhor agirá para transformá-la em salvação, respeitando a liberdade dos corações. Este texto (2,34–35) também indica que o encontro com Jesus ajudará cada um a conhecer quem é realmente diante de Deus e ter a oportunidade de decidir quem quer ser a partir de então, para acolher ou rejeitar o seu Reino. Portanto, o efeito do encontro com Jesus que é sinal de contradição pretende como efeito a conversão do coração, a salvação.

²⁷⁰ CRIMELLA, M. Verso Gerusalemme. Il «grande viaggio» di Luca e la cristologia: un'indagine narrativa. *Liber Annuus*, v. 64, p. 249, 2014.

²⁷¹ *Ibid.*, p. 245.

O relato da viagem a Jerusalém é também marcado pelo conflito. Em alguns momentos, Jesus experimenta a rejeição nas cidades e nas sinagogas. Esta experiência é elemento próprio do ministério profético (cf. 4,24-30; 13,33)²⁷².

O que fica claro na abertura desta viagem resoluto a Jerusalém é que o Jesus caminhante da tradição sinótica, assume o conflito do povo com as classes dominantes em Israel, e marcha com o objetivo de denunciar profeticamente a perversão do poder instalado na cidade; isso fica explícito no anúncio do seu sacrifício já no início da viagem. Este confronto é inevitável para a imagem típica de um messias e profeta. A dureza com que ele vai tratar do Templo, expulsando os vendedores, e o confronto com os sacerdotes, ilustra a natureza profética do ministério do messias-profeta, que é enunciado nesta perícope de abertura. Segundo Kosch este confronto é sinal de que o reinado de Deus está próximo ele cita Lc 10.9 e 11.2²⁷³.

O confronto principal se dá com o grupo dos fariseus como supramencionado. Ora, a maior parte das autoridades religiosas – representada especialmente pelos escribas e fariseus – não acolhia sua palavra (cf. 11,28), senão que murmurava (cf. 5,30; 15,2; 19,7). Além disso, conspirava contra ele se opunha ao seu ministério (cf. 11,53-54)²⁷⁴. Sua atitude, enquanto grupo opositor, é de censura frente à prática e ao ensino de Jesus²⁷⁵. Sentem-se desafiados quando Jesus critica a prática religiosa exterior e hipócrita que sublinha a exigência do dízimo e descuida da prática da justiça e do amor de Deus (cf. 11,42), que se alimenta da vaidade de ocupar os melhores lugares e se sustenta na interpretação restrita e no pseudocumprimento da lei (cf. 11,33-54)²⁷⁶. Essa tensão entre Jesus e o grupo dos fariseus e escribas aumenta na medida em que ele se aproxima de Jerusalém. Por isso, Jesus adverte os discípulos para terem cuidado com o fermento dos fariseus (cf. 12,1-3)²⁷⁷. Declara como imperdoável o pecado contra o Espírito Santo, que corresponde a não reconhecer a obra de Deus (cf. 12,10)²⁷⁸. De forma surpreendente, declara que não veio trazer paz à terra, mas a divisão. (cf. 12,54-59). O encontro com a pessoa de Jesus não permite que as pessoas e situações permaneçam indiferentes.

²⁷² Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 146-147.

²⁷³ *Ibid.* p. 135-136.

²⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p. 155-156.

²⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 173.

²⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 157.

²⁷⁷ Cf. *Ibid.*, p. 158.

²⁷⁸ Em meio às prováveis tensões presentes na comunidade lucana, o evangelista desenvolve sua escatologia como convite à esperança. A comunidade lucana, submetida à perseguição, vivia um período de crise, o qual se acentuava pelos conflitos sociais e pelo retardamento da parusia (cf. *Ibid.*, p. 161-162).

A crescente tensão entre Jesus e as autoridades religiosas e políticas vai chegando ao seu auge (cf. 13,17; 13,31). Jesus também tem momentos de encontro com os fariseus (cf. 11,33-36), mas não se amolda a eles, senão critica-os pela busca dos primeiros lugares (14,7-11) e denuncia a sua hipocrisia por se oporem às curas em dia de sábado (13,10-17; 14,1-6)²⁷⁹. Essas atitudes de Jesus alimentam ainda mais os planos conspiratórios contra ele²⁸⁰.

Em Jerusalém, com indignação profética, Jesus se dirige-se ao templo e expulsa aos que exploravam o povo na prática do comércio de venda de animais e câmbio de moedas estrangeiras, que gerava lucros para os sacerdotes (cf. 19,45-46)²⁸¹. A consequência deste gesto de Jesus foi a conspiração do Sinédrio que decidiu dar-lhe morte. Lucas explicita a oposição das autoridades religiosas e políticas contra Jesus: “E ensinava diariamente no Templo. Os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam fazê-lo perecer, bem como os chefes do povo. Mas não encontravam o que fazer, pois o povo todo o ouvia, enlevado” (19,47-48).

A morte de Jesus fora sinalizada ao longo da narrativa lucana: Simeão profetizara que seria causa de queda e soerguimento para muitos em Israel, como sinal de contradição (cf. 2,34); os ouvintes que testemunham seu discurso inaugural na sinagoga de Nazaré passam da admiração à fúria, expulsam-no da cidade e querem precipitá-lo do cimo da colina (cf. 4,28-30) e em muitos outros momentos o evangelista retrata a intenção das autoridades religiosas e civis em fazê-lo perecer. Segundo Lockmann, os motivos da condenação de Jesus foram quatro: 1) o confronto contra a ordem estabelecida posicionando-se a favor dos vulneráveis, o que podia ser entendido como uma insurreição²⁸²; 2) a acusação de blasfêmia por perdoar os pecados tomando o lugar de Deus (cf. 5,20-21; 7,48-49); 3) o conflito com as instituições do judaísmo, especialmente as acusações de não respeitar o sábado (cf. 6,1-5; 6,9-11; 13,14-16²⁸³), de relativizar a condição de pureza e impureza (cf. 5,12-14), por conviver com pecadores – publicanos (cf. 5,29-30; 19,1-10), por apresentar uma aparente irreverência em relação ao jejum (cf.

²⁷⁹ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 166.

²⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 165.

²⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 190-191.

²⁸² Cf. *Ibid.*, p. 218.

²⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 220.

5,34-35)²⁸⁴; 4) a rejeição do messianismo de Jesus por parte das autoridades religiosas e as acusações falsas que o enquadram como subversivo²⁸⁵.

As controvérsias relativas às curas em dia de sábado revelam os extremos sociais: o povo com esperanças messiânicas que se realizam em Jesus em oposição às autoridades judaicas, especialmente, os fariseus que eram os guardiões da lei com a função de vigiar a observância do *shabbat*, cuja quebra, segundo eles, era falta grave, punida com a morte. Tais tensões com as autoridades religiosas pré-anunciam o conflito, processo e morte de Jesus²⁸⁶. Condenado pelas autoridades judaicas sob acusação de blasfêmia e de ameaçar destruir o templo, Jesus é executado por uma pena romana, a crucifixão²⁸⁷.

Por entre este emaranhado de tensões e conflitos, emerge a salvação de Deus pelos gestos e palavras de Jesus que caminha com decisão rumo à sua páscoa e manifesta o Reino mediante seus encontros.

3.1.3 Encontro como sinal do Reino nas Palavras

Em um contexto de controvérsia com os fariseus, descritos como amigos do dinheiro (cf. 16,14), Jesus conta a parábola do pobre Lázaro e do rico (16,19-31). Tudo começa com os fariseus que zombam dele. Então, Jesus lhes diz: "Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus" (16,15). Vê-se presentes os elementos da profecia de Simeão: o conhecimento que Deus tem dos corações e a consideração do contraste de o que é valioso para Deus e para os homens.

Um contraste muito grande entre dois homens. Um rico e outro pobre; um vestido com roupas de tecidos finos e outro coberto por úlceras; um que se banqueteava e outro que desejava pelo menos as migalhas e nem isso tinha. Um jazia à porta, estava no chão e o outro estava dentro de casa no conforto. Um pobre que olha para o rico e o que ele tem e o rico que nem sequer parece ter percebido a existência do pobre. Um rico sem nome e um pobre com nome: Lázaro, que significa Deus ajuda. A riqueza de detalhes na

²⁸⁴ Cf. LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9,51-19,48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, p. 224.

²⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 224.

²⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 219-221.

²⁸⁷ Cf. *Ibid.*, p. 219-231.

descrição dos dois personagens evidencia o contraste entre eles e retrata a condição da vida humana na qual se dão situações absurdas de injustiça e desigualdade e pode produzir no leitor o sentimento de compaixão para com Lázaro²⁸⁸.

Lázaro carece de todos os bens materiais e, também, imateriais (afeto, solidariedade...), no entanto, Deus está ao seu lado! É de Deus que este homem recebe o socorro, enquanto pelos homens é desprezado. Trata-se de uma situação que contradiz o Reino de Deus, a indiferença com aquele que padece a miséria. Não há encontro, mas desencontro. Embora o pobre Lázaro estivesse muito perto, à porta do rico, este não foi ao seu encontro e não atendeu às suas necessidades básicas²⁸⁹. A atitude do rico pode provocar no leitor certa indignação, com relação ao personagem, que vive voltado para a própria satisfação de forma egoísta. Inclusive, o exemplo negativo do rico deveria convidar o leitor a revisar sua própria atitude ante as pessoas empobrecidas e em situações de injustiça e desigualdade sociais.

Questo approccio ha una sua parte di verità, ma il messaggio della parabola, nella sua integralità, non può essere ridotto a considerazioni di carattere umanitario, economico e caritativo. La seconda parte, posta in contrasto alla prima, proietta una luce inaspettata che fa riflettere sulla fine della vita terrena e sulla realtà della vita eterna. Uno spaccato di grande valore, perché segnala un'esistenza oltre la morte, dove i parametri della felicità risultano molto differenti, anzi opposti²⁹⁰.

Contudo, no decorrer da história, de repente, os dois se tornaram semelhantes pela experiência da morte. Nisso, os dois se igualaram e depois se distanciaram e a situação se inverteu. Lázaro morreu e foi levado por anjos ao “seio de Abraão” que era o lugar da recompensa dos justos. O rico morreu e foi sepultado e se encontrava na mansão dos mortos, em um lugar de tormentos, em chamas. Em sua nova condição, o rico “levantou o olhar” e foi capaz de “ver Lázaro de forma nova” ou até mesmo de vê-lo pela primeira vez como um igual. Ele começa a olhar para o pobre como a sua possibilidade de salvação. Ora, se teve que levantar o olhar, quer dizer que se encontrava em um lugar inferior. Nessa condição, olhava para Lázaro como alguém capaz de aliviar os seus tormentos e cujo testemunho poderia salvar os seus irmãos e se transforma na única possibilidade de salvação e de esperança.

²⁸⁸ Cf. LAVATORI, R. SOLE, L. **Ritratti dal Vangelo di Luca**: Persone e relazioni. Bologna: EDB, 2001, p. 165.

²⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 166.

²⁹⁰ *Ibid.*, p. 167.

Haveria alguma esperança para este homem? Parece que não, Abraão responde aos seus pedidos indicando a impossibilidade de que se pudesse fazer alguma coisa por ele ou por seus familiares. Quiçá o único consolo do rico seja que ainda nessa condição, ele não deixou de ser filho de Abraão. Ele chama Abraão de pai e Abraão o chama de filho. Mesmo com a fatalidade do destino do rico, a declaração do patriarca remete novamente para a vida humana e sua existência antes da morte. Ouvir Moisés e os profetas significa viver em atitude de escuta da Palavra de Deus para conduzir a própria vida pelo caminho da sua vontade que conduz à felicidade na vida eterna.

Com a inversão da condição existencial dos dois personagens e o desfecho fatal do rico condenado aos tormentos, o gesto de ele olhar para Lázaro e vê-lo como única possibilidade de esperança para ele e seus irmãos remetem novamente à vida antes da morte. Este ensinamento, reforça a necessidade de ir ao encontro dos pobres sendo misericordiosos e solidários com suas necessidades e traz a novidade de olhar para cada pessoa e reconhecer que cada um tem algo a oferecer.

La questione non è semplicemente quella di aiutare il povero, ma, più radicalmente, quella di diventare povero. In effetti il povero, nella vita ultraterrena, sarà veramente felice e beato. Sotto questa angolazione si capisce che occorre andare in aiuto ai poveri, non solo prestando loro soccorso, ma anche condividendo la loro povertà, partecipando al loro modo di essere, sentendo per essi compassione. Allora i poveri non rimangono più emarginati, possiedono i beni in comunione con i ricchi e acquistano il senso dell'amore nel ricevere e nel dare. In tal modo si attua un mirabile scambio: il ricco compartecipa i suoi beni al povero e il povero converte al suo modo di essere il ricco. In questa reciproca donazione ambedue possono far parte del regno di Dio²⁹¹.

Esta parábola traz um ensinamento valioso referente ao encontro. Omitir o encontro com o outro, negar-lhe o olhar compassivo que levaria ao aproximar-se e envolver-se com sua pessoa e suas necessidades contradiz à vontade de Deus, não é sinal do seu Reino, portanto, compromete a salvação. No entanto, amar a Deus de todo o coração, toda a alma, toda a força e entendimento e ao próximo como a si mesmo (cf. 10,27) é o que se deve fazer para ser sinal do seu Reino na terra e herdar a vida eterna (cf. 10,25-28). Por sua vez, a estratégia empregada por Lucas com a caracterização dos personagens e de suas situações é mostrar como Deus intervém e inverte as situações. Na vida eterna, recompensando a Lázaro pelos seus infortúnios na terra e recordando que na

²⁹¹ LAVATORI, R. SOLE, L. **Ritratti dal Vangelo di Luca**: Persone e relazioni. Bologna: EDB, 2001, p. 174.

vida tem-se sempre a oportunidade da conversão, para aqueles que escutam a Palavra e a põem em prática.

3.1.4 *Encontro como sinal do Reino nos gestos*

A abordagem do relato do encontro de Jesus com Zaqueu (cf. 19,1-10) será feita em continuidade com a da parábola do pobre Lázaro e do rico. Zaqueu era chefe da coletoria de impostos, portanto, considerado pecador público. O narrador destaca que era um homem muito rico e que queria ver Jesus, tanto que para consegui-lo sobe em um sicômoro. Ainda que para ver Jesus, coloca-se em uma posição elevada. Jesus eleva o olhar para ele e, desta vez, o rico tem nome: Zaqueu, que quer dizer puro, justo. O significado do nome Zaqueu contrasta ironicamente com a sua função social e com o fato de ele ser considerado pecador público. Na mentalidade popular do tempo de Jesus, os coletores de impostos pertenciam a uma categoria de pessoas que eram pecadores por profissão, que violavam não somente a lei de Deus, mas que também exploravam as pessoas e agiam sem escrúpulos em tudo aquilo que pudessem levar vantagem. Portanto, no caso deles a conversão era algo que estava fora de cogitação, dada a impossibilidade de reparar e fazer penitência pelos seus pecados e crimes²⁹². Que Jesus tenha escolhido hospedar-se na casa de um cobrador de impostos e, não somente isso, mas do chefe dos cobradores de impostos, certamente foi algo escandaloso não somente para os fariseus, mas para todos os presentes (cf. 19,7).

Luca tratta sovente della conversione dei pubblicani, come quando questi vanno da Giovanni Battista per farsi battezzare e sono invitati “a non esigere nulla di più di quanto è stato fissato” (3,13), a essere cioè onesti nel lavoro. Egli evidenzia anche l’atteggiamento di amore e di bontà di Gesù nei loro confronti. Al capitolo 5 scrive che il Maestro sceglie Levi il pubblicano tra i suoi discepoli, un gesto ardito e innovatore. Più volte presenta il Maestro come “colui che mangia insieme ai pubblicani e ai peccatori” (5,30; 15,2); d’altra parte questi si avvicinano a Gesù per ascoltarlo e sono da lui accolti. Ciò si vede bene all’inizio del capitolo 15, dove sono riportate tre parabole per manifestare la misericordia di Gesù e, in lui, del Padre verso i peccatori. Al capitolo 18, come si è precedentemente commentato, Gesù, nel confrontare il fariseo e il pubblicano, dichiara che costui torna a casa giustificato a differenza dell’altro.

Dal Vangelo di Luca traspare dunque che la salvezza portata da Cristo può raggiungere anche i pubblicani²⁹³.

²⁹² Cf. LAVATORI, R. SOLE, L. **Ritratti dal Vangelo di Luca**: Persone e relazioni. Bologna: EDB, 2001, p. 221.

²⁹³ Ibid., p. 222.

Contudo, além de ser o chefe dos cobradores de impostos, Lucas informa que era muito rico. Ora, é importante acolher essa informação na perspectiva do que se desenvolve neste evangelho sobre a riqueza e os ricos, especialmente no que diz respeito à salvação: o próprio Jesus afirmara que era muito difícil para um rico entrar no Reino, porém também declara que o que é impossível para os homens é possível para Deus (cf. 18,24-27).

Per l'evangelista, la scena di Zaccheo completa la questione toccata in Lc 18,18-30: ricchezza e vita eterna. A Dio è possibile salvare il ricco, perché, nell'incontro con Cristo, è possibile che un ricco si converta. Zaccheo è la risposta positiva contrapposta alla figura del cosiddetto "giovane ricco"²⁹⁴.

Ainda em Jericó, na última etapa de sua viagem a Jerusalém, acontece entre Jesus e Zaqueu um real encontro interpessoal. Jesus entrou em Jericó e atravessou a cidade, o encontro com Zaqueu foi intencional. Zaqueu queria ver Jesus, mas antes foi visto por ele. Jesus adiantasse a qualquer tentativa de Zaqueu, olha para ele, o chama pelo nome e ordena: “desce”, pois preciso ficar em sua casa. O autoconvite de Jesus foi acolhido por Zaqueu que o recebeu em sua casa cheio de alegria²⁹⁵. No entanto, o evangelista fica em silêncio sobre o que aconteceu durante essa visita, convida o leitor a intuir o que seria²⁹⁶. A gratuidade de Jesus possibilitou a Zaqueu que a salvação entrasse em sua casa (cf. 19,9). Se Jesus não o tivesse interpelado (cf. 19,5), provavelmente o publicano teria apenas satisfeito o desejo de vê-lo passar e teria seguido normalmente com sua vida, mas a intervenção do Senhor, sua experiência de ser “visto” por Jesus e chamado pelo nome, certamente tiveram forte impacto em Zaqueu. O gesto da iniciativa e a indicação de “necessidade” de hospedar-se naquele mesmo dia em sua casa mostram que Jesus é o protagonista e que provoca eficazmente a transformação de Zaqueu.

Dice: “devo” per indicare una necessità, non ovviamente di costrizione, ma derivante dal disegno di Dio, dall'amore del Padre. In lui si manifesta la misericordia divina, di cui sente tutta l'urgenza e la tensione per la sua attuazione concreta. In questo contesto salvifico si capisce come Gesù mangiasse con i peccatori e fosse loro amico²⁹⁷.

O encontro com Jesus fez com que Zaqueu reavaliasse a sua forma de se relacionar com as pessoas e com os bens, sentiu-se impelido à generosidade e à justiça que restitui:

²⁹⁴ ROSSÉ, G. **Il Vangelo di Luca**: Commento esegetico e teologico. Roma: Città Nuova, 1992, p. Apud LAVATORI, R. SOLE, L. *Ritratti dal Vangelo di Luca: Persone e relazioni*. Bologna: EDB, 2001, p. 222 (nota 2).

²⁹⁵ LAVATORI, R. SOLE, L. *op. cit.*, p. 223-224.

²⁹⁶ Cf. TERRINONI, U. **Il Vangelo dell'Incontro**: Riflessioni su Luca. Bologna: EDB, 1997, p. 180-183.

²⁹⁷ LAVATORI, R. SOLE, L. *op. cit.* p. 228.

"Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo" (cf. 19,8) e posteriormente a alusão de Jesus de que ele também é filho de Abraão (cf. 19,9) está em conexão com o que João Batista fala aos publicanos que buscam o batismo (cf. 3,8-13) e com a parábola do pobre Lázaro e do rico (Lc 16,19-31)²⁹⁸.

Zaqueu representa a conclusão de um caminho de conversão iniciado no batismo, que tem os seus desafios no caminho, porém, que consegue alcançar a meta: a salvação. Jesus declara: "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio *procurar e salvar o que estava perdido*" (cf. 19,9-10). Nesta perícopes o termo *hoje* ocorre duas vezes, Lavatore e Sole explicam que a primeira ocorrência – "[...] hoje devo ficar em tua casa" (19,5) – se refere à urgência, no entanto, sobre a segunda – "Hoje a salvação entrou nesta casa [...]" (19,9) – afirmam: "Nel secondo caso, diventa un oggi salvifico, in quanto la salvezza è ora arrivata, è nata, si è manifestata. Indica il tempo dell'intervento di Dio, il momento dell'attuazione del suo regno"²⁹⁹.

Equivale a declarar que o Reino de Deus entrou na vida deste homem e ele entrou no Reino. Sua fala indica que Zaqueu pertence ao grupo dos que "estavam perdidos". Não estaria ele tão perdido quanto o rico sem nome que sofria na "mansão dos mortos" e que chamara Abraão de Pai e que também fora chamado de filho por ele? Um grande sinal do Reino é a alegria da salvação! Zaqueu entrou em um caminho de vida não somente para ele, mas para outros. Sua conversão teve um efeito na sua forma de viver o seu trabalho e de se relacionar com as pessoas. Generosidade e justiça são sinais do Reino! Novamente constata-se a estratégia de inversão da condição existencial do personagem, nesta perícopes, de modo evidente o encontro com Jesus inverte a condição de Zaqueu de homem pecador e excluído da salvação para alguém alcançado pela salvação que entrou em sua casa. Isto é a epifania do Reino de Deus na pessoa de Jesus pelos gestos: ir ao encontro do pecador, olhar, entrar em sua casa.

²⁹⁸ Cf. LAVATORI, R. SOLE, L. **Ritratti dal Vangelo di Luca**: Persone e relazioni. Bologna: EDB, 2001, p. 226-227.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 226-230.

3.2 A cultura do encontro: ser Igreja em saída³⁰⁰

Após realizar uma aproximação pragmática da categoria *encontro* considerando duas perícopes da seção da viagem de Jesus a Jerusalém, pretende-se estudar a categoria *encontro* mediante as palavras e gestos do Papa Francisco em suas viagens apostólicas fora da Itália, como sinal da Igreja em saída. O evangelho segundo Lucas pode ser chamado propriamente de evangelho do caminho e do encontro e, não somente este evangelho, mas toda a obra lucana testemunha uma Igreja em saída que continua anunciando o Reino de Deus: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Desde sua primeira aparição pública como Bispo de Roma, o Papa Francisco surpreendeu com novas formas de se relacionar com o povo de Deus e o público em geral. Novidade anunciada em primeiro lugar pelo nome escolhido “Francisco”, o primeiro pontífice a assumi-lo. Ademais, a novidade também se apresenta em outros elementos: o primeiro papa do continente latino-americano, o primeiro papa jesuíta e o primeiro não europeu desde o século VIII³⁰¹. Eleito em 13 de março de 2013, o novo Papa adotou gestos e palavras que carregam em si a novidade e a alegria do Evangelho que ele mesmo busca testemunhar e promover. “Cultura do encontro” é uma das novas expressões que reiteradamente aparece em seus discursos e que desperta a atenção. A cultura do encontro será abordada a partir de seus pronunciamentos visando compreender esse conceito no pensamento de Francisco e identificar o seu dinamismo e, posteriormente, como se aplica aos encontros de Francisco em suas viagens apostólicas fora da Itália.

3.2.1 O que é a cultura do encontro

O capítulo III da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* trata do anúncio do Evangelho. Francisco reconhece que o povo de Deus que anuncia o Evangelho é um “povo com muitos rostos” que se expressam em suas diversas culturas³⁰². A cultura é um

³⁰⁰ Os itens 3.2 e 3.3 deste capítulo são uma ampliação e atualização do artigo publicado pela autora deste estudo e seu orientador, a saber: ULLOA, B.A.N.; GUIMARÃES, A.B. A Cultura do Encontro: Palavras e gestos em Francisco. Vol. 61 Núm. 172 (2019): Franciscanum 172. 01/09/2019. Disponível em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/4463/3529>. Acesso em: 19 dez. 2020.

³⁰¹ O último Papa não europeu foi Gregório III, de nacionalidade síria.

³⁰² Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) sobre a Igreja no mundo de hoje, o Concílio Vaticano II aborda a natureza social e cultural da pessoa ao longo do documento e no número 44 enfatiza o intercâmbio vivo entre a

elemento conatural ao ser humano, brota da sua natureza social, visto que a pessoa humana é um “ser em relação”. Ao explicar o que entende por cultura, Francisco destaca o aspecto da relacionalidade³⁰³: “Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus (EG 115)”. É nas relações que a cultura surge e se desenvolve e dessa forma cada povo, “na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia (EG 115)”. Toda essa realidade é uma riqueza para a vida social e para a evangelização³⁰⁴.

O anúncio vem depois do testemunho. Primeiro, vives como cristão e, se te interpelarem, fazes o anúncio. O testemunho é o primeiro passo. O protagonista da evangelização não é o missionário, mas o Espírito Santo, que leva os cristãos e os missionários a darem testemunho. Em seguida, virão ou não as perguntas, mas o testemunho da vida é o primeiro passo. Importante é evitar o proselitismo. Quando virdes propostas religiosas que vão pelo caminho do proselitismo, não são cristãs. Procuram prosélitos, não adoradores de Deus em verdade, a partir do testemunho³⁰⁵.

Tais relações das pessoas do mesmo povo e dos povos entre si implicam a experiência do “encontro”, cujo desdobramento deve ser a generosidade do dom de si. Dessa forma, quando Francisco exorta a promover a cultura do encontro, está indicando que tal dinamismo implica sair de si com a finalidade de ir rumo ao outro para fazer-lhe o bem, para servir, para levar a alegria do evangelho. Isto deve ser um “estilo de vida”, algo conatural na forma de as pessoas e os povos se relacionarem. E, mais que dar definições, descreve o que seria a cultura do encontro. Em discurso a um grupo de líderes no Brasil afirmou: “A única maneira para uma pessoa, uma família, uma sociedade crescer, a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma

Igreja e as diversas culturas dos diferentes povos. A Declaração *Ad gentes* (AG) sobre a atividade missionária da Igreja reconhece este mesmo elemento de intercâmbio, além de incentivar os missionários a participar da vida social e cultural dos lugares aos que são enviados, indicar a importância de introduzir estes elementos na prática eclesial e na formação cristã do povo de Deus e destacar seu fundamento cristológico: a encarnação do Filho de Deus que se sujeitou às situações sociais e culturais do seu tempo (Cf. AG 10). A experiência religiosa de Israel e, posteriormente, a experiência dos cristãos se desenvolve na compreensão de ser parte de um Povo reunido por Deus. O Capítulo II da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* aprofunda essa realidade.

³⁰³ Sobre a interdependência da pessoa e sociedade humanas, leia-se GS n. 25.

³⁰⁴ No evangelho lucano, o verbo evangelizar parece que a verdadeira evangelização deve ser acompanhada por gestos concretos de promoção humana, de fato, Lucas coloca em evidência antes os gestos e depois as palavras (Cf. CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 293-294).

³⁰⁵ FRANCISCO. Conferência de Imprensa do Santo Padre durante o voo de retorno. Viagem Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. 10 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190910_voloritorno-madagascar.html. Acesso em 18 dez. 2020.

cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar [...]”³⁰⁶. Tal, atitude oferece um caminho fecundo, trilhado no diálogo que gera relações fundadas na “humildade social”.

Evidenciam-se alguns aspectos do pensar de Francisco sobre a cultura do encontro em uma abordagem social: trata-se de uma condição para o desenvolvimento da pessoa, da família e da sociedade, enfim, dos povos. Implica reciprocidade, não é apenas dar para o outro, mas também receber dele. Tomar a iniciativa e aproximar-se livre de condicionamentos com uma autêntica “humildade social” para favorecer o diálogo. Para que haja de fato uma reciprocidade positiva é imprescindível reconhecer a alteridade e a dignidade do outro. O outro é diferente, tem certamente outras referências e experiências culturais, porém, através do encontro e do diálogo é possível harmonizar as diferenças³⁰⁷ e interagir (cf. FT 215-221). A cultura do encontro implica tornar-se o próximo do outro, eliminar as distâncias e condicionamentos que levam ao isolamento, indiferença ou irresponsabilidade. Implica dar o passo de olhar para o “próximo” como irmão e perceber-se como o “próximo dele” (cf. Lc 10,25-37). Dessa forma o encontro torna-se epifania do Reino na sociedade. Um belo exemplo é a recorrência ao tema da relação e o encontro intergeracional, aquele em que as crianças e jovens interagem com os anciãos no âmbito familiar e social, um intercâmbio de esperança e sonhos com a valiosa sabedoria. A seguir dois textos que expressam a compreensão e o sentir de Francisco sobre a necessidade e importância dessa interação. A primeira ao comentar o evangelho do encontro entre Maria e Isabel (1,39-46) e a segunda no discurso aos jovens da Romênia:

E assim a jovem vai ao encontro da idosa procurando as raízes, e a idosa renasce e profetiza acerca da jovem, dando-lhe futuro. Assim se encontram jovens e anciãos, abraçam-se e cada um é capaz de despertar o melhor do outro. É o milagre suscitado pela cultura do encontro, na qual ninguém é descartado nem rotulado; antes pelo contrário, todos são procurados, porque necessários para fazer transparecer o rosto do Senhor³⁰⁸.

³⁰⁶ FRANCISCO. Discurso de Sua Santidade Papa Francisco à classe dirigente do Brasil, no Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, RJ, 27 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html. Acesso em 25 jul. 2015.

³⁰⁷ Cf. FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Comunicação a serviço da cultura do encontro. 1 jun. 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em 26 jul. 2015.

³⁰⁸ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre na Festa da Visitação da Bem-Aventurada Virgem Maria. Santa Missa. Catedral Católica de São José. Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190531_omelia-bucarest-romania.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

Estou quase a terminar – falta-me um parágrafo –, mas não me quero esquecer de dizer uma experiência que tive ao entrar na Praça. Havia lá uma mulher idosa, bastante idosa, uma avó. Nos braços, tinha o neto que poderia ter dois meses... não mais. Quando passei, fez-mo ver. Sorria..., e sorria com um sorriso de cumplicidade como se me dissesse: «Olhe! Agora posso sonhar». Naquele momento emocionei-me e não tive a coragem de pegar nela e trazê-la aqui diante de vós. Por isso vo-lo conto. Os avós sonham quando os netos crescem, e os netos têm coragem quando se agarram às raízes dos avós³⁰⁹.

O diálogo é um dos principais instrumentos da cultura do encontro e o Papa Francisco insiste em que seja amplo e aberto com todas as pessoas: o diálogo ecumênico, inter-religioso, com os não crentes, com as ciências, com o mundo do trabalho, da economia, da política, da arte etc. Encontrar-se com aqueles que têm outras opiniões e diferentes opções não quer dizer abdicar dos próprios princípios, valores e convicções³¹⁰. Um encontro autêntico não coloca em risco a própria identidade, senão que a enriquece com aquilo que o outro oferece. A dinâmica do diálogo requer falar e ouvir, receber e dar, portanto, parte do reconhecimento do outro como alguém valioso, que tem algo a oferecer³¹¹.

Na encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum, sugere a importância de desenvolver a capacidade de ver a realidade em chave trinitária. Tal empreendimento consiste em, a modo de analogia, reconhecer a estrutura trinitária de inter-relações que há em tudo o que existe e assumir na própria existência “aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS 240).

3.2.2 Dinamismo da Cultura do Encontro

Para compreender o dinamismo da cultura do encontro é importante considerar a relação que tem com outras categorias cunhadas pelo Papa Francisco: “Igreja em saída”,

³⁰⁹ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre, Encontro Mariano com os jovens e as famílias. Viagem apostólica do Papa Francisco à Romênia. 1 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190601_romania-incontro-mariano.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³¹⁰ Cf. FRANCISCO. Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os Movimentos Eclesiais. Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em 26 jul. 2015.

³¹¹ O diálogo é um dos frutos da renovação eclesial trazida pelo Concílio Vaticano II. A primeira vez que o termo apareceu em um documento do Magistério da Igreja foi na encíclica *Ecclesiam Suam*, de Paulo VI, escrita durante este concílio em 1964. No texto em português disponível no site da Santa Sé, a partir do número 34 do documento, o substantivo “diálogo” aparece 65 vezes e o verbo dialogar apenas uma vez.

“discípulo missionário”³¹² e “periferias existenciais”. Francisco afirma que na Igreja de Cristo há espaço para todos e que não se deve esquecer a verdade de que a Igreja é local de encontro. Isto não deve ser um slogan, mas um selo de autenticidade dos cristãos que se comprova em gestos concretos o desejo de Deus Pai: transmitir o evangelho na alegria do encontro com e saber que temos um Pai que ama a cada um e que sob seu olhar, compreendemos como irmãos a olhar uns aos outros³¹³.

O Evangelho transmite-se na alegria de encontrar-se com o próximo (irmão, irmã) e saber que temos um Pai comum que nos ama. Sob o olhar d’Ele, compreendemos como olhar-nos entre nós. Mesmo que algumas dessas categorias correspondam particularmente à vida cristã, o apelo a promover a cultura do encontro não se restringe aos cristãos, senão que se dirige a toda pessoa humana. De fato, na recente encíclica *Fratelli Tutti*, Francisco esclarece que esta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social é dirigida a todos os homens e mulheres de boa vontade, mesmo que ele a tenha escrito a partir de suas convicções cristãs (cf. FT 6).

A Igreja é *lugar de encontro*, e precisamos de o lembrar, não como um belo slogan, mas como parte do nosso cartão de identidade de cristãos. Tu no-lo recordaste, dando como exemplo o bispo mártir Ioan Suciu, que soube plasmar em gestos concretos este desejo de Deus Pai: encontrar-se com cada pessoa na amizade e na partilha. O Evangelho transmite-se na alegria de encontrar-se e saber que temos um Pai que nos ama. Sob o olhar d’Ele, compreendemos como olhar-nos entre nós. Com este espírito, quis cumprimentar-vos, fixar os meus olhos nos vossos, fazer-vos entrar no coração, na oração, com a confiança de entrar, também eu, na vossa oração e no vosso coração³¹⁴.

3.2.2.1 Ponto de partida: ser encontrado por Cristo e encontrá-lo

Cristo é o centro da vida da Igreja e da vida do discípulo missionário³¹⁵, é Cristo quem concede a graça divina, ama e salva. O discípulo missionário é alguém que, a exemplo dos primeiros discípulos, fez a experiência do “encontro mais importante e decisivo de sua vida que os havia preenchido de luz, força e esperança: o encontro com

³¹² “Discípulo missionário” é uma expressão do Documento de Aparecida de cuja redação o Cardeal Jorge Bergoglio – hoje, Papa Francisco – participou.

³¹³ Cf. FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Encontro com a Comunidade Rom. Visita Apostólica do Santo Padre à Romênia. Bairro Bairro Lautaro, Blaj. 2 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-comunita-rom.html. Acesso em: 2020.

³¹⁴ *Ibidem*.

³¹⁵ Cf. FRANCISCO. Discurso aos Bispos Responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação. Auditório do Centro de Estudos do Sumaré, Rio de Janeiro. 28 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em 26 jul. 2015.

Jesus, sua rocha, sua paz, sua vida” (Dap 21). O desenvolvimento dessa experiência lhe proporciona uma sólida espiritualidade, pela qual se cultiva a dimensão contemplativa que permite a união com Cristo. Tal união é o segredo de sua fecundidade pastoral e deve ser proporcional ao desejo de ir rumo às “periferias existenciais”³¹⁶. A experiência de ter sido tocado e transformado pela graça de Cristo é o motor que impulsiona este dinamismo.

Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-lo dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído” (EG 3).

É importante tanto ir ao encontro de Jesus como deixar-se encontrar por Ele. Quiçá, o deixar-se encontrar seja o mais próximo da experiência do Reino, pois é Deus que sem cessar vem ao encontro da pessoa humana. Ao comentar a perícopes do cego de nascença (Jo 9,1-41) em uma homilia declara:

Jesus, como os seus discípulos, vê o cego de nascença, é capaz de o reconhecer e colocá-lo no centro. Depois de ter declarado que a sua cegueira não era fruto do pecado, mistura o pó da terra com a sua saliva e, com a lama feita, unge-lhe os olhos; depois ordena-lhe que vá lavar-se à piscina de Silóé. Depois de se ter lavado, o cego recupera a vista. É interessante notar que o milagre é narrado apenas em dois versículos; todos os outros concentram-se, não sobre o cego curado, mas sobre as discussões que levanta.

Toda a cena e as discussões revelam como é difícil entender as ações e as prioridades de Jesus, capaz de trazer para o centro aquele que estava na periferia, especialmente quando se pensa que a primazia é dada ao «sábado» e não ao amor do Pai, que procura salvar todos os homens (cf. *1 Tm* 2, 4); o cego tinha de conviver não apenas com a sua própria cegueira, mas também com a daqueles que o rodeavam. É o que fazem as resistências e hostilidades que surgem no coração humano, quando no centro, em vez das pessoas, se colocam interesses particulares, rótulos, teorias, abstrações e ideologias, que, onde campeiam, nada mais fazem senão cegar tudo e a todos. Mas a lógica do Senhor é diferente: longe de se esconder na inatividade ou na abstração ideológica, procura a pessoa com o seu rosto, com as suas feridas e a sua história. Vai ao encontro dela, e não se deixa enganar por discursos que são incapazes de dar a prioridade e pôr no centro aquilo que realmente é importante³¹⁷.

³¹⁶ Cf. FRANCISCO. Santa Missa com Seminaristas, Noviços, Noviças e quantos se encontram em caminhada vocacional. Homilia do Santo Padre. Basílica Vaticana. 7 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130707_omelia-seminaristi-novizie.html. Acesso em: 05 mar. 2018.

³¹⁷ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Divina Liturgia com a Beatificação de 7 Bispos Greco-Católicos Mártires. Visita Apostólica do Santo Padre à Romênia. Campo da Liberdade, Blaj. 2 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190602_omelia-blaj-romania.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

O cristianismo não consiste na adesão a uma conduta ética, mas em primeiro lugar, a um encontro com uma pessoa e o encontro com a pessoa de Jesus, que dá à vida um novo sentido e um novo rumo (Cf. EG 7). Tal empreendimento faz parte de um processo de conversão pessoal, de ordenação da própria vida para ajustá-la ao projeto do Reino que Jesus propõe através do Evangelho. Por isso, aquele que se encontra com ele e se deixa encontrar, procura que as próprias palavras e gestos sejam sinal do Reino de Deus no mundo.

3.2.2.2 *O Lugar de Cristo e o lugar do discípulo missionário: o centro e a periferia*

O discípulo missionário é um “descentrado”, isto é, um sujeito transcendente³¹⁸, que sai de si e que anuncia o evangelho para todos sem exceção porque entendeu que o seu lugar não é no centro, já que este lugar corresponde a Cristo. Ser descentrado se opõe à autorreferencialidade. O lugar do discípulo missionário é a periferia, por isso, o cristão deve viver em “tensão para as periferias”³¹⁹.

Na abordagem geográfica do conceito de periferia, entende-se que seja uma região afastada do centro, região limite. No contexto urbano, trata-se da região que geralmente abriga população de baixa renda, embora, no centro das grandes metrópoles também se encontrem pessoa empobrecidas e excluídos. Considerada no contexto mundial, periferia seria o conjunto dos países pouco desenvolvidos em relação às grandes potências político-econômicas, estas consideradas como centro de um sistema socioeconômico mundial.

No entanto, quando se pensa em chave da vida humana, da sua existência, a periferia existencial pode se referir à condição de estar à margem do que é central na vida e na existência. Pode referir-se àquelas condições que geram carências pelas quais, por diversas razões, as pessoas não têm vida em plenitude³²⁰. Diversos são os tipos de carências e pobreza em nossas sociedades: materiais, culturais, intelectuais, profissionais, morais, espirituais, emocionais etc: “Existem periferias que estão próximas de nós, no centro de uma cidade ou na própria família. Também há um aspecto da abertura

³¹⁸ Cf. FARES, D. Papa Francisco. *La cultura del Encuentro*. Buenos Aires: Edhasa, 2014, p. 26. Nesta obra o autor fala das duas transcendências: “sair de si para ir ao encontro com Deus na oração e com o próximo no serviço”.

³¹⁹ Cf. FRANCISCO. Discurso aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação. Auditório do Centro de Estudos Sumaré. Rio de Janeiro. 28 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: Consultada em: 05 mar. 2018.

³²⁰ Cf. *Ibidem*.

universal do amor que não é geográfico, mas existencial [...] (FT 97). Tal situação impele os discípulos missionários a descobrirem nos pobres as feridas da “carne de Cristo”, a partir do olhar contemplativo e compromisso com os valores do evangelho: “[...] esta é a nossa pobreza: a pobreza da carne de Cristo, a pobreza que nos trouxe o Filho de Deus com a sua Encarnação. A Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo”³²¹.

Francisco faz referência às pessoas em situações de carências, de miséria e pobreza, o último dos últimos e que devem ser os primeiros, mas não os únicos, destinatários da boa nova (cf. FT 235). Contudo, as periferias da existência atingem todas as classes sociais, pois se referem a qualquer situação ou mal que impeça a pessoa de ter vida em plenitude: a falta de sentido na própria vida, a violência social e doméstica, o abandono e o desprezo às vezes dentro da própria casa, a dependência química. É cada vez maior o número de pessoas que vivem na periferia da sua existência. Segundo relatórios da Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão já é a doença mais incapacitante desde o ano de 2010³²²; além disso, em média, no mundo, mais de 800 mil pessoas cometem suicídio ao ano, o que equivale a um suicídio a cada 40 segundos³²³.

A população mundial vive um período de crise existencial, ainda em meio a tanto desenvolvimento e possibilidades inimagináveis oferecidas pelas ciências e tecnologia. É cada vez mais difícil descobrir e realizar o sentido da própria existência, prova disso são as estatísticas supramencionadas. A respeito do crescente número de suicídios no Brasil, afirma Amarante não ser verdade que o Brasil seja um “país alegre”, pois sofre um processo de grande individualismo e competitividade, que influenciam as ideias de

³²¹ FRANCISCO. Palavras do Santo Padre na Vigília de Pentecostes com os Movimentos Eclesiais. Praça São Pedro. 18 de maio de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 01 mar. 2018.

³²² LUCENA, R.; VERSOLATO, M. Depressão já é a doença mais incapacitante, afirma OMS. São Paulo: **Folha de São Paulo**. Caderno Equilíbrio e Saúde. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/12/1563458-depressao-ja-e-a-doenca-mais-incapacitante-afirma-a-oms.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2015. A depressão continua no topo das listas da Organização Mundial da Saúde como maior causa de problemas de saúde. No ano de 2017, a depressão foi o tema da campanha para o Dia Mundial da Saúde promovida pela instituição.

³²³ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Suicídio: pesquisadores comentam relatório da OMS, que apontou altos índices no mundo. Fundação Oswaldo Cruz. Comunicação e Informação. Rio de Janeiro. 12/09/2014. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/suicidio-brasil-e-80-pais-das-americas-com-maior-indice>. Acesso em: 26 jul. 2015.

suicídio, especialmente por causa da solidão nas grandes cidades³²⁴. Este é o drama existencial, não exclusiva, mas principalmente nos grandes centros urbanos e o discípulo missionário também está chamado a ir ao encontro do irmão que se encontra nessas periferias da existência (cf. FT 223). O encontro e o compromisso com o Reino de Deus pretendem continuar a missão de Jesus de dar vida em plenitude para todos (cf. Jo 10,10).

3.2.2.3 Envio às periferias existenciais para “dar vida”

A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer “dar vida em abundância” nas cidades (cf. Jo 10,10). Um dos caminhos seguros para reverter essas realidades é precisamente arriscar-se no encontro que resgata.

Testemunha do Evangelho é alguém que encontrou Jesus Cristo, que O conheceu, ou melhor, que se sentiu por Ele conhecido, reconhecido, respeitado, amado e perdoado; e este encontro sensibilizou-o em profundidade, enchendo-o de uma alegria nova, de um significado renovado para a sua vida. E isto transparece, comunica-se, transmite-se aos outros³²⁵.

O encontro com Jesus e consigo mesmo impulsiona ao encontro com os irmãos para partilhar a maravilha da experiência do Reino e para colocar-se a serviço, a exemplo de Jesus. A presença diante do outro deve ser plena, em atitude do coração de serena atenção (LS 226), fruto de um espírito contemplativo, que é capaz de descobrir nas outras pessoas e criaturas, a presença de Deus. Aqui se evidencia que a cultura do encontro também se opõe ao estatismo, à imanência absoluta³²⁶.

Há diversas iniciativas no seio da Igreja e da sociedade dedicadas ao resgate da vida e da dignidade das pessoas em situação de abandono e vulnerabilidade. Vítimas de culturas denunciadas por Francisco e que se opõem à cultura do encontro: a cultura da

³²⁴ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Entrevistado: Paulo Amarante. Suicídio: pesquisadores comentam relatório da OMS, que apontou altos índices no mundo. Paulo Amarante a FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/suicidio-brasil-e-80-pais-das-americas-com-maior-indice>. Acesso em 26 jul. 2015

³²⁵ FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco ao Movimento Apostólico de Cegos (Mac) e à Pequena Missão para os Surdos-Mudos, na Sala Paulo VI. 29 de março de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140329_movimento-ciechi-missione-sordomuti.html. Acesso em: 26 jul. 2015.

³²⁶ Cf. FRANCISCO. Discurso aos Bispos Responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação. Auditório do Centro de Estudos Sumaré. Rio de Janeiro. 28 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 01 mar. 2018.

exclusão, cultura do descartável e a cultura da globalização da indiferença³²⁷. O discípulo missionário não pode viver como se essa realidade não existisse. A misericórdia³²⁸ deve ser o sinal distintivo e permanente dessa Igreja em permanente estado de missão. Essa é a razão que impulsiona o Papa Francisco a insistir com tanta força em que a Igreja seja uma “Igreja em saída”, que saia de si mesma rumo às periferias existenciais, sejam elas quais forem.

Na periferia, o discípulo missionário encontra-se com os pobres, as pessoas que trazem as feridas da vida e em sua carne podem tocar a carne de Cristo que sofre³²⁹. Francisco dá muita importância à experiência sensorial nessa relação: olhar as pessoas nos olhos, tocar suas mãos, abraçar, ser próximo principal e primeiramente dos mais fragilizados. Em uma meditação matutina durante a missa celebrada na Casa Santa Marta, exortou ao comentar o evangelho da ressurreição do único filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17):

“... não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo ‘que pena, pobrezinhos!’ mas deixando-se arrebatado pela compaixão; e depois aproximar-se, tocar e dizer: ‘Não chores’ e dar pelo menos uma gota de vida”.³³⁰

Tal é a finalidade desse dinamismo: dar vida. O evangelho segundo João coloca na boca de Jesus uma impressionante declaração sobre o sentido de sua missão que o evidencia: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

³²⁷ Sobre a cultura do descarte: “el papa Francisco detalla que en las sociedades actuales la mayoría de los hombres y las mujeres viven precariamente el día a día, en la pobreza y en la violencia, en la inequidad, indignamente, lo cual genera miedo y desesperación. La actual es para el Papa una sociedad donde impera una «economía de exclusión», donde los excluidos no son «“explotados” sino considerados desechos “sobrantes”». Es decir, es una «cultura del descarte» donde las personas son consideradas bienes de consumo, que se pueden usar y luego tirar. En estricto sentido, eso se debe a la lógica misma de la economía, basada en la competitividad y la eficiencia, al consumismo y a una «cultura del bienestar que nos anestesia y perdemos la calma si el mercado ofrece algo que todavía no hemos comprado» (SOTO, D. P. *El pensamiento social del papa Francisco*. In: **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espíritu. Bogotá, 2016. vol. 66, n. 166, p. 320-321, jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/2526/2208>. Acesso em: 1 mar. 2018).

³²⁸ Em abril de 2015, o Papa Francisco proclamou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia com a Bula *Misericordiae Vultus*. Um convite sem distinção de pessoas, a contemplar, experimentar e ser sinal da misericórdia de Deus.

³²⁹ FRANCISCO. Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os Movimentos Eclesiais. Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 01 mar. 2018.

³³⁰ FRANCISCO. Por uma cultura do encontro. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela Santa Marta. Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada. 13 de setembro de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 24 fev. 2018.

3.2.2.4 *O encontro com Cristo provoca novos “encontros geradores de vida e comunhão”*

O encontro com Deus, encontro consigo mesmo e com os irmãos também conduz ao encontro e comunhão com toda a criação, com o cosmos. Este encontro exige uma — conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que nos rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus (LS 271). Para que o encontro e relação com o cosmos sejam sinais do Reino de Deus, é necessária a conversão pessoal, que pede a assunção de atitudes de sobriedade, humildade e paz interior (LS 217-225). Tais atitudes pessoais são indispensáveis para que se construam projetos e ações em vista do desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade, fundados sobre a justiça característica do Reino de Deus.

É surpreendente notar como o Evangelho aparece tecido de perguntas que procuram desinquietar, despertar e convidar os discípulos a pôr-se a *caminho*, para descobrir a *verdade* capaz de dar e gerar *vida*; perguntas, que procuram abrir o coração para horizontes onde se encontra uma novidade muito mais bela de quanto se possa imaginar. As perguntas do Mestre querem renovar incessantemente a nossa vida e a da nossa comunidade com uma alegria sem par. (cf. *Evangelii gaudium*, 11)³³¹.

Na sociedade atual, que padece uma forte crise existencial, a cultura do encontro se apresenta como uma condição para a experiência profunda da salvação e do amor de Deus, cujo Filho se fez carne, para vir ao encontro da pessoa humana “como um de nós” e que tocou as periferias existenciais com suas próprias mãos, assumiu-as em sua própria carne para daí resgatar a todos os que padecem pelas feridas da vida (cf. FT 67; 70).

3.3 **Cultura do encontro como sinal profético nas palavras e gestos de Francisco**

A tradição bíblica nos apresenta a figura dos profetas, pessoas com uma experiência particular de Deus, por cujas palavras e gestos Deus se revela ao seu povo. Na viagem a Jerusalém, Jesus caminha com consciência de ser profeta e Messias. Caminha para a consumação de sua missão: sua páscoa — paixão, morte, ressurreição e assunção (cf. 9,51; 24,50-53).

Depois disse-lhes: "São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na

³³¹ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Estádio Nacional de Bangucoque. 21 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191121_messa-thailandia-omelia.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos". Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: "Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso. Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneci na cidade até serdes revestidos da força do Alto" (24,44-49).

A segunda parte da obra lucana, apresenta como últimas palavras de Jesus antes de ser elevado: “[...] recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). Assim, a Igreja continua na história sempre “em saída” para ir ao encontro de todas as pessoas a fim de anunciar e ser presença do Reino, transformando as realidades de menos vida em realidades mais de vida, o que na perspectiva lucana, expressa-se como salvação.

Na atualidade, como Sucessor de Pedro, o Papa Francisco é um ícone do testemunho profético, como seguidor de Jesus que vive em saída, que vai ao encontro dos irmãos para que tenham mais vida. Assim como os profetas ao longo da história da salvação, é mediante os gestos e palavras dos profetas hodiernos que Deus continua anunciado e denunciando o que se opõe ao projeto do Reino de Deus.

Estamos à espera que *venha o vosso reino*: pedimo-lo e desejamo-lo porque vemos que as dinâmicas do mundo não o favorecem. Dinâmicas guiadas pelas lógicas do dinheiro, dos interesses, do poder. Enquanto nos encontramos mergulhados num consumismo cada vez mais desenfreado, que cega com fulgores cintilantes mas efêmeros, ajudai-nos, Pai, a crer naquilo que rezamos: renunciar às seguranças cómodas do poder, às seduções enganadoras da mundanidade, à vazia presunção de nos crermos autossuficientes, à hipocrisia de cuidar das aparências. Assim, não perderemos de vista aquele Reino a que Vós nos chamais³³².

Portanto, a seguir, considerar-se-ão os gestos e palavras do Papa Francisco e como revelam a cultura do encontro. Como suas ações de certa forma revelam aquilo que ele anuncia com as palavras? Não se pretende analisar seus gestos de modo exaustivo e tampouco emitir um juízo moral ou qualitativo, senão, simplesmente apontar como o dinamismo da cultura do encontro se manifesta em seu agir. Na abordagem, considera-se

³³² FRANCISCO. Oração do Pai Nosso e Saudação do Santo Padre. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Nova Catedral Ortodoxa, Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-padrenostro.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

de modo geral as suas viagens apostólicas fora da Itália³³³ e busca-se identificar o dinamismo da cultura do encontro em seus gestos e palavras³³⁴.

3.3.1 Os encontros de Francisco pelo mundo

A tabela a seguir indica as datas das viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco fora da Itália, desde o início de seu pontificado em 2013 até o ano de 2019, os países visitados e, por fim, o evento ou fato principal que motivou sua viagem. A ordem será das mais recentes às mais antigas:

Nº	Datas	Viagem Apostólica	Motivações
1	19-26/novembro/2019	Tailândia A e Japão	Pastoral ³³⁵ e promoção do diálogo inter-religioso. Questões sociais ³³⁶ e políticas.
2	4-10/setembro/2019	Moçambique, Madagascar, Maurício	Pastoral e questões sociais e políticas.
3	31/maio–2/junho/2019	Romênia	Pastoral e Ecumênico. Encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena. Beatificação de 7 Bispos Greco-Católicos Mártires.
4	5-7/maio/2019	Bulgária e Macedônia do Norte	Pastoral. Promoção do diálogo ecumênico

³³³ A seguir, cita-se um fragmento de homilia do Santo Padre sobre o significado de peregrinar e caminhar juntos, ícone da experiência de Jesus com os discípulos e a multidão no caminho a Jerusalém e do Santo Padre em sua missão de Pastor Universal que peregrina pelo mundo: “Peregrinar significa sentir-se chamados e impelidos a *caminhar juntos*, pedindo ao Senhor a graça de transformar rancores e desconfianças, antigos e atuais, em novas oportunidades de comunhão; significa desligar-se das nossas seguranças e comodidades e partir à procura duma nova terra que o Senhor nos quer dar. Peregrinar é desafio a descobrir e transmitir o espírito de viver juntos, de não ter medo de se misturar, de nos encontrarmos e ajudarmos. Peregrinar significa participar naquela maré um pouco caótica que se pode transformar numa verdadeira experiência de fraternidade, caravana sempre solidária para construir a história (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 87). Peregrinar é ver não tanto aquilo que poderia ter sido (e não foi), como sobretudo aquilo que nos espera e não podemos adiar mais. Significa crer no Senhor que vem e está no meio de nós promovendo e estimulando a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, verdade e justiça (cf. *ibid.*, 71). Peregrinar é o compromisso de lutar para que, quantos ontem tinham ficado para trás, se tornem os protagonistas do amanhã, e os protagonistas de hoje não sejam deixados para trás amanhã. E isto, irmãos e irmãs, requer o trabalho artesanal de tecer juntos o futuro. Eis o motivo por que estamos aqui! Para dizer juntos: *Mãe, ensina-nos a esboçar o futuro*” (FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Santuário Șumuleu Ciuc. 1 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190601_omelia-sumuleu-ciuc-romania.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

³³⁴ A página web da Santa Sé em português (www.vatican.va) é a principal fonte de levantamento dos dados que serão apresentados.

³³⁵ Com este termo pretende-se indicar o encontro, principalmente, mas não exclusivamente, com os cristãos católicos.

³³⁶ Por “questões sociais” pretende-se indicar situações particulares que se dão nestes países visitados e que têm uma incidência considerável em toda a sociedade, como, por exemplo, no caso do Chile e Peru, as reivindicações dos povos originários; na Colômbia, o acordo de paz etc.

Nº	Datas	Viagem Apostólica	Motivações
5	30-31/março/2019	Marrocos	Pastoral. Promoção do encontro inter-religioso.
6	3-5/fevereiro/2019	Emirados Árabes Unidos	Encontro Inter-religioso “Fraternidade Humana”
7	23-28/janeiro/2019	Panamá	XXXIV Jornada Mundial da Juventude
8	22-25/setembro/2018	Lituânia, Letônia e Estônia	Pastoral
9	25-26/agosto/2018	Irlanda	IX Encontro Mundial das Famílias
10	21/junho/2018	Genebra (Suíça)	Peregrinação Ecumênica – Comemoração do 70º Aniversário da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas
11	15-22/janeiro/2018	Chile e Peru	Pastoral e questões sociais e eclesiais
12	26/novembro – 2/dezembro de 2017	Myanmar e Bangladesh	Pastoral, encontro inter-religioso e situação dos refugiados
13	6-11/setembro de 2017	Colômbia	Pastoral e questões sociais
14	12-13 maio de 2017	Santuário de Fátima, Portugal	Celebração do Centenário das Aparições da Bem-Aventurada Virgem Maria na Cova da Iria
15	28-29/abril de 2017	Egito	Pastoral e encontro ecumênico e inter-religioso
16	31/outubro-1º/novembro de 2016	Suécia	Comemoração comum luterano-católica da Reforma (encontro ecumênico)
17	30/setembro-2/outubro de 2016	Geórgia e Azerbaijão	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso, disputas internacionais na região do Cáucaso.
18	27-31/julho de 2016	Polônia	XXXI Jornada Mundial da Juventude
19	24-26/junho de 2016	Armênia	Pastoral e encontro ecumênico
20	16/abril de 2016	Lesbos, Grécia	Visita ao Campo de Refugiados
21	12-18/fevereiro de 2016	México	Pastoral, encontro ecumênico ³³⁷ e questões sociais
22	25-30/novembro de 2015	Quênia, Uganda e República Centro-Africana	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso, questões sociais

³³⁷ Rumo ao México, a comitiva papal realizou uma escala no Aeroporto de Havana, Cuba, onde assinou com o Patriarca de Moscou, S.S. Kirill, uma declaração conjunta na qual exortam à mútua colaboração de cristãos católicos e ortodoxos na superação das divergências históricas e também ao compromisso do testemunho ante os diversos problemas sociais, políticos e econômicos em todo o mundo, principalmente por ameaçar aos mais fragilizados das diversas sociedades. O texto íntegro da declaração pode ser consultado no link: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160212_dichiarazione-comune-kirill.html.

Nº	Datas	Viagem Apostólica	Motivações
23	19-28/setembro de 2015	Cuba, Estados Unidos da América e Sede das Nações Unidas	Pastoral, questões de imigração, VIII Encontro Mundial das Famílias na Filadélfia
24	5-13/julho de 2015	Equador, Bolívia e Paraguai	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso
25	6/junho de 2015	Sarajevo, Bósnia-Herzegovina	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso
26	12-19/janeiro de 2015	Sri Lanka e Filipinas	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso
27	28-30/novembro de 2014	Turquia	Pastoral e encontro ecumênico
28	25/novembro de 2014	Parlamento Europeu e Conselho da Europa (Estrasburgo, França) ³³⁸	Questões políticas sociais. Ano comemorativo dos 65 anos do Parlamento Europeu
29	21/setembro de 2014	Tirana, Albânia	Pastoral, encontro ecumênico e inter-religioso
30	13-18/agosto de 2014	República da Coreia	VI Jornada Asiática da Juventude
31	24-26/maio de 2014	Jordânia e Israel	Peregrinação à Terra Santa
32	22-29/julho de 2013	Brasil	XXVIII Jornada Mundial da Juventude

3.3.2 O dinamismo da cultura do encontro no testemunho de Francisco

Para compreender a cultura do encontro é importante situá-la também na experiência espiritual e religiosa do Papa Francisco. Como jesuíta, seus critérios e pensamento estão impregnados da espiritualidade inaciana³³⁹, uma de suas notas características é a de “ser contemplativo na ação”. Compreende-se então a importância que Francisco dá à oração e espiritualidade como o motor de sua vida e ação: o seu primeiro gesto como Papa foi o de inclinar-se ante o povo reunido na Praça de São Pedro e pedir-lhe sua oração por ele; além disso, quase todas as manhãs celebra a missa na Casa Santa Marta e oferece ao mundo uma breve meditação sobre a Palavra de Deus. Estas

³³⁸ Ainda que Francisco tenha visitado o Parlamento e Conselho Europeus, situados na França, não se considera que tenha realizado uma visita apostólica à França, mas apenas a essas instituições europeias.

³³⁹ Espiritualidade própria da Companhia de Jesus, ordem religiosa à qual pertence Jorge Mario Bergoglio, fundada por Santo Inácio de Loyola.

condições possibilitam a experiência de encontrar-se com Cristo e deixar-se encontrar por Ele. Na experiência da oração pessoal que transborda na vida do discípulo missionário e permite que os seus sentidos sejam evangelizados. Por isso, é capaz de “descobrir Deus em todas as coisas”, ver “a carne de Cristo” que sofre nos irmãos mais vulneráveis.

Francisco tem atuado como “discípulo missionário” enviado por Cristo às periferias existenciais. Com referência aos dados divulgados no Relatório de Desenvolvimento Humano³⁴⁰ publicado em 2020, dos 48 países visitados até 2019 por Francisco nas 32 viagens apostólicas fora da Itália: 21 pertencem ao grupo dos países com índice de desenvolvimento humano (IDH) muito alto³⁴¹, 19 ao grupo com IDH alto³⁴², 4 ao grupo com IDH médio³⁴³ e 4 ao grupo com IDH baixo³⁴⁴. A motivação das viagens ao grupo de IDH muito alto foi geralmente a participação em eventos: peregrinações, presença em organizações políticas internacionais ou continentais, jornadas mundiais ou continentais da juventude, Comemoração dos 500 anos da Reforma, Comemoração dos 70 anos da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas, Encontro Mundial das Famílias, Encontro Inter-religioso. Intencionalmente, Francisco tem dado prioridade pastoral às “periferias do mundo” ou às “periferias da Igreja”. Em coletiva de imprensa, após sua viagem à Albânia, um jornalista local indagou sobre a sua visão da Europa, já que tinha escolhido como primeiro país europeu a visitar, um país da periferia do continente, que nem sequer pertence à União Europeia, ao que respondeu: “Posso dizer que a minha viagem é uma mensagem, é um sinal. É um sinal que eu quero dar³⁴⁵”. Busca também transmitir a mensagem de que todo lugar está chamado a ser terra de encontro³⁴⁶. Estas viagens também são oportunidade de denunciar o sistema político-econômico atual que gera e mantém desigualdades e exigem com urgência de encontrar um novo sistema

³⁴⁰ Este relatório, publicado anualmente, mede o índice de desenvolvimento humano (IDH) comparando fatores como alfabetização, riqueza, natalidade, expectativa de vida entre outros.

³⁴¹ Da América: Estados Unidos, Chile e Panamá; da Europa: França, Polônia, Grécia, Suécia, Portugal, Suíça, Irlanda, Estônia, Romênia, Bulgária, Macedônia do Norte, Geórgia; da Ásia: Coreia do Sul, Israel, Emirados Árabes Unidos, Turquia e Japão; da África: Maurício.

³⁴² Da América: Brasil, México, Peru, Equador, Colômbia, Cuba, Bolívia, Paraguai; da Europa: Bósnia e Herzegovina, Albânia, Azerbaijão, Armênia, Lituânia, Letônia; da Ásia: Jordânia, Sri Lanka, Filipinas e Tailândia; da África: Egito.

³⁴³ Da Ásia: Bangladesh e Myanmar; da África: Quênia e Marrocos.

³⁴⁴ Da África: República Centro-Africana, Uganda, Madagascar e Moçambique.

³⁴⁵ FRANCISCO. Entrevista do Santo Padre no voo de regresso de Tirana a Roma, 21 de setembro de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-conferenza-stampa.html. Acesso em: 5 mar. 2018.

³⁴⁶ Cf. FRANCISCO. Regina Caeli. Viagem Apostólica do Papa Francisco para a Bulgária e Macedônia do Norte. 05 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_regina-coeli-bulgaria_20190505.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

econômico que busque o desenvolvimento humano integral (cf. FT 21; 169; 234-235). O Cardeal Bergoglio com Arcebispo de Buenos Aires costumava visitar as favelas e tem priorizado visitar às periferias do mundo, como também foi o caso de Moçambique, da Ilha de Madagascar e as Ilhas Maurício³⁴⁷, testemunhando sua solidariedade.

Por ser, chefe de Estado, parte do protocolo nas viagens apostólicas é o encontro com o corpo diplomático e a sociedade civil. Geralmente realiza um encontro especial com os bispos, sacerdotes e pessoas consagradas. Em Moçambique, no encontro com sacerdotes, consagrados e agentes de pastoral lhes falou da fecundidade do cansaço de quem se empenha por estar sempre próximo do irmão:

A proximidade cansa. É belo encontrar um sacerdote, uma irmã, um catequista.... cansados por causa da proximidade. Renovar a chamada passa, muitas vezes, por verificar se os nossos cansaços e preocupações têm a ver com um certo «mundanismo espiritual» ditado «pelo fascínio de mil e uma propostas de consumo a que não conseguimos renunciar para caminhar, livres, pelas sendas que nos conduzem ao amor dos nossos irmãos, ao rebanho do Senhor, às ovelhas que aguardam pela voz dos seus pastores» (Francisco, Homilia na Missa Crismal, 24 de março de 2016). Renovar a chamada, a nossa chamada, passa por optar, dizer sim e cansar-nos com aquilo que é fecundo aos olhos de Deus, que torna presente, encarna o seu Filho Jesus. Oxalá encontremos, neste saudável cansaço, a fonte da nossa identidade e felicidade! A proximidade cansa, e este cansaço é santidade³⁴⁸.

As celebrações eucarísticas na maioria das vezes multitudinárias são momentos de encontro com os cristãos católicos e com público em geral. Mesmo ao visitar países mais desenvolvidos, realiza encontros com pessoas ou grupos que trazem as feridas da vida. Francisco tem procurado tocar a carne sofrida de Cristo nas feridas da Igreja e da sociedade. Por feridas da Igreja, destacaremos três realidades: os desdobramentos das divisões da Igreja ocorridas ao longo da história³⁴⁹, as pessoas que sofreram abusos por parte de ministros da Igreja e, por fim, pessoas consagradas e as minorias cristãs

³⁴⁷ Cf. RFI. Moçambique recebe Papa Francisco em início de giro pela África. **G1**. Mundo. 04 de setembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/04/mocambique-recebe-papa-francisco-em-inicio-de-giro-pela-africa.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁴⁸ FRANCISCO. Encontro com os Bispos, os Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, Consagrados e Seminaristas, Catequistas e Animadores. Catedral da Imaculada Conceição. Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2019/9/5/consacрати-mozambico.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁴⁹ Referimo-nos à separação entre Igreja Ocidental e Oriental no século XI e à Reforma promovida por Lutero no século XVI.

católicas³⁵⁰. Finalmente, as feridas da sociedade e do mundo serão evidenciadas em diversas realidades que afetam a paz e o desenvolvimento da sociedade e das nações.

3.3.2.1 *Ir ao encontro das feridas da Igreja*

Francisco tem realizado gestos muito significativos visando curar as feridas da divisão da Igreja. Os encontros com os líderes das Igrejas Ortodoxas têm sido marcados pela experiência da fraternidade na oração e no compromisso por dar passos necessários rumo à unidade, não primeiramente pelo diálogo doutrinal e teológico, mas sim, pelo compromisso com o testemunho da fé em Cristo, inclusive pelo “ecumenismo e fraternidade de sangue”³⁵¹.

Na alegria do Senhor ressuscitado, vos dirijo a saudação pascal, neste domingo designado no Oriente cristão como «domingo de São Tomé». Contemplamos o Apóstolo que mete a mão no lado do Senhor e, tocadas as suas feridas, confessa: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20,28). As feridas que se abriram entre nós, cristãos, ao longo da história são dolorosos golpes infligidos no Corpo de Cristo que é a Igreja. Ainda hoje, tocamos com a mão as suas consequências. Mas, se metermos juntos a mão nestas feridas, confessarmos que Jesus ressuscitou e O proclamarmos nosso Senhor e nosso Deus, se, no reconhecimento das nossas faltas, nos deixarmos imergir nas suas feridas de amor, talvez possamos reencontrar a alegria do perdão e antegozar o dia em que poderemos, com a ajuda de Deus, celebrar o mistério pascal no mesmo altar³⁵².

Tal compromisso tem sido ratificado pela oração comum e pela assinatura de declarações conjuntas com: Bartolomeu, Patriarca Ecumênico de Jerusalém; Kirill, Patriarca de Moscou e de toda a Rússia; Hieronymos, Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia; Karekin II, Cathólikos de todos os Armênios e com Sua Santidade Tawadros, Papa de Alexandria e Patriarca da Sé de São Marcos. Ademais, na Geórgia encontrou-se com Sua Beatitude Elias II, Cathólicus e Patriarca de toda a Geórgia. No Egito, Francisco,

³⁵⁰ Em Madagascar visitou às Carmelitas Descalças e rezou com elas a Hora Média (Cf. FRANCISCO. Hora Média no Mosteiro das Carmelitas Descalças. Viagem Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício; Como é o caso de países como Japão e Tailândia (cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com os Bispos. Viagem Apostólica à Tailândia e ao Japão. 23 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191123_vescovi-tokyo.html. Acesso em 19 dez. 2020).

³⁵¹ União dos cristãos de diversas denominações no testemunho da fé em Cristo pelo martírio. (Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena. Viagem Apostólica à Romênia. Palácio do Patriarcado. Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-chiesa-ortodossaromena.html. Acesso em: 17 dez. 2020).

³⁵² FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Visita ao Patriarca Neofit e ao Santo Sínodo. Aula do Santo Sínodo (Sófia). 05 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190505_bulgaria-patriarca.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

mostrou-se solidário com os cristãos coptos que haviam sofrido um atentado à bomba. Na Romênia, falou de uma nova forma de compreender e viver o ecumenismo:

Um ecumenismo do testemunho: este é outro ecumenismo. Ecumenismo da oração, do sangue, do testemunho. Temos depois o ecumenismo do pobre, como lhe chamo eu: é trabalhar juntos, no que pudermos; para ajudar os atribulados, os enfermos, as pessoas desprovidas do bem-estar mínimo: ajudar. Mateus 25: este é um belo programa ecumênico, não é? Caminhar juntos, e isto já é *unidade dos cristãos*³⁵³.

Finalmente, em recente discurso no encontro ecumênico do Conselho Mundial das Igrejas, encontram-se os elementos do dinamismo da cultura do encontro como convite a viver o ecumenismo hoje:

Caminhar sim, mas para onde? Na base do que ficou dito, sugeriria um movimento duplo: de entrada e de saída. *De entrada*, a fim de nos dirigirmos constantemente para o centro, reconhecendo-nos ramos enxertados na única videira que é Jesus (cf. Jo 15, 1-8). Não daremos fruto sem nos ajudarmos mutuamente a permanecer unidos a Ele. *De saída*, rumo às múltiplas periferias existenciais de hoje, para levarmos juntos a graça sanadora do Evangelho à humanidade atribulada. Poderíamos interrogar-nos se estamos a caminhar de verdade ou apenas em palavras, se apresentamos os irmãos ao Senhor e os temos verdadeiramente a peito, ou se estão longe dos nossos reais interesses. Poderíamos interrogar-nos também se o nosso caminho é um mero cirandar sobre os nossos passos, ou uma convicta saída pelo mundo levando-lhe o Senhor³⁵⁴.

A viagem à Bulgária também teve uma forte marca ecumênica. Além do ecumenismo de sangue, propôs também o ecumenismo do pobre, como um convite a caminhar juntos como testemunhas do Senhor, no serviço aos irmãos mais pobres e esquecidos e, também, o ecumenismo da missão – aludindo ao testemunho dos santos Cirilo e Metódio – em cujas vidas a missão e a comunhão iluminaram seus caminhos e entrega em atitude fraterna³⁵⁵. Vale a pena destacar que Francisco exortou na viagem à Romênia a importância de caminhar juntos com a força da memória, não das feridas e pecados da história, mas a memória das raízes: os primeiros séculos da audácia e da

³⁵³ FRANCISCO. Coletiva de Imprensa durante o voo de Retorno. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. 2 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-voloritomo.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

³⁵⁴ FRANCISCO. Peregrinação Ecumênica a Genebra por ocasião do 70º aniversário da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas. Encontro Ecumênico. Discurso do Santo Padre. Centro Ecumênico Visser't Hooft Hall. 21 de junho de 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html. Acesso em: 20 jul. 2018.

³⁵⁵ Cf. FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Visita ao Patriarca Neofit e Ao Santo Sínodo. Aula do Santo Sínodo (Sófia). Viagem do Santo Padre à Bulgária e à Macedônia do Norte. 05 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190505_bulgaria-patriarca.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

profecia, que são a garantia de recordar a ação de Deus na história e elevar-lhe um hino de louvor uns pelos outros³⁵⁶.

No tocante às pessoas que sofreram abusos, Francisco tem continuado o gesto de Bento XVI de encontrar-se com aqueles e aquelas que sofreram esta violência para pedir perdão, consolar e fortalecer. Estes encontros geralmente ocorrem dentro do sigilo, para preservar a privacidade dos participantes e durante suas viagens internacionais, aconteceram em Filadélfia, nos Estados Unidos, em Santiago do Chile e em Dublin, na Irlanda. Um grande testemunho de humildade e de busca da verdade e da justiça foi o fato de Francisco reconhecer, após a visita ao Chile, que havia sido mal informado sobre a situação e pedir desculpas às vítimas, recebê-las novamente e escutá-las³⁵⁷. Além disso, o Papa se dispôs a escutá-las, convocou toda a conferência episcopal chilena para analisar os casos de abusos nas últimas décadas³⁵⁸. Há ainda um caminho a percorrer para encontrar as ações mais adequadas para atender às vítimas, punir os culpados e evitar que novos casos voltem a acontecer. No entanto, mesmo que com limitações, importante é “correr o risco do encontro com o rosto do outro” (EG 88), para se deixar interpelar pela sua presença e juntos procurar o bem e a justiça para todos³⁵⁹.

Por fim, Francisco tem se encontrado com as comunidades católicas que são minorias em países majoritariamente ortodoxos ou muçulmanos. Algumas dessas igrejas têm sofrido de forma particular a perseguição como, por exemplo, no caso da Albânia e Romênia. Por ocasião da visita à Albânia, Francisco conheceu o testemunho do Pe. Ernest Simoni que sob a perseguição do regime comunista, conseguiu escapar da condenação à morte, porém, permaneceu preso por 27 anos realizando trabalhos forçados. No Japão,

³⁵⁶ Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena. Viagem Apostólica à Romênia. Palácio do Patriarcado. Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-chiesa-ortodossaromena.html. Acesso em: 17 dez. 2020).

³⁵⁷ MARIN, D.C. Papa Francisco hospeda vítimas chilenas de abuso sexual. *Veja*, Mundo, 26 de abril de 2018. São Paulo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-hospeda-vitimas-chilenas-de-abuso-sexual/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

³⁵⁸ Cf. VATICAN NEWS. Com “dor e vergonha”, bispos chilenos encontram o Papa. 15 de maio de 2018. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/papa-francisco-encontro-bispos-chile.html>. Acesso em 10 jan. 2021.

³⁵⁹ Francisco convocou os presidentes das conferências episcopais de todo o mundo a participar de encontro em Roma para tratar o tema dos abusos de menores, cujos objetos são assumir as responsabilidades e transparência e buscar juntos respostas concretas a este grave desafio (Cf. VATICAN.VA. Encontro: “A proteção dos menores na Igreja”. Vaticano, 21 a 24 de janeiro de 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/resources/index_po.htm#ENCONTRO_A_PROTE%C3%87%C3%83O_DOS_MENOR_ES_NA_IGREJA_\[Vaticano, 21-24_de_fevereiro_de_2019\]](http://www.vatican.va/resources/index_po.htm#ENCONTRO_A_PROTE%C3%87%C3%83O_DOS_MENOR_ES_NA_IGREJA_[Vaticano, 21-24_de_fevereiro_de_2019]). Acesso em: 10 jan. 2021),

Francisco orou e se comoveu ao visitar o Monumento dos Mártires em Nagasáqui³⁶⁰ e o Memorial da Paz em Hiroshima³⁶¹. A estas comunidades, agradece seu testemunho e encoraja a serem fiéis, a continuar sua entrega a Cristo em favor dos irmãos renovando a esperança, insistindo na atitude de *caminhar juntos*.

3.3.2.2 *Ir ao encontro das feridas da sociedade*

Enquanto às feridas da sociedade, destacam-se seus encontros com os refugiados e imigrantes, os presos, os enfermos³⁶², os pobres, grupos étnicos que sofrem perseguição ou discriminação, os jovens³⁶³ e as crianças. Ou, ainda, considerando o importante papel de mediação ou favorecendo o diálogo entre nações em conflitos internos³⁶⁴ ou externos.

O primeiro encontro com refugiados aconteceu na Ilha de Lampedusa, localizada no Mediterrâneo ao sul da Itália, nos primeiros meses de seu pontificado, quando comovido pela morte de centenas de pessoas refugiadas que tentavam chegar à Europa para tentar uma nova vida e morreram no naufrágio. Ante o impacto desse acontecimento, dirigiu-se à ilha e em sua homilia disse: “E então senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu”³⁶⁵. Certamente, este episódio

³⁶⁰ Cf. FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Homenagem aos Santos Mártires. Viagem Apostólica à Tailândia e ao Japão. Monumento dos Mártires - Nishizaka Hill (Nagasáqui). 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191124_omaggio-santimartiri-nagasaki.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

³⁶¹ Cf. FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre. Encontro em Prol da Paz. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Memorial da Paz. 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20191124_messaggio-incontropace-hiroshima.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

³⁶² Em Moçambique visitou hospital localizado na periferia e que atende gratuitamente a adultos e crianças com AIDS. Comparou a entrega daqueles que assistem os doentes com o Bom Samaritano (10,25-37) (Cf. FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Visita ao Hospital de Zimpeto. Maputo. Viagem Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. 6 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190906_ospedale-mozambico.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁶³ Cf. FRANCISCO. Discurso com o Santo Padre. Vigília com os Jovens. Viagem Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício. Campo Diocesano de Soamandrakizay, Antananarivo. 7 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190907_vegliagiovani-madagascar.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁶⁴ Como por exemplo, é o caso de países como Moçambique (cf. FRANCISCO. Conferência de Imprensa do Santo Padre durante o voo de retorno. Viagem Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. 10 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190910_voloritorno-madagascar.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁶⁵ FRANCISCO. Viagem a Lampedusa (Itália). Santa Missa pelas Vítimas dos Naufrágios. Homilia do Santo Padre. Campo Desportivo "Arena" na Localidade Salina. 8 de julho de 2013. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 26 mar. 2018.

marcou o orientou seu posicionamento ante esta realidade. Outros encontros aconteceram na Jordânia, em Israel, na República Centro-Africana, em Bangladesh, em Marrocos e em Lesbos, na Grécia. Em Lesbos, Francisco novamente afirmou que com este encontro procurava chamar a atenção para a crise humanitária manifestada no drama dos refugiados. Não somente encontrou-se com eles, mas inclusive levou doze refugiados consigo a Roma. Reconhece a legitimidade das preocupações das autoridades e cidadãos dos países, mas exorta a que se considere que os imigrantes são mais que números, são pessoas com rostos, nomes e histórias que nos interpelam³⁶⁶. O drama dos refugiados e imigrantes, parece ser uma das periferias existenciais que mais atinge o coração de Francisco, visto que, ao criar o Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, o pontífice se responsabilizou em primeira pessoa pelo departamento a eles dedicado³⁶⁷. Em sua viagem a Marrocos disse:

Sinto-me feliz por esta possibilidade de vos encontrar durante a minha visita ao Reino de Marrocos, que me proporciona renovada ocasião para expressar a minha proximidade a todos vós e, juntamente convosco, debruçar-me sobre uma ferida, grande e grave, que continua a afligir os inícios deste século XXI. Uma ferida que brada ao céu; não queremos que a indiferença e o silêncio sejam a nossa resposta (cf. *Ex* 3, 7). E, mais ainda, quando se constata que são muitos milhões os refugiados e outros migrantes forçados que pedem a proteção internacional, sem contar as vítimas do tráfico e das novas formas de escravidão nas mãos de organizações criminosas. Ninguém pode ficar indiferente perante este sofrimento³⁶⁸.

Na coletiva de imprensa após a visita à Romênia, Francisco voltou a denunciar que a crise humanitária dos imigrantes e refugiados e a falta de oportunidades de trabalho em seus países seria resultado de uma política mundial, que segue a lógica do lucro, motivo pelo qual se fecham empresas para abrir no exterior (cf. FT 129-130). Disse Francisco:

Hoje, fechar uma empresa é deixar as pessoas na rua. Também isto é uma injustiça mundial, [...] de falta de solidariedade. É um drama. Como lutar?

³⁶⁶ FRANCISCO. Visita Apostólica a Lesbos (Grécia). Encontro com as Autoridades e a População. Memória das Vítimas das Migrações. Discurso do Santo Padre. Francisco. Presídio da Guarda Costeira. 16 de abril de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-cittadinanza.html. Acesso em: 06 mar. 2018.

³⁶⁷ VATICAN INSIDER. Francisco cria novo dicastério e assume pessoalmente o departamento dedicado aos migrantes. 01 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/559581-novo-dicasterio-papa-se-ocupara-dos-migrantes>. Acesso em: 06 mar. 2018.

³⁶⁸ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre: Encontro com os Migrantes. Sede da Cáritas Diocesana de Rabat. Viagem Apostólica do Santo Padre ao Marrocos. 30 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190330_migranti-marocco.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

Procurando abrir fontes de trabalho. [...] É uma injustiça não poder ter fontes de trabalho para tantos jovens³⁶⁹.

No tocante aos conflitos étnicos e sociais. Durante o encontro inter-religioso com os jovens de Moçambique, exortou-os a buscar a reconciliação construindo o presente e o futuro com suas diferenças, pois cada um é importante³⁷⁰.

Outras periferias que Francisco encontrou nestes cinco anos abrangem pessoas em situação de extrema pobreza³⁷¹, mulheres forçadas à prostituição³⁷², grupos étnicos perseguidos³⁷³ ou que reclamam terra e dignidade das quais foram privados³⁷⁴, pessoas encarceradas³⁷⁵, crianças que sofrem algum tipo de carência e que são assistidas em instituições de caridade³⁷⁶, crianças internadas em hospitais, jovens que tentam se recuperar da dependência química, familiares de vítimas do narcotráfico e de outras formas de violência³⁷⁷ ou desastres naturais³⁷⁸, pessoas sem teto entre outras situações de

³⁶⁹ FRANCISCO. Coletiva de Imprensa durante o voo de Retorno. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-voloritorno.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

³⁷⁰ FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro Inter-religioso com os jovens. Visita Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. Estádio de Maxaquene, Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_giovani-mozambico.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁷¹ Em Madagascar, visitou a comunidade Akamasoa, fundada por um sacerdote vicentino que atua a favor do desenvolvimento humano integral de pessoas que se encontram em situação de extrema pobreza (cf. COLLET, A. Papa visita a comunidade Akamasoa (Cidade da Alegria) em Madagascar, projeto social que dá vida digna a pobres do lixão. Cidade do Vaticano: Vatican News, 03 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-09/papa-francisco-madagascar-visita-akamasoa-padre-pedro.html>. Acesso em: 18 dez. 2020) e depois Francisco orou com e pelos trabalhadores na pedreira de Granito de Mahatzana (Antananarivo).

³⁷² Na Coreia do Sul, saudou a algumas “mulheres conforto”, eufemismo que se refere às centenas e centenas de mulheres forçadas por militares japoneses a se prostituir durante a II Guerra Mundial.

³⁷³ Durante a visita apostólica a Myanmar e Bangladesh, o Papa Francisco procurou favorecer o diálogo para que se respeitem e protejam a vida da minoria étnica rohingya, segundo a ONU a mais perseguida na atualidade.

³⁷⁴ No Chile, encontrou-se com os mapuches e outros povos originários da região e no Peru, encontrou-se com os Povos da Amazônia e dos Andes também em vistas à preparação do Sínodo dos Bispos para a Região Panamazônica, convocado para o mês de outubro de 2019.

³⁷⁵ No Chile, visitou uma penitenciária feminina, no México uma masculina e no Panamá foi ao encontro de jovens reclusos.

³⁷⁶ No Panamá, por exemplo, visitou às crianças e jovens assistidos pela Casa Lar do Bom Samaritano.

³⁷⁷ No México encontrou-se com familiares de jovens desaparecidos.

³⁷⁸ Em Moçambique, Francisco não pode visitar as regiões afetadas pelos ciclones Idai y Kenneth, mas expressou sua solidariedade com todos aqueles que haviam sido afetados (cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com as autoridades, o corpo diplomático e a sociedade civil. Visita Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício. Palácio da Ponta Vermelha, Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_autorita-mozambico.html. Acesso em: 18 nov. 2020). Na Tailândia, visitou ao hospital católico infantil, cuja maioria dos pacientes são budistas e encontrou um testemunho de caridade e de evangelização no serviço da caridade e não do proselitismo. (Cf. GUARASCI, A. Sua vinda à Tailândia é um presente especial, diz Ir. Ana Rosa, prima do Papa. Cidade do Vaticano: VaticanNews, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-11/papa-francisco-viagem-tailandia-irma-ana-entrevista.html>. Acesso em: 19 dez. 2020). Francisco primeiro encontrou-se com os profissionais de saúde e depois

vulnerabilidade ou exploração³⁷⁹. A uma comunidade de ciganos que visitou na Romênia disse:

No coração, porém, trago um peso. É o peso das discriminações, segregações e maus-tratos sofridos pelas vossas comunidades. A história diz-nos que os próprios cristãos, os próprios católicos não são alheios a tanto mal. Quero pedir perdão por isso. Em nome da Igreja, peço perdão, ao Senhor e a vós, por todas as vezes que, ao longo da história, vos discriminamos, maltratamos ou consideramos de forma errada, com o olhar de Caim em vez do de Abel, e não fomos capazes de vos reconhecer, apreciar e defender na vossa peculiaridade. [...] Não priveis destes dons as sociedades onde vos encontrardes, e disponde-vos também a receber todas as coisas boas que os outros vos possam oferecer. Por isso, desejo convidar-vos a caminhar juntos, lá onde estiverdes, na construção dum mundo mais humano, ultrapassando medos e suspeitas, deixando cair as barreiras que nos separam uns dos outros, alimentando a confiança mútua na busca, paciente e nunca vã, da fraternidade. Esforçar-se por caminhar juntos com dignidade: a dignidade da família, a dignidade de ganhar o pão de cada dia – sim, é isto que te faz continuar – e a dignidade da oração. Sempre olhando para diante³⁸⁰.

Francisco promoveu a cultura do encontro também nas relações entre os países e religiões: na Colômbia se fez presente no contexto da assinatura do acordo de paz exortando os cidadãos colombianos a construir a paz cada um “dando o primeiro passo”³⁸¹. Promovendo e incentivando as relações interculturais, afirmou: “É verdade que cada país tem a sua própria cultura e deve salvaguardá-la, mas com o espírito do poliedro: há uma globalização onde se respeitam as culturas de todos, mas todos unidos”³⁸². Em Moçambique, após fazer memória da árdua história de construção de um processo de paz:

Uma cultura de paz exige «um processo constante, no qual cada nova geração está envolvida». Por isso, o caminho há de ser aquele que favoreça a cultura do encontro e dela fique todo impregnado: reconhecer o outro, estreitar laços, lançar pontes. Neste sentido, é imprescindível manter viva a memória como

com as crianças (Cf. FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Encontro com funcionários e médicos no Hospital São Luís. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Bangucoque. 21 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191121_personalemedico-thailandia.html. Acesso em: 19 dez 2020).

³⁷⁹ Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com as autoridades, com a sociedade civil e o Corpo Diplomático. Viagem Apostólica à Tailândia e ao Japão. Sala “Inner Santi Maitri” Palácio do Governo (Bangucoque). 21 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191121_autorita-thailandia.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

³⁸⁰ FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Encontro com a Comunidade Rom. Visita Apostólica do Santo Padre à Romênia. Bairro Bairro Lautaro, Blaj. 2 de junho de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-comunita-rom.html. Acesso em: 2020.

³⁸¹ Cf. FRANCISCO. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Colômbia. Homilia na Santa Missa em Porto de Contecar – Cartagena das Índias. Dignidade da Pessoa e os Direitos Humanos. 10 de setembro de 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170910_omelia-viaggioapostolico-colombiacartagena.html. Acesso em: 19 jul. 2018.

³⁸² FRANCISCO. Coletiva de Imprensa durante o voo de Retorno. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-voloritorno.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

caminho que abre futuro; como caminhada, que leve a procurar metas comuns, valores compartilhados, ideias que favoreçam superar interesses setoriais, corporativos ou partidários para que as riquezas da vossa nação sejam colocadas ao serviço de todos, especialmente dos mais pobres. Tendes uma corajosa e histórica missão a cumprir: não cesseis os esforços enquanto houver crianças e adolescentes sem educação, famílias sem teto, trabalhadores sem trabalho, camponeses sem terra... Tais são as bases dum futuro de esperança, porque futuro de dignidade! Tais são as armas da paz.

Ao Conselho da Europa convidou a promover um diálogo intercultural, inclusive intergeracional, na esfera política de forma que na busca pelo bem comum e desenvolvimento integral se coloque novamente o homem ao centro e não o dinheiro³⁸³. Ao visitar a Macedônia do Norte voltou a expor a necessidade da promoção da interculturalidade (cf. FT 143-145):

Hoje como nunca há necessidade de fazer crescer na Europa e no mundo inteiro a cultura do encontro, a cultura da fraternidade, e eu irei até vós para lançar estas sementes, na certeza de que a vossa terra é boa, que as saberá acolher e fazer frutificar. Com efeito, a beleza peculiar do rosto do vosso país deve-se precisamente à variedade de culturas e de pertenças étnicas e religiosas que nele habitam. Sem dúvida, a convivência nem sempre é fácil, sabemos-lo. Mas é um esforço que vale a pena fazer porque os mosaicos mais bonitos são os mais ricos de cores³⁸⁴.

Incentivou o diálogo entre países com conhecidas tensões e dificuldades políticas: Estados Unidos e Cuba, por exemplo³⁸⁵. Exorta à colaboração das forças políticas, econômicas, sociais e espirituais para caminhar juntos e, assim, realizar a nobre função do Estado que é o bem-comum, o que implica algumas renúncias dos diversos grupos para criar harmonia e avançar juntos rumo aos objetivos compartilhados³⁸⁶. Em sua

³⁸³ Cf. FRANCISCO. Visita ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa. Discurso do Santo Padre ao Conselho da Europa. Estrasburgo, França. 25 de novembro de 2014. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-consiglio-europa.html. Acesso em: 19 jul. 2018.

³⁸⁴ FRANCISCO.. Mensagem Vídeo do Papa Francisco por ocasião da Viagem Apostólica à Macedônia do Norte. 7 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190504_videomessaggio-macedoniadelnord.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

³⁸⁵ Cf. FRANCISCO. Entrevista com o Santo Padre durante o voo de Santiago de Cuba a Washington DC. 22 de setembro de 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150922_intervista-santiago-washington.html. Acesso em: 20 jul. 2018.

³⁸⁶ Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Encontro com as Autoridades, Sociedade Civil e o Corpo Diplomático. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-autorita.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

viagem ao Japão, realizou o gesto de visitar as cidades de Hiroshima e Nagasaki, partilhou sua comoção pela crueldade sofrida pelas vítimas da bomba atômica³⁸⁷:

Em Nagasáqui, foi a experiência do martírio: vi de relance o museu do martírio; mas a experiência de Hiroxima foi muito comovente. E lá reiterei que o uso das armas nucleares é imoral – isto deve estar no Catecismo da Igreja Católica – e não apenas o uso, mas também a posse, pois [por causa da posse] um incidente ou a loucura de qualquer governante, a loucura duma pessoa pode destruir a humanidade³⁸⁸.

Por fim, também tendo oferecido sua liderança religiosa ao compromisso de, com outras religiões, ser agente de paz, reconhecendo o importante papel das religiões na sociedade e no mundo como “canais de fraternidade” e não “barreiras de separação”³⁸⁹. Nestas ocasiões, Francisco sempre insiste na lógica do encontro e do diálogo mútuos para resolver os conflitos e podermos caminhar juntos. No encontro inter-religioso celebrado nos Emirados Árabes Unidos, assinou juntamente com o Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al-Tayyib a Declaração “A Fraternidade Humana pela paz mundial e a convivência comum”³⁹⁰. Espera-se que este seja o início de um processo que contribua efetivamente para a convivência pacífica e construtiva entre as diferentes culturas e povos³⁹¹. Ao Supremo Patriarca Budista em sua viagem à Tailândia, disse:

São pequenos passos que ajudam a testemunhar, não só nas nossas comunidades mas também neste nosso mundo tão instigado a gerar e propagar divisões e exclusões, que a cultura do encontro é possível. Sempre que temos oportunidade de nos reconhecer e apreciar, mesmo nas nossas diferenças (cf. *Evangelii gaudium*, 250), oferecemos ao mundo uma palavra de esperança, capaz de encorajar e sustentar aqueles que acabam por ser sempre os mais prejudicados pela divisão. Tais possibilidades lembram-nos quão importante é que as religiões se

³⁸⁷ Também proferiu um discurso sobre este tema (cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre sobre as armas nucleares. Parque da Bomba. Nagasáqui. 24 de novembro de 2019. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20191124_messaggio-arminucleari-nagasaki.html. Acesso em: 19 de dez. 2020).

³⁸⁸ FRANCISCO. Coletiva de Imprensa do Santo Padre durante o voo de regresso a Roma. 26 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191126_voloritorno-giappone.html. Acesso em: 20 dez. 2020.

³⁸⁹ Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre no Encontro Inter-religioso em Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos. Encontro Inter-religioso. Discurso do Santo Padre. Founder’s Memorial (Abu Dhabi). 04 de fevereiro de 2019. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratarabi-incontrointerreligioso.html. Acesso em: 26 fev. 2019.

³⁹⁰ O texto completo da declaração pode ser consultado neste link: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.

³⁹¹ Francisco tem se encontrado com líderes religiosos do islamismo, judaísmo e de outras religiões orientais, por exemplo o budismo em Bangladesh e Mianmar.

manifestem cada vez mais como faróis de esperança, enquanto promotoras e garantes de fraternidade³⁹².

Em sua visita ao Marrocos, continuou o diálogo e encontro com o mundo muçulmano. Não se trata apenas de curar feridas, mas também de incentivar aquilo que de bom já se empreende para construir uma cultura do encontro e Francisco reconhece e incentiva essas práticas que se alimentam da acolhida e integração das diferenças.

Em 2020, publicou a carta encíclica *Fratelli Tutti* sobre a amizade e a fraternidade social, nela busca oferecer uma “humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT 6). Francisco propõe a parábola lucana do bom samaritano como referência para reconstruir a fraternidade e amizade sociais:

[...] Fixemos o modelo do bom samaritano. É um texto que nos convida a fazer ressurgir a nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores dum novo vínculo social. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a prossecução do bem comum e, a partir deste objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro» (FT 66).

Todo o capítulo II da encíclica é dedicado a refletir sobre esta parábola lucana e ratifica quanto foi desenvolvido neste capítulo sobre o dinamismo da cultura do encontro e os gestos de Francisco destacados neste capítulo: ir ao encontro das feridas da Igreja e da sociedade, assim como o bom samaritano tocou e curou as feridas do homem caído no caminho (cf. FT 67).

Conclusão

A primeira parte deste capítulo realiza uma aproximação pragmática da categoria encontro na viagem de Jesus a Jerusalém. A primeira constatação é que o encontro com Jesus é um *locus thologicus* e tem uma dimensão epifânica, que produzem um efeito performativo. Esta pesquisa sugere como resultado da aproximação pragmática do texto do relato da viagem, o recurso do sinal de contradição como estratégia comunicativa. Há

³⁹² FRANCISCO. Saudação do Santo Padre. Visita ao Patriarca Supremo Budista. Visita Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Templo Wat Ratchabophit Sathit Maha Simaram (Banguecoque). 21 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191121_patriarca-buddisti-thailandia.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

um dinamismo que perpassa todo o evangelho e que está nos encontros de Jesus e em suas palavras sobre o encontro. Ser “sinal de contradição” indica uma inversão ou mudança da situação, como início de um processo de conversão ou de transformação da realidade, sempre tendo em vista a salvação. A abordagem das perícopes do pobre Lázaro e do rico (16,19-31) e do encontro entre Jesus e Zaqueu (19,1-10) buscou evidenciar o dinamismo do sinal de contradição, da inversão que se converte em salvação, salvação que é epifania do Reino de Deus.

Na sequência, a segunda e a terceira partes deste capítulo, estudam a categoria *encontro* nas palavras e gestos do Papa Francisco. O primeiro objetivo é compreender o que significa a *cultura do encontro* e o seu dinamismo segundo partindo do que Francisco fala sobre o tema nas suas diversas alocações. Finalmente, verifica-se como acontece a *cultura do encontro* nas palavras e gestos do Papa Francisco, tendo como recorte as suas viagens apostólicas fora da Itália.

Com o apelo de construir uma cultura do encontro, o pontífice indica a necessidade de que a experiência do encontro se torne um estilo de vida, um modo de agir conatural de cada pessoa, mas principalmente do discípulo missionário. Seu dinamismo parte da experiência de ser encontrado por Cristo ou de deixar-se encontrar por ele, de modo que a vida se transforme e desenvolva na pessoa uma sólida espiritualidade e um olhar contemplativo capaz de perceber a presença de Deus em todas as coisas e descobrir a “carne de Cristo” nos mais fragilizados. Nesta experiência o discípulo missionário é enviado por Cristo, que é o centro, para as periferias existenciais a fim de servir e “dar e receber vida”. O primeiro encontro, aquele com Cristo, deve desencadear um dinamismo de mais encontros geradores de vida e comunhão, como expressão da “Igreja em saída”.

O Papa Francisco entende a cultura do encontro como condição necessária para o desenvolvimento integral da pessoa, da família e da sociedade. Não se trata de algo inédito ou fora do alcance, porém, trata-se de resgatar, a partir do encontro com Cristo, uma experiência humana e humanizadora que tem perdido sua essência por diversos fatores históricos e culturais, principalmente, pela “globalização da indiferença”.

Os apelos de Francisco, não somente com suas palavras, mas também com seus gestos, indicam um caminho a percorrer. Em suas viagens apostólicas fora da Itália, pode-se vislumbrar como ele procura colocar em prática o que ensina. Alguns encontros são

fecundos e gratificantes e, mesmo em meio a situações dramáticas, geram de vida. Outros revelam ainda mais a profundidade das feridas e da dor e indicam que será necessário mais tempo, mais encontros e mais diálogo para chegar “curá-las”. Em homilia da Santa Missa celebrada em Marrocos, Francisco reconhece o desafio das rivalidades na relação fraterna:

Deste modo, mais uma vez vem à luz a tensão que se vive no meio da nossa gente e nas nossas comunidades, e até dentro de nós mesmos. Uma tensão que, a partir de Caim e Abel, mora em nós e que somos convidados a encarar: Quem tem direito a permanecer entre nós, ocupar um lugar à nossa mesa e nas nossas assembleias, nas nossas solicitudes e serviços, nas nossas praças e cidades? Parece continuar a ressoar aquela pergunta fratricida: Porventura sou eu o guardião do meu irmão? (cf. *Gn* 4, 9). No limiar daquela casa, surgem as divisões e desencontros, a agressividade e os conflitos que sempre atingirão as portas dos nossos grandes desejos, das nossas lutas pela fraternidade e pela possibilidade de cada pessoa experimentar desde já a sua condição e dignidade de filho³⁹³.

A experiência do encontro trará sempre desafios e possibilidades, mas não há outro caminho para construir juntos uma sociedade na qual os sinais do Reino de Deus testemunhem que mais pessoas têm “vida em abundância” (cf. Jo 10,10).

Vamos ao encontro de Cristo Senhor, que vem! O Evangelho, que acabamos de ouvir, convida a pormo-nos em movimento com o olhar fixo no futuro, para nos encontrarmos com o mais belo dom que nos reserva: a vinda definitiva de Cristo à nossa vida e ao nosso mundo. Demos-Lhe as boas-vindas ao nosso meio, com imensa alegria e amor como só vós, jovens, sabeis fazer! Sabemos que, antes de sairmos à sua procura, já o Senhor nos procurava; vem ao nosso encontro e chama-nos a partir da história que é necessário construir, criar, inventar. Vamos com alegria, porque sabemos que Ele nos espera lá³⁹⁴.

³⁹³ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Visita Apostólica ao Marrocos. Complexo Desportivo Príncipe Moulay Abdellah (Rabat). 31 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190331_omelia-marocco.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

³⁹⁴ FRANCISCO. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Catedral da Assunção de Bangocoque. 22 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191122_messa-giovani-thailandia-omelia.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao final desta pesquisa em que se percorreu com Jesus o caminho de sua viagem a Jerusalém na perspectiva lucana (9,51–19,46). Ao longo desta viagem, a proposta foi compreender a categoria teológica *encontro* nas palavras e gestos de Jesus para perceber sua dimensão epifânica. Os encontros de Jesus são sinais do Reino, ou seja, em suas parábolas, discursos, diálogos e gestos, o Reino de Deus se manifesta. Na paradigmática viagem, segundo Lucas, Jesus, profeta itinerante, anuncia e realiza o Reino pelo encontro com sua pessoa. A este mesmo Jesus dirige-se o olhar da Igreja peregrina, que ao longo da história, encontra-se com a humanidade, para responder ao chamado do Mestre de testemunhar o Reino até os confins da terra (cf. At 1,8). Para tanto, oferece-se, no último capítulo, o aprofundamento sobre a *cultura do encontro* nos gestos e palavras do Papa Francisco em suas viagens apostólicas fora da Itália, com a qual sublinha-se a continuidade existente entre o evangelho anunciado e vivido por Jesus e a vida da Igreja. Neste caso, dá-se um destaque ao testemunho profético do Papa Francisco para a vida e a ação da Igreja. A seguir, indicam-se os principais resultados deste trabalho.

O primeiro passo foi conhecer melhor o contexto no qual está inserido o relato da viagem, para tal, o capítulo estruturou-se em duas partes. A primeira parte situa o relato no conjunto da obra lucana e do evangelho. Com relação à obra lucana, sublinha-se que o tema da viagem e do caminho perpassa toda a obra, o que permite compreender com mais clareza a importância e o papel da grande viagem de Jesus rumo a Jerusalém para viver a sua páscoa: paixão-morte-ressurreição-ascensão. No tocante ao evangelho, sublinhou-se alguns de seus elementos teológicos fundamentais: Jerusalém, os pobres e o perfil profético-messiânico de Jesus.

O primeiro é Jerusalém, destino da longa viagem de Jesus, que tem um papel fundamental no mundo bíblico e, particularmente, no evangelho lucano. Jerusalém é a cidade que mata os profetas, mas também é o lugar onde se manifesta a salvação. No Templo de Jerusalém, o louvor de Simeão, reconhece a salvação de Deus no menino apresentado ao Senhor e, ao mesmo tempo, profetiza que ele será posto como um sinal de contradição (cf. 2,34). Essa profecia projeta sobre a vida de Jesus a perspectiva do conflito, que de fato, o acompanha ao longo de seu ministério, se intensifica na viagem e culmina em Jerusalém (cf. 13,31-35). A cidade torna-se, assim, o lugar geográfico-

teológico no qual Jesus consuma a sua páscoa, a partir do qual acontece uma nova expansão de sua missão na história, mediante o testemunho da Igreja.

O segundo elemento teológico destacado são os pobres, destinatários privilegiados do anúncio da boa nova realizado pelo Messias – o Ungido pelo Espírito – que proclama o ano da graça do Senhor (cf. 4,16-30). Os pobres são sujeitos históricos e se identificam com todos aqueles que de alguma forma estão à margem. Por fim, o terceiro elemento proposto é o perfil profético-messiânico de Jesus, cuja missão é devolver a esperança aos pobres, resgatar e dar mais vida àqueles que estão perdidos. Ao longo do evangelho, Lucas apresenta Jesus como messias-profeta itinerante e messias celestial, mediante a figura do “Filho do Homem”.

Na segunda parte do primeiro capítulo, consideram-se as questões literárias de delimitação e estrutura do relato da viagem e conclui-se com a abordagem teológica, que oferece a perspectiva do relato como êxodo de Jesus. Quanto à delimitação da seção da viagem a Jerusalém, optou-se pelo conjunto de 9,51–19,46. Embora, esta pesquisa não indique uma estrutura própria para a seção da viagem, apresenta as estruturas propostas em dois estudos que oferecem perspectivas complementares e valiosas. Segundo Lockmann, que sublinha elementos objetivos, Jesus se coloca a caminho e a seção da viagem é compreendida como uma marcha profético-messiânica, estruturada em seis seções regidas pelo verbo *πορεύομαι*. Por sua vez, Székely, que sublinha elementos subjetivos, define a viagem como o itinerário da cruz e da glória de Jesus, composta de grandes seções que focalizam as relações com a sua pessoa e com o Reino, colocando em evidência o dinamismo do seu acolhimento e de sua rejeição. Por fim, a abordagem do relato como memória do êxodo, conclui a segunda parte deste capítulo. Viagem que não tem apenas uma meta histórica – Jerusalém, mas uma meta escatológica: Jesus é elevado junto ao Pai. Na viagem, Jesus está sempre acompanhado por seus discípulos e empenha-se por instruí-los. Não esconde as exigências do seu seguimento, pois trata-se de aderir ao Messias-Profeta que se entrega totalmente por amor até a morte. Ao longo do caminho, Jesus fala do encontro e, sobretudo, se encontra com diversas pessoas e em seus gestos e palavras o Reino de Deus se manifesta: faz justiça aos vulneráveis e acolhe aos pequeninos, perdoa e resgata aos pecadores, cura aos doentes, visita amigos e opositores, convida ao desprendimento e à solidariedade com os pobres.

No segundo capítulo, constata-se a legitimidade do encontro como categoria teológica e, novamente, a parábola do bom samaritano aparece como referencial, desta vez considerada como “o encontro exemplar”, de modo especial, por apresentar o encontro como fenômeno que faz surgir no ser humano a condição de proximidade. Se por um lado, é verdade que na perícopa não se utiliza o termo encontro, nela estão presentes diversos gestos: ver, compadecer-se, aproximar-se, inclinar-se, cuidar, comprometer-se, etc. Por outro lado, sendo a resposta de Jesus ao legista que lhe questiona: “quem é o meu próximo?” é a única em que ocorre o termo próximo. Nela, Jesus lhe faz perceber que a pergunta deve ser invertida: “eu sou o próximo de quem?”. Constata-se, assim, que os interlocutores são convidados por Jesus a se fazer próximos, a ir ao encontro do outro. De forma particular, Jesus brinda seu grande ensinamento sobre o encontro como meio para herdar a vida eterna: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (10,37). Assim, fazer-se próximo do outro, especialmente do mais frágil – o pobre – envolver-se com sua necessidade, transforma uma situação de não salvação em situação de salvação. Esses encontros que transformam a realidade ou invertem uma situação de pecado, morte, injustiça, abandono em situações de perdão e reconciliação, vida, justiça, compaixão e solidariedade etc. são epifania do Reino de Deus. Para que o encontro aconteça é preciso deslocar-se rumo ao outro, ser uma pessoa “em saída”. Isso fez Jesus saindo da Galileia e viajando rumo à consumação da sua páscoa em Jerusalém: paixão-morte-ressurreição, por amor e para a salvação de todos aqueles que a queiram acolher. Jesus é o samaritano da humanidade, ele vai ao encontro de cada um que está caído no caminho.

Na sequência, a categoria encontro passa a ser analisada no texto do evangelho lucano e são identificados cinco verbos gregos, que fazem referência ao encontro: ἀπαντάω, συναντάω, ὑπαντάω, εὕρισκω e ἀνευρίσκω. Destes o mais abundante no terceiro evangelho é εὕρισκω, muito rico em significados e nuances. No entanto, constatou-se que a identificação destes verbos não é suficiente para obter uma compreensão mais completa sobre a noção de encontro no evangelho lucano, por isso, identificaram-se também outros termos ou expressões que descrevem ações ou atitudes que antecedem ou acompanham o encontro. Eis alguns exemplos: ter com, ir para (ἔρχομαι + πρός); ver (ὁράω); comover-se e compadecer-se (σπλαγχνίζομαι); correr (τρέχω) ao encontro; abraçar/lançar-se ao pescoço (ἐπιπίπτω); beijar com afeto (καταφιλέω); acolher/receber (προσδέχομαι; δέχομαι, ἀποδέχομαι, παραλαμβάνω);

encarar ou *fitar* (ἀτενίζω); *olhar para* (ἐμβλέπω); *voltar o rosto para* (στρέφω); *aproximar-se*; *chegar perto* (ἐγγίζω, ἐφίστημι, προσέρχομαι); *inclinar-se* (ἔρχομαι + κατά); *próximo* (πλησίον); *tocar* (ἅπτω); *sentar-se à mesa com* ou *comer juntos* (κατακλίνω; συνεσθίω); *visitar* (ἐπισκέπτομαι). O levantamento destes e outros termos e um breve comentário permitiu compreender e sondar um pouco da riqueza da manifestação do Reino de Deus mediante o encontro, especialmente nos gestos de Jesus, que se tornam gestos de salvação.

A última parte do segundo capítulo identifica os grupos com os quais Jesus se encontra durante a viagem a Jerusalém e oferece uma análise das características da relação de Jesus com cada um deles: encontro ou desencontro. O primeiro grupo é a multidão, com quem Jesus está em contato frequente, especialmente, durante a viagem. A multidão exerce o papel de discípula e também de força motriz para que Jesus se torne uma figura conhecida. Sobretudo é enfatizada a dimensão da escuta e do testemunho pela admiração ante as maravilhas de Deus realizadas por meio de Jesus. O seguinte grupo é o dos discípulos que, por sua vez, se subdivide em: os Doze e os outros discípulos mais próximos. Algo a sublinhar-se é que durante a viagem os Doze praticamente não são mencionados e o grupo mais amplo dos discípulos é que tem o protagonismo. Não apenas os Doze, mas todos os discípulos estão chamados a seguir Jesus pelo caminho da renúncia por amor e carregar a cruz de cada dia (cf. 9,23-24). Por fim, o último grupo é o dos opositores constituído por autoridades políticas, autoridades religiosas e pelo demônio.

Jesus caminhou com seus apóstolos – os Doze, os outros discípulos e a multidão. Ao longo da viagem esteve sempre acompanhado e se encontrou com diversos grupos de pessoas. Nestes encontros ou “desencontros”, emerge o dinamismo do Reino e do profeta acolhido por uns e rejeitado por outros, que a todos oferece a salvação. Essa viagem é a metáfora da comunidade de discípulos e discípulas que caminha com Jesus, o Cristo, rumo à Páscoa que se realiza em Jerusalém. Assim, é a Igreja nascente aquela, que após a ascensão de Jesus, continua na história a sua missão de anunciar o Reino e comunicar a salvação até os confins da terra.

Finalmente, o terceiro capítulo consta de duas partes: na primeira faz-se uma aproximação pragmática do encontro no relato da viagem através do comentário bíblico de duas perícopes, em representação das palavras e gestos de Jesus. Faz-se a escolha dos textos da parábola do pobre Lázaro e do rico (cf. 16,19-31) e do encontro de Jesus com

Zaqueu (cf. 19,1-10) e identifica-se o dinamismo do sinal de contradição como possível estratégia comunicativa, entendido como inversão das situações ou condições que contradizem o Reino de Deus. Dessa forma, em seus encontros ou quando fala sobre o encontro, Jesus procura demonstrar ou testemunhar que a visita de Deus ao seu povo transforma as situações de não salvação em situações de salvação: o que estava perdido é encontrado, o que estava doente é curado etc. O Reino de Deus sempre lutará contra as forças do “anti-Reino”. Assim foi na vida de Jesus e continuará sendo assim na vida dos seus discípulos e da Igreja que também é colocada como sinal de contradição para a queda e soerguimento de muitos.

Em continuidade com o estudo sobre a viagem de Jesus a Jerusalém, também foi realizado o estudo da categoria encontro nas palavras e gestos do Papa Francisco, no viés da cultura do encontro que ele propõe desde o início de seu pontificado. O testemunho do Papa Francisco, como sucessor de Pedro, presta um grande serviço, tal ícone de uma tarefa que é de todas e cada uma das pessoas de boa vontade e, mais ainda, dos batizados, cuja vocação é ser discípulo-missionário de Jesus Cristo. Hoje a Igreja continua chamada a ser testemunha do Cristo Morto-Ressuscitado. Ir ao encontro do irmão, para ser sinal do Reino de Deus, que se manifesta de muitas formas, mas que quiçá poderia sintetizar-se na misericórdia e na compaixão bem evidenciadas na parábola do bom samaritano, figura proposta por Francisco como modelo a ser contemplado, um ícone iluminador para o desenvolvimento da fraternidade e amizade não apenas entre aqueles que compartilham a fé cristã, mas em toda a sociedade: “Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro»” (FT 66; cf. 56-86).

REFERÊNCIAS

- ARENAS, O. R. Jesús, **Epifanía del amor del Padre**: Teología de la Revelación. Bogotá: CELAM, 1987.
- BATISTA, R. de O. **Introdução à pragmática: A linguagem e seu uso**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012
- BENTO XVI. **Verbum Domini**: sobre a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BERLEJUNG, A.; FREVEL, C. (Org.) Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 2011.
- BIBLE WORKS, LLC. Software. 2015. Version 10.0.4.114. Disponível em: <https://www.bibleworks.com/>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- BÍBLIA. Português. **A BÍBLIA**: Salmos. Tradução Matthias Grenzer. São Paulo: Paulinas, 2017.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. Coordenação Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Tradução Euclides Martins Balancin *et al.* São Paulo: Paulus, 2013.
- BROWN, R.E.; FITZMEYER, J.A.; MURPHY, R.Y. (Edit.) **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2011.
- CASALEGNO, A. **Lucas: A caminho com Jesus missionário**. Introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003.
- COENEN, L. BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. Diccionario Teológico del Nuevo Testamento I-IV. Salamanca: Sígueme, 1990-1994.
- COLAVECCHIO, R.L. **Jesus e a comunidade do Reino no evangelho de São Lucas**: O Vendaval da Misericórdia na vida dos discípulos e do mundo. São Paulo: Loyola, 2013.
- COLLET, A. Papa visita a comunidade Akamasoa (Cidade da Alegria) em Madagascar, projeto social que dá vida digna a pobres do lixão. **Vatican News**. Cidade do Vaticano. 03 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-09/papa-francisco-madagascar-visita-akamasoa-padre-pedro.html>. Acesso em: 18 dez. 2020)
- CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CRIMELLA, M. **Verso Gerusalemme**. Il «grande viaggio» di Luca e la cristologia: un'indagine narrativa. **Liber Annuus**. v. 64, p. 237-254, 2014.

DE LEVINFOSSE, M. Priorité et fonctions singulières des foules chez Luc. **Revue Biblique**. Jérusalem, vol. 125, issue 1, p. 25-56, 2018. Disponível em: https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=issue&journal_code=RBI&issue=1&vol=125. Acesso em: 05 out. 2020.

DILLMANN, R.; PAZ, C.A.M. **Comentario al Evangelio de Lucas**. Un comentario para la actividad pastoral. Madrid: Verbo Divino, 2006.

EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ELOY e SILVA, L.H. *Misericordiae Gaudium*: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, n. 88, p. 273-294, Jul/Dez. 2016. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i88.30934/21425>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FARES, D. **Papa Francisco**: La cultura del encuentro. Buenos Aires: Edhasa, 2014.

FRANCISCO. Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os Movimentos Eclesiais. Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em 26 jul. 2015.

_____. Palavras do Santo Padre na Vigília de Pentecostes com os Movimentos Eclesiais. Praça São Pedro. 18 de maio de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 01 mar. 2018.

_____. Santa Missa com Seminaristas, Noviços, Noviças e quantos se encontram em caminhada vocacional. Homilia do Santo Padre. Basílica Vaticana. 7 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130707_omelia-seminaristi-novizie.html. Acesso em: 05 mar. 2018.

_____. Viagem a Lampedusa (Itália). Santa Missa pelas Vítimas dos Naufrágios. Homilia do Santo Padre. Campo Desportivo "Arena" na Localidade Salina. 8 de julho de 2013. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 26 mar. 2018.

_____. Discurso de Sua Santidade Papa Francisco à classe dirigente do Brasil, no Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, RJ, 27 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html. Acesso em 25 jul. 2015.

_____. **Evangelii Gaudium**: A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Discurso aos Bispos Responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação. Auditório do Centro de Estudos do Sumaré, Rio de Janeiro. 28 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em 26 jul. 2015.

_____. Discurso do Papa Francisco ao Movimento Apostólico de Cegos (Mac) e à Pequena Missão para os Surdos-Mudos, na Sala Paulo VI. 29 de março de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140329_movimento-ciechi-missione-sordomuti.html. Acesso em: 26 jul. 2015.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Comunicação a serviço da cultura do encontro. 1 jun. 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em 26 jul. 2015.

_____. Entrevista do Santo Padre no voo de regresso de Tirana a Roma. 21 de setembro de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140921_albania-conferenza-stampa.html. Acesso em: 5 mar. 2018.

_____. Visita ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa. Discurso do Santo Padre ao Conselho da Europa. Estrasburgo, França. 25 de novembro de 2014. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-consiglio-europa.html. Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. Entrevista com o Santo Padre durante o voo de Santiago de Cuba a Washington DC. 22 de setembro de 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150922_intervista-santiago-washington.html. Acesso em: 20 jul. 2018.

_____. Visita Apostólica a Lesbos (Grécia). Encontro com as Autoridades e a População. Memória das Vítimas das Migrações. Discurso do Santo Padre. Francisco. Presídio da Guarda Costeira. 16 de abril de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-cittadinanza.html. Acesso em: 06 mar. 2018.

_____. Por uma cultura do encontro. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela Santa Marta. Francisco. Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada. 13 de setembro de 2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 24 fev. 2018.

_____. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Colômbia. Homilia na Santa Missa em Porto de Contecar – Cartagena das Índias. Dignidade da Pessoa e os Direitos Humanos. 10 de setembro de 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa->

[francesco_20170910_omelia-viaggioapostolico-colombiacartagena.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/09/20170910_omelia-viaggioapostolico-colombiacartagena.html). Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. Peregrinação Ecumênica a Genebra por ocasião do 70º aniversário da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas. Encontro Ecumênico. Discurso do Santo Padre. Centro Ecumênico Visser't Hooft Hall. 21 de junho de 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html. Acesso em: 20 jul. 2018.

_____. Discurso do Santo Padre no Encontro Inter-religioso em Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos. Encontro Inter-religioso. Discurso do Santo Padre. Founder's Memorial (Abu Dhabi). 04 de fevereiro de 2019. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratarabi-incontrointerreligioso.html. Acesso em: 26 fev. 2019.

_____. Discurso do Santo Padre: Encontro com os Migrantes. Sede da Cáritas Diocesana de Rabat. Viagem Apostólica do Santo Padre ao Marrocos. 30 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190330_migranti-marocco.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

_____. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Visita Apostólica ao Marrocos. Complexo Desportivo Príncipe Moulay Abdellah (Rabat). 31 de março de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190331_omelia-marocco.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

_____. Saudação do Santo Padre. Visita ao Patriarca Neofit e ao Santo Sínodo. Aula do Santo Sínodo (Sófia). 05 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190505_bulgaria-patriarca.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

_____. Mensagem Vídeo do Papa Francisco por ocasião da Viagem Apostólica à Macedónia do Norte. 04 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190504_videomessaggio-macedoniadelnord.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

_____. Regina Caeli. Viagem Apostólica do Papa Francisco para a Bulgária e Macedônia do Norte. 05 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_regina-coeli-bulgaria_20190505.html. Acesso em: 16 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Encontro com as Autoridades, Sociedade Civil e o Corpo Diplomático. 31 de maio de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-autorita.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre. Encontro com o Sínodo Permanente da Igreja Ortodoxa Romena. Viagem Apostólica à Romênia. Palácio do Patriarcado. Bucareste.

31 de maio de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-chiesa-ortodossaromena.html. Acesso em: 17 dez. 2020

_____. Oração do Pai Nosso e Saudação do Santo Padre. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Nova Catedral Ortodoxa, Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190531_romania-padrenostro.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. Homilia do Santo Padre na Festa da Visitação da Bem-Aventurada Virgem Maria. Santa Missa. Catedral Católica de São José. Bucareste. 31 de maio de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190531_omelia-bucarest-romania.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. Santuário Santuário Șumuleu Ciuc. 1 de junho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190601_omelia-sumuleu-ciuc-romania.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre. Encontro Mariano com os jovens e as famílias. Viagem apostólica do Papa Francisco à Romênia. 1 de junho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190601_romania-incontro-mariano.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Saudação do Santo Padre. Encontro com a Comunidade Rom. Visita Apostólica do Santo Padre à Romênia. Bairro Bairro Lautaro, Blaj. 2 de junho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-comunita-rom.html. Acesso em: 2020.

_____. Homilia do Santo Padre. Divina Liturgia com a Beatificação de 7 Bispos Greco-Católicos Mártires. Visita Apostólica do Santo Padre à Romênia. Campo da Liberdade, Blaj. 2 de junho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190602_omelia-blaj-romania.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Coletiva de Imprensa durante o voo de Retorno. Viagem Apostólica do Papa Francisco à Romênia. 2 de junho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190602_romania-voloritorno.html. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. *Angelus*. Praça de São Pedro, 14 de julho de 2019. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20190714.html. Acesso em: 19 set. 2020.

_____. Encontro com os Bispos, os Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, Consagrados e Seminaristas, Catequistas e Animadores. Catedral da Imaculada

Conceição. Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2019/9/5/consacrati-mozambico.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre. Encontro com as autoridades, o corpo diplomático e a sociedade civil. Visita Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício. Palácio da Ponta Vermelha, Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_autorita-mozambico.html. Acesso em: 18 nov. 2020

_____. Discurso do Santo Padre. Encontro Inter-religioso com os jovens. Visita Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. Estádio de Maxaquene, Maputo. 5 de setembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_giovani-mozambico.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Saudação do Santo Padre. Visita ao Hospital de Zimpeto. Maputo. Viagem Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. 6 de setembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190906_ospedale-mozambico.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Discurso com o Santo Padre. Vigília com os Jovens. Viagem Apostólica a Moçambique, Madagascar e Maurício. Campo Diocesano de Soamandrakizay, Antananarivo. 7 de setembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190907_vegliagiovani-madagascar.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Conferência de Imprensa do Santo Padre durante o voo de retorno. Viagem Apostólica do Santo Padre a Moçambique, Madagascar e Maurício. 10 de setembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190910_voloritorno-madagascar.html. Acesso em 18 dez. 2020.

_____. Saudação do Santo Padre. Encontro com funcionários e médicos no Hospital São Luís. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Banguecoque. 21 de novembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191121_personalemedico-thailandia.html. Acesso em: 19 dez 2020

_____. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Estádio Nacional de Banguecoque. 21 de novembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191121_messa-thailandia-omelia.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

_____. Saudação do Santo Padre. Visita ao Patriarca Supremo Budista. Visita Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Templo Wat Ratchabophit Sathit Maha Simaram (Banguecoque). 21 de novembro de 2019. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191121_patriarca-buddisti-thailandia.html. Acesso em: 18 dez. 2020.

_____. Homilia do Santo Padre. Santa Missa. Catedral da Assunção de Bangocoque. 22 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191122_messa-giovani-thailandia-omelia.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre. Encontro com os Bispos. Viagem Apostólica à Tailândia e ao Japão. 23 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191123_vescovi-tokyo.html. Acesso em 19 dez. 2020

_____. Saudação do Santo Padre. Homenagem aos Santos Mártires. Viagem Apostólica à Tailândia e ao Japão. Monumento dos Mártires - Nishizaka Hill (Nagasaki). 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191124_omaggio-santimartiri-nagasaki.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

_____. Mensagem do Santo Padre. Encontro em Prol da Paz. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. Memorial da Paz. 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20191124_messaggio-incontropace-hiroshima.html. Acesso em: 19 dez. 2020.

_____. Discurso do Santo Padre sobre as armas nucleares. Parque da Bomba. Nagasaki. 24 de novembro de 2019. Viagem Apostólica do Santo Padre à Tailândia e ao Japão. 24 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20191124_messaggio-arminucleari-nagasaki.html. Acesso em: 19 de dez. 2020.

_____. Coletiva de Imprensa do Santo Padre durante o voo de regresso a Roma. 26 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191126_voloritorno-giappone.html. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. **Fratelli Tutti:** sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. *Angelus*. Praça de São Pedro. 20 de setembro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200920.html. Acesso em: 06 out. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Entrevistado: Paulo Amarante. Suicídio: pesquisadores comentam relatório da OMS, que apontou altos índices no mundo. Paulo Amarante a FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/suicidio-brasil-e-80-pais-das-americas-com-maior-indice>. Acesso em 26 jul. 2015

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Suicídio: pesquisadores comentam relatório da OMS, que apontou altos índices no mundo. **Fundação Oswaldo Cruz**. Comunicação e Informação. Rio de Janeiro. 12/09/2014. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/suicidio-brasil-e-80-pais-das-americas-com-maior-indice>. Acesso em: 26 jul. 2015.

GINGRICH, F.W.; DANKER, F.W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GOURGUES, M. **As parábolas de Lucas**: Do contexto às ressonâncias. São Paulo: Loyola, 2005.

GRENZER, M. **O Projeto do Êxodo**. 2ª edição ampliada. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRILLI, M.; GUIDI, M. OBARA, E.M. **Comunicação e pragmática na exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2020.

GUARASCI, A. Sua vinda à Tailândia é um presente especial, diz Ir. Ana Rosa, prima do Papa. Cidade do Vaticano. **VaticanNews**, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-11/papa-francisco-viagem-tailandia-irma-ana-entrevista.html>. Acesso em: 19 dez. 2020

GUIMARÃES, A.B. **O Encontro como Epifania do Reino**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2015, p. 14-15

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Santo André (SP): Academia Cristã, 2015; São Paulo: Paulus, 2010.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento** I-XV. Brescia: Paideia, 1965-1988.

LAVATORI, R. SOLE, L. **Ritratti dal Vangelo di Luca**: Persone e relazioni. Bologna: EDB, 2001.

LOCKMANN, P.T. de O. **O interlucano**. A narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009, Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LOHFINK, G. **Deus precisa da Igreja?** Teologia do Povo de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

LUCENA, R.; VERSOLATO, M. Depressão já é a doença mais incapacitante, afirma OMS. São Paulo: **Folha de São Paulo**. Caderno Equilíbrio e Saúde. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/12/1563458-depressao-ja-e-a-doenca-mais-incapacitante-afirma-a-oms.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2015.

MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos**: Formação, Redação, Teologia. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MATEOS J; CAMACHO, F. **Jesus e a sociedade de seu tempo**. São Paulo: Paulus, 1992.

ORÍGENES. **Commento al Vangelo di Matteo/2** (Libri XIII-XV), XIV, 7. Roma: Città Nuova, 1999, p. 130-134.

MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos**: Formação, Redação, Teologia. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento: história, escritura, teologia**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MARIN, D.C. Papa Francisco hospeda vítimas chilenas de abuso sexual. *Veja, Mundo*, 26 de abril de 2018. São Paulo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-hospeda-vitimas-chilenas-de-abuso-sexual/>. Acesso em : 10 jan. 2021.

RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulus, 1989.

REID, D.G. (Edit.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Compêndio dos mais avançados estudos bíblicos da atualidade. São Paulo: Vida Nova, 2012.

RFI. Moçambique recebe Papa Francisco em início de giro pela África. **G1. Mundo**. 04 de setembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/04/mocambique-recebe-papa-francisco-em-inicio-de-giro-pela-africa.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2020.

RODRÍGUEZ, J.Z. **El Encuentro**: Propuesta para una Teología Fundamental. Salamanca (España): Secretariado Trinitario, 2010.

ROSANELI, C. F. **Fomes Contemporâneas**. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, C. M. **Metodologia de Exegese Bíblica**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Bíblia e história).

SOTO, D. P. El pensamiento social del papa Francisco. In: **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espíritu. Bogotá, 2016. vol. 66, n. 166, p. 320-321, jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/2526/2208>. Acesso em: 1 mar. 2018

SZÉKELY, J. **Structure and Theology of the Lucan 'Itinerarium'**. Budapest: Szent Jeromos Katolikus Bibliatársulat, 2008.

TERRINONI, U. **Il Vangelo dell'Incontro**. Riflessioni su Luca. Bologna: EDB, 1997.

ULLOA, B.A.N. A **Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-39)**: O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012.

ULLOA, B.A.N; GRACIANI, M.R.R. A dimensão missionária da eucaristia. **Theologica Xaveriana**, v. 66, n. 182, p. 449-470, 28 nov. 2016. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/17953>. Acesso em: 20 out. 2020.

ULLOA, B.A.N. Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco. **Franciscanum**: Revista de las Ciencias del Espíritu. Bogotá, v. 61, n. 172, p. 1-20, set. 2019. Disponível

em: <https://revistas.usb.edu.co/index.php/Franciscanum/article/view/4463/3529>. Acesso em: 26 jan. 2021.

VATICAN INSIDER. Francisco cria novo dicastério e assume pessoalmente o departamento dedicado aos migrantes. 01 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/559581-novo-dicasterio-papa-se-ocupara-dos-migrantes>. Acesso em: 06 mar. 2018.

VATICAN NEWS. Com “dor e vergonha”, bispos chilenos encontram o Papa. 15 de maio de 2018. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/papa-francisco-encontro-bispos-chile.html>. Acesso em 10 jan. 2021.

VATICAN.VA. Encontro: “A proteção dos menores na Igreja”. Vaticano, 21 a 24 de janeiro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/resources/index_po.htm#ENCONTRO_A_PROTE%C3%87%C3%83O_DOS_MENORES_NA_IGREJA [Vaticano, 21-24 de fevereiro de 2019]. Acesso em: 10 jan. 2021